

Código de identificação do ficheiro: MIG01-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aristóbulo Idade: 80	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 02 lado: B min: 98-137	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: A horta: produtos hortícolas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: CD nº: 10A faixa: 01	Data da primeira transcrição: Mai.01 Data da revisão final:

INQ1 Na, na couve ou no nabo, ele costuma a dar um, uma coisinha para cima, quando é novo que até se parte para comer cozido?

INF1 Na couve? {pp} {fp}

INQ1 Ou no nabo.

INQ2 Na couve.

INQ1 Há uma... Na couve. Portanto...

INF1 Na couve? Há{fp} o olhinho da couve que está [AB]mais] mais nova, mais tenra. E, às vezes, [AB]as{fp}] as mulheres vão ao quintal e partem aquele olhinho [AB]da] da couve [AB]para] para fazer uma sopa, para fazer uma coisa...

INQ2 E aquilo, quando ela está a começar a dar semente dá um quê?

INF1 {fp} (Ele) quando {IP}ta=está} a começar, {fp} a gente aqui {PH}'uzĩ=usam}: se é um pé para dar semente, a gente {PH}'dũjĩ=deixam} aquele pé para dar semente. Não mexem nele. [AB]Nãõ, não, nunca]

INF3 Para semear a couvinha.

INF1 [AB]Para{fp}] Para dar a semente, para ele para a gente tirar a couvinha, tem que colher... E depois quando ela espiga, a gente tem que cortar aqueles olhinhos todos, quebrar aqueles olhinhos todos.

INQ2 Quando ela espiga, como é que chama àquela coisinha?...

INF1 (Aquilo é): o espigo é a semente. É aquele aonde estava...

INQ2 No espigo?

INF1 O espigo {IP}'tavẽli=estava-lhe} na semente. Então aquilo pega porque aquilo começa pequenino...

INF2 Dá uma vaginha.

INF1 Vai, vai crescendo, dá umas vaginhas e aquilo é a semente da couvinha. Mas a gente tem {pp} que {CTIle=lha} cortar toda assim [AB|para] para... A gente {PHI'trafi=tratam} "capar a couvinha".

INQ2 *E não há, não há plantas que dão espigo, dessas da... Boa tarde. Pode-se chegar para cá...*

INF3 Não. Não.

INQ2 *Sente-se aqui.*

INF2 (Ele) corre ali mais ar.

INF1 Podes sentar aqui, então, (mais para a cabeceira).

INQ2 *Onde quiser.*

INF3 É que não há cadeiras ali.

INF4 Não, está aqui.

INQ2 *Não há umas outras plantas assim que se criam no quintal, que se aproveitam esses espigos para cozer?*

INF2 É a couve-flor.

INQ2 *Só a couve-flor?*

INF2 Aqui é só (ela).

INQ2 *No nabo, nunca se aproveitam espigos de nabo?*

INF1 Não. [AB|A mais]

INF2 A gente não. Aqui não. (...).

INQ2 *Não?*

INQ1 *Mas o que é o olho da couve? Aquele... O que é que chama o olho?*

INF1 É aquela... A novinha. É aquela couvinha novinha que está ali mesmo {fp}, que [AB|depende] pega a abrir as folhas grandes. Quando está novinha, as mulheres, às vezes, vão ali... Se tem muitas couves... Se {PHInũ=não} tem, {PHI'pẽjĩ=apanham} a desfolhar para ele. Mas se há muitas, elas {PHI'korfĩ=cortam} logo aquilo para fazer um{fp}... A mais tenrinha! [AB|A mais] A couve torna-se mais tenra, mais nova. O olho da couve é o {RClespi==espigo}, ali o olho.

INQ1 *Mas aquele espigo quando era tenrinho nunca se costumava partir?*

INF1 Pois. Mas [AB|se] se as pessoas têm muito – (que) temos muito aqui e muita quantidade –, vão-lhe já comendo aquelas tenrinhas. Porque [AB|tendo] tendo com fartura, (vão comendo)! Agora se há poucas, vão desfolhando, vão tirando as folhas melhores.

INQ2 *Claro. Olhe e aqui não há nada a que chamem grelo?*

INF1 Um grelo?

INQ2 *Um grelo. O que é um grelo?*

INF1 Um grelo é grelo de batata. Uma batatinha muito miudinha! {pp} Grelo de batata!

INQ2 *Sim senhor.*

INF2 A batata, às vezes, é assim deste tamanho. A gente, os grelinhos mais pequeninos...

INQ2 *Começa...*

INF1 {fp} Às vezes, [AB|à, à] {pp} à batatinha mais miudinha, a gente {PHI'trafi=tratam} grelo.

INF2 A gente é grelo.

Código de identificação do ficheiro: MIG02-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aristóbulo Idade: 80	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 02 lado: B min: 292-305	Inquiridor2:
Assunto: A vinha e o vinho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 02	Data da primeira transcrição: Mai.01 Data da revisão final: Set.03

INQ Então explique-me como é que era esse alagar?

INF1 Era (em) /ele de\ pedra.

INQ Havia uma, uma pedra?

INF1 Aqui nessa casa havia um alagar.

INF2 Havia.

INF1 (É) um quadrado de pedra.

INQ Rhum-rhum.

INF1 Umas lajes assim grandes todas, com a bica a correr o vinho. E tem uma trave assim por cima, com um peso e um fuso, tudo em madeira. E a gente {PH|ē¹davĩ=andavam} com aquele peso de roda...

INF2 Mas o peso, aquilo era em pedra.

INF1 Mas é que nesse tanque ficava... Aquilo era pedra tudo. O peso tem que ficar assim dessa altura 'despenso' do chão, que é [AB|para fazer] para descair o peso, para espremer a uva que está no alagar.

No tempo havia era alagares e não prensas. Não.

INQ Aquele pauzinho que se enfiava no fuso para rodar, dava algum nome a esse pauzinho?

INF2 É o fuso. A gente tratava o fuso.

INF1 É. Mas tem um pauzinho ali, tem.

INQ Mas depois, em baixo...

INF1 Eu sei o que é. [AB|Isso é o] Eu sei o que é que o senhor está dizendo.

INQ Havia um coiso ali, um pauzinho, que era onde a gente pegava para...

INF1 Eu sei. Agora, isso pode ter um nome; no tempo, nunca me explicaram o nome desses pauzinhos.

Eu sei que havia o fuso, havia o peso, {fp} {pp} havia o cincho que era donde se deitava a uva dentro...

INQ Que era como aquele que está ali?

INF1 {FR|je='Yeah'}, mas em vimes.

INQ Era em vimes?

INF1 Era em vimes. No tempo, ainda apanhei aqui nessa casa, era em vimes. [ABIEra]

Código de identificação do ficheiro: MIG03-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aristóbulo Idade: 80	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 03 lado: A min: 62-144	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: O linho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 03	
Data da primeira transcrição: Mai.01 Data da revisão final: Set.03	

INQ1 Sim senhor. Olhe, agora, o senhor disse-me que sabia as coisas do linho...

INF1 Do linho {pp}? Ai, senhor, do linho, haver [AB|de] de (me) dizer...

INQ1 Dava algum nome ao terreno que estava semeado de linho, só?

INF1 (Ele) semeava-se... Não senhor. [AB|Semea-]

INQ2 Conte lá como é que era.

INF1 Semeava-se... (Ele) as senhoras [AB|co-] conhecem a semente do linho, não conhecem?

INQ2 Sim.

INF1 É uma sementinha muito miudinha – {CT|ne=não é}?

INF2 Linhaça.

INF1 É uma {RCl|linha=-linhaça}. {PH|'trafi=Tratam} linhaça, que é a semente que até [AB|é muito] diz que é muito bom para deitar em vistas [AB|quando{fp}] quando {IP|tẽw=estão} inflamadas – e que no tempo a gente {PH|dɐj'tavĩ=deitavam}. Na nossa casa deitava-se. Se tinha alguma coisa dentro, aquilo no outro dia... A gente {PH|dɐj'tavĩ=deitavam} um grãozinho daquilo e aquilo limpava a vista. Tirava tudo para fora. Aquilo semeava-se na terra, um bocadinho de terra daquilo, {CT|ne=não é}? Aquilo crescia, {CT|ne=não é}? (Então) quando {IP|'tavẽ=estava} assim grandinho, aquilo era mondado: {pp} tirava aquela erva [AB|que na-] que {PH|nẽ=não} era boa [AB|{CT|pɔ=para o} li-] {CT|pɔ=para o} linho crescer. As mulheres – as raparigas – {PH|'iĩ=iam} mondar aquilo. Nem sequer os homens (mondavam) /mondavam ele\ . Se {PH|'tjĩ=tinham} tempo, os homens também {PH|ɛzũ'davĩ=ajudavam} a mondar. Mas quase sempre era as raparigas que {PH|trɛbɐ'ɫavĩ=trabalhavam} nisso. Ele crescia mais um bocadinho, {CT|ne=não é}? Crescia. Ele o linho era – {CT|kuɜ=com os} rapazes, outra vez, e as raparigas –, era tudo amaçado, boleado tudo. É muito bem ele amaçado.

INF3 (Fica tudo inchadíssimo).

INF1 Para ele tombar. Para ele ficar tombado, a dormir {CT|pra'li=para ali}. Ficava ali. E ele vem dali é que se põe em pé outra vez – chegava a fim de muito tempo, ele ia-se pondo em pé –, até ele espigar e dar a semente outra vez. Chegava a altura de a semente estar cheia {pp}, as pessoas

{PH|εrē'kavī=arrancavam} o linho e {fp} {PH|trē'zīli=traziam-lhe} para casa. Havia um ripanço {pp}.

A senhora, (eu) não sei se sabem o que é um ripanço?!

INQ2 *Um coiso daqueles?...*

INF1 {CT|kūz=Com uns} dentes assim de ferro, sim senhora. [AB|{PH|ik'j'tavīli=Encostavam-lhe}]

{PH|ik'j'tavī=Encostavam} aquilo num banco.

INF2 (Calçavam-lhe uma pedra).

INF1 [AB|Calçavam] Calçavam duas pedras aqui [AB|gran-] pesadas para alevantar o banco;

{PH|ka'savī=calçavam} [AB|o] o ripanço atrás com uma pedra também pesada, {CT|nε=não é}, e as

mulheres {PH|ri'pavī=ripavam} aquilo {pp}, (para ele) {CT|pa=para a} semente cair toda, (para ele)

para tirar a semente, {CT|pɔ=para o} ano ter semente outra vez. Depois de o linho estar ripado, o linho

é ali estendido em 'currales' de reses – que havia muito curral de reses no outro...

INF2 (Ali vinha um pau descaído).

INF1 Num lugar duro! – mesmo quando é [AB|na] na terra. Num lugar firme! {fp} Chão duro! E

aquilo {IP|'tavε=estava} {CT|pra'li=para ali} a secar. Acabava de secar – {IP|'tavε=estava} ali uma

temporada a secar, {CT|nε=não é}? –, acabava de secar, o linho ia {CT|pɔ=para o} forno. As mulheres

{PH|ku'zīi=coziam} pão e o linho entrava {CT|pɔ=para o} forno (e coiso). Depois de tirar o pão, e o

forno quente, {pp} aquilo {IP|'tavε=estava} tudo em mancheias, {pp} {CT|pɔ=para o} forno, a secar!

INF2 (Iam as mancheias).

INF1 Acabava {fp} de secar bem – quando ele {IP|'tavε=estava} bem seco – havia aqui nesta casa do

meu sobrinho, que é aqui – nessa entrada dessa canada –, havia ali [AB|lum] umas pedras de mármore

{pp} que era de amasar o linho.

INF2 Com ajuda...

INF1 As mulheres todas ali, que (ele) aquilo é: {IP|'tavε=estava} sempre (a pedir-se). Quando o linho

acabava, entrava outro.

INF2 À peça.

INF1 A casa da minha madrinha tinha um celeiro. Era o lugar [AB|de] onde amaçava o linho.

INQ2 *Com quê?*

INF1 Com uma maçã. Com uma maçã de madeira. [AB|Ainda te-] Ainda tenho lá uma em casa

também. As mulheres lá [AB|a-] (ele) {PH|εmε'savī=amaçavam} aquilo muito bem amaçado.

{PH|εkε'bavī=Acabavam} de amasar o linho, o linho entrava outra vez {CT|pɔ=para o} forno. Ia outra

vez {PH|ɔ=ao} forno e do forno ia {CT|paʃ=para as} pastagens. [AB|Se-] {fp} {PH|tē'dīi=Estendiam}

nas pastagens {pp} depois de o pasto [AB|est-, ta-] estar comido. Ele {PH|nū=não} é com a erva

grande! É quando (ele) as vacas {PH|ɛkɛ'ɓavĩ=acabavam} de comer o pasto, as mulheres pediam {PH|ɔʃ=aos} lavradores: "Eh, (meu tio), podés-me deixar estender linho no teu pasto"? – e assim, e assim. Ele lá deixava. {PH|i|tɛ'dĩ=Estendiam} aquilo tudo. Havia temporadas de vento que, às vezes, enrolava aquilo tudo {CT|pɔʃ=para os} combros, {CT|paʃ=para as} barreiras. Ele larga-as. Era só (a) dizer a elas: "O linho que {IP|ta=está} por aí, vocês {PH|vaĩ=vão} ver o linho, que aquilo {IP|ta=está} ali tudo (de lapa)". Andavam as pobrezinhas a juntar aquilo outra vez para deitar aquilo tudo. Quando a erva pegava bem no linho {pp} é que o vento nunca mais levantava (ele).

INQ2 Pois.

INF1 Aquilo estava ali uns tempos outra vez, imenso, e traziam o linho para baixo. Ala! [AB|Ele] Ele o linho para baixo outra vez {CT|paʃ=para as}... {pp} Havia três mulheres que {PH|trɛbɛ'ɔavĩnu=trabalhavam o} linho, que era {pp} gramar o linho.

INF2 O linho.

INF1 Com uma gramadeira, gramar o linho! Depois de o linho gramado, ia [AB|{CT|pɔʃ=para o}] {CT|paʃ=para as} costas de uma cadeira {pp} {CT|paʃ=para a} tasquinha, para tasquinhar o linho.

INQ2 Que era para tirar o quê?

INF1 {fp} Para pôr o linho {FR|sini='thin'}!

INF2 (Pois, o linho {FR|sini='thin'}).

INF1 A tasquinha é que tirava aquela folhada toda do linho. Aquilo tudo que não prestava caía fora. E ficava [AB|aqueles cabelos f-] aqueles cabelos fininhos, muito fininhos, bem tasquinhado. {fp} A mulher {IP|'tavɛ=estava} nas costas da cadeira, com uma tasquinha – que é como uma espada, tudo em madeira! –,

INQ2 Pois.

INF1 sempre a dar ali. {PH|'davĩ=Davam}!... {PH|vi'ravĩ=Viravam} aquilo para um lado e {CT|pɔʃ=para o} oitro... {PH|tɛ'ki'javĩ=Tasquinhavam} aquilo muito bem tasquinhado. Depois de tudo bem [AB|tasq-, tasq- {fp}]

INQ2 Tasquinhado.

INF1 tasquinhado, ia {CT|pɔʃ=para os} teares para {fp}... Ah! [AB|Havia]

INF2 (Ele) havia (uma roca).

INF1 Aí ainda havia uma roca!

INF2 As mulheres que fiavam...

INF1 As mulheres que {PH|fi'avĩ=fiavam} {pp}, [AB|{CT|kwɛ=com a}] com saliva da boca e {PH|'tavĩ=estavam} com a roca fiando com o fuso! {PH|iru'lavĩ=Enrolavam} aquilo; quando aquilo {IP|'tavɛ=estava} em fio...

INF2 (A) fazer linha. Para fazer linha.

INF1 (A) fazer linha {fp} é que aquilo ia fazer obra.

INQ2 Sim senhora. Grande explicação!

INF1 É. O tempo do linho é esse que eu que me lembro.

Código de identificação do ficheiro: MIG04-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aristóbulo Idade: 80	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 03 lado: A min: 353-388	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Gado	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 04	Data da primeira transcrição: Mai.01 Data da revisão final: Set.03

INQ1 Olhe, agora outro assunto. Aqui, os homens que costumavam guardar o gado lá para cima, dava algum nome? Um pastor? O que era um pastor?

INF1 É{fp} um lavrador [AB|ou um{fp}].

INF2 É o cabreiro...

INF1 Aqui, um pastor até é um cabreiro. É o [AB|de] de ovelhas ou de cabras. {fp}

INF3 Nunca foi hábito aqui chamar pastor.

INF1 É... O pastor é{fp}...

INQ2 O lavrador é das ove-, das vacas.

INF1 [AB|É das ove-] {pp} O lavrador é de vacas {pp} aqui, aqui.

INF3 De vacas.

INQ2 De ovelhas...

INF1 De ovelhas é que é o pastor.

INQ2 É um pastor.

INF1 É um pastor.

INQ2 E de cabras?

INF1 E de cabras também é um pastor.

INQ2 Não chamavam cabreiro?

INF1 Cabreiro também. Chamavam-{PH|li=lhe} cabreiro mas é daquele gado miúdo é pastor.

INF3 É cabreiro.

INQ2 E o cabreiro anda-... O pastor andava com tudo, com ovelhas e cabras tudo junto, ou não?

INF1 Não senhora. Não senhora. Ovelhas à parte e{fp} cabras à parte.

INQ1 E quando tinham assim muito gado era costume levar um rapazinho para ajudá-lo a tomar conta do gado?

INF1 {fp} Quem tinha rapazinhos levava; quem tinha filhos seus levava, não é?

INQ2 Filhos seus.

INF1 [ABIQuem não] Se não tinha, ele amanhavam-se sozinhos, não é?

INQ2 *Mas, por exemplo, um, um lavrador aqui tem, tinha quantas vacas, por exemplo? Era possível ter até quantas vacas?*

INF1 Ele no tempo, ora...

INQ2 *Noutro tempo?*

INF1 No tempo, o que é que tinha? Era dez, doze vaquinhas – e era se {RC|tive=tivesse}...

INF3 E era o máximo.

INF1 E era o máximo.

INQ2 *Dez, doze?*

INF2 E mais.

INF1 Dez, doze. (Ora se o meu pai)... O meu pai sempre foi lavrador e os meus irmãos {PH|'fori=foram} todos lavradores, e eu nunca conheci-{PH|li=lhe} mais que dez, doze [AB|love-] vacas. E depois é que (ele) à maneira que a gente se {PH|'fori=foram} casando é que {PH|'fori=foram} se montando...

INQ2 *Pois.*

INF1 E hoje {IP|'ta=está} mais.

INQ2 *E então para essas dez ou doze vacas chegava um lavrador, só? Um lavrador chegava para elas?*

INF1 Então, um lavrador, aquilo dava-{PH|li=lhe} para sustentar aquela casa de dez filhos.

INQ2 *Não. Eu estava a dizer para se, para tomar conta? Para...*

INF1 Ah! Da terra? Não dava.

INF2 (Andava o pastor)...

INQ2 *Bastava um, um lavrador...*

INF1 Um só. Um só.

INQ2 *Não precisava de ajudantes.*

INF1 Desculpe, não senhora. Porque {PH|nẽ=não} havia leite a tirar duas vezes {PH|o=ao} dia; era só uma vez {PH|o=ao} dia...

INF2 (E era muito).

INF1 (Ele) o gado não era tratado como é hoje em dia. Lá ia {CT|pɔ=para o} pasto, lá ficava, se o tempo {IP|'tavẽ=estava} bom. Se não {IP|'tavẽ=estava} bom, vinha {CT|pɔ=para os} 'currais' de Inverno.

INF2 (Ali).

INF1 [ABIeram] Era aí uma boiada de Inverno, vinha tudo {CT|pɔ=para os} 'currais'. [AB|Nã] Não ficava fora.

INQ2 *E onde é que eram os currais?*

INF1 [ABIeram] Eram aqui mesmo abaixo dessa casa. Era o curral do meu pai. Era {PH|o=ao} ar livre. Era tapado com combros de cana em toda a volta, e a gente {PH|emẽ'ravĩlẽ}=amarravam-nas} pela cabeça, ali, e com uma manjedoura, e lá {PH|dej'tavĩ=deitavam} as comidas que {PH|fẽ'ziĩ=faziam}.

Comidas, às vezes, {fp} inferiores a essas de hoje, porque eram, às vezes, comidas meias podres que se aproveitava porque {PHInẽ=não} havia Provimi – essas rações. {PHIjẽ=Não} havia nada disso.

INQ2 Mas, portanto, o curral era só tapado...

INF1 Só em volta mesmo.

INQ2 Em volta. Por cima...

INF3 Às vezes, às vezes tinham...

INF2 (Havia alguns que tinham).

INF1 Alguns tinham a arribana; mas muito poucos.

INF3 Era poucos.

INF1 Muito poucos. (E dizem)...

INQ2 E cada pessoa tinha o seu curral?

INF1 Cada pessoa! E {PHlu¹zavĩ=usavam} mais até um curral era {CT|pɔj=para os} bois de trabalho.

{CT|paʃ=Para as} vacas, não.

INQ1 Mas essa arribana também servia para pôr o gado lá dentro, era?

INF1 Servia sim senhor. Tratavam (o gado)...

INQ1 Em baixo?

INF2 (Ele era, era).

INQ1 Não eram dois pisos?...

INQ2 Dois...

INF3 Não. É um piso só!

INF1 É, é. Ele é: o animal {IP|ta=está} aqui, faziam um abrigo aqui por cima. E {fp} é só um piso. Aqui nunca houve...

INQ1 E tinha paredes à volta ou era só o tecto?

INF1 Ele até ia ali coiso era rente a uma barreira, rente a [ABlum] um combro de canas. Lá faziam o seu amanhã [AB|pa-] {CT|pɔ=para o} gado estar (ali bem).

INQ1 Bastava só ter assim um tecto...

INF1 Sim, sim. E muitos era {PH|ɔ=ao} ar livre.

INF2 O tecto era de palha.

INQ2 O tecto era de palha?

INF1 Eh, {PHInẽ=não} havia {fp}... Não, não era de palha; era uma coisa para amanhar só.

INQ1 E esses lavradores quando iam assim, de Inverno, lá para cima, para o mato com, com,

INF1 Com o gado.

INQ1 com o gado... É isso que eu lhe queria perguntar: há bocadinho o senhor falou no gado. A que é que se chama gado aqui? É... É todo?

INF1 É tudo. É os animais todos. Aquilo é tudo gado.

INF3 (São as vacas).

INF1 As vacas, as cabras, ovelhas, isso é tudo gado, {CT|lne=não é)?

INQ1 Tudo gado.

INF1 Tudo gado. A gente trata isso tudo gado, {CThe=não é}?

Código de identificação do ficheiro: MIG05-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aristóbulo Idade: 80	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 03 lado: B min: 86-125	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: Ervas, arbustos e flores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 05	Data da primeira transcrição: Mai.01 Data da revisão final: Set.03

INQ1 Há bocadinho também falou que se punha, antigamente nas casas de terra, de chão de terra, que se punha esta coisa de...

INF1 Era, era, {PH|'pujĩ=punham} {fp}...

INF2 E erva-santa.

INF1 E erva-santa também que cheirava muito bem.

INF2 Para largar aquele cheirinho.

INF1 Ervá-santa. A senhora sabe o que é erva-santa?

INQ1 Erva-santa? Não. Acho que não sei o que é...

INF1 É uma erva que dava nas pastagens, que espigava e que cheirava muito bem em casa, quando ela {IP|'tavẽ=estava} seca.

INF2 Dava um cheiro...

INF1 E as mulheres até gostavam muito, porque as casas... Não havia {RC|ca=casas}... Havia muita casa era de terra. {PH|nẽ=Não} havia de cimento, {PH|nẽ=não} havia esses azulejos, {PH|nẽ=não} havia esses tijolos de agora. Era tudo de terra e, pelas festas, elas gostavam das casas [AB|enf-] assim com aquele cheiro daquela erva-santa no chão, ou então ramada de pinho, ou criptoméria também.

Aquilo dava cheiro e {PH|nũ=não} {IP|'tavĩ=estavam} com os pés no chão. Pois.

INQ1 Mas era só nessa época?

INF1 Era só nas alturas das festas que usavam isso – e de Verão [AB|quando havia] quando havia a tal erva-santa. Que então de Verão é que havia a erva-santa, que {PH|trẽ'zĩ=traziam} muita e era o que se usava nas festas. Mesmo as pessoas {PH|trẽ'zĩ=traziam} aquilo [AB|já {pp}] já para dar um cheiro em casa. E a casa estava sempre mais bem atimada.

INF2 (Eu, em casa, também) era isso.

INF3 Não havia trevo!

INF1 Não havia trevo.

INQ2 Não, o que eu queria lhe perguntar, era: a gente falou nas pastagens há bocado e eu queria era... Essas pastagens, semeava-se lá qualquer coisa para crescer ou era a erva que crescia assim?

INF2 Era, era a erva...

INF1 Primeiro, {fp} ela nascia por si, a erva-santa e a erva da terra. Depois [ABlé que] {pp} é que {PHIkumi|savẽj=começavam} a vir mais: o trevo, azevém, (aquilo tudo). Mas no tempo era só erva que nascia {CT|pra'li=para ali} e que dava muita erva-santa.

INF3 Muita erva-santa.

INQ2 Diga-me uma coisa: o azevém não era parecido com esta? Não está aqui.

INQ1 O azevém é o quê?

INF2 Há azevém de várias qualidades.

INQ2 É parecido com isto, com o joio?

INQ1 Ah!

INF1 Há azevém de muitas qualidades.

INQ1 O azevém era parecido com o joio, ou não?

INF1 Há um azevém rijo aí que (ele) eu acho que é parecido com isso.

INF3 [AB| Eu não] Eu não conheço o joio. Só conheço o joio é do evangelho!

INF1 Do evangelho só.

INQ1 E é só de palavra!

INF3 E é só de palavra. Eu não sei o que é joio – não é?

INQ1 Não está lá? Está lá.

INQ2 Está lá.

INF3 (...)

INQ1 Mas o senhor conheceu o joio, ou não?

INF1 [AB|Ele{fp} é como eu] Ele é [ABlum{fp} espé-] uma espécie de erva rija...

INQ1 Sim.

INF1 Uma erva muito rija. [AB| É como um]

INQ1 Assim com uma espiga.

INF1 Exactamente.

INQ1 Rija?

INF1 Uma espécie de junco, [AB|de] de junco.

INF2 (...)

INF1 Mais baixinho, mais... (Ele) não é como o junco... A senhora sabe o que é a junqueira?

INQ1 Sei.

INF1 Uma junqueira que é de fazer {RC|capa-=capachos}.

INQ1 Dá depois uma folhinha...

INF1 E faziam capachos, no tempo, de junco. O joio é uma coisa mais miúda do que isso, mas rija.

[AB|O an-] O animal não gosta disso. É uma erva ruim, não é? É uma erva que não era boa.

Código de identificação do ficheiro: MIG06-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aristóbulo Idade: 80	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 03 lado: B min: 217-260	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: O gado vacum	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 07	Data da primeira transcrição: Mai.01 Data da revisão final: Set.03

INF1 O vermelho, quando era uma vaca toda vermelha, a gente dava-lhe o nome {fp} logo de briosa.

INF2 Ou formosa!

INF1 Aí havia formosa também.

INQ1 Formosa?

INF1 Formosa, briosa, {fp} era vários nomes que a gente davam pela feitura [AB]da{fp}] de cor {pp} do animal. {fp}

INF2 Do animal.

INQ1 Eu ainda lhe queria perguntar...

INF2 (Tem o melão que é tão belo)!

INQ1 Queria confirmar este. Portanto, quando nasce um pequenino chamam-lhe o quê? Assim que acaba de nascer...

INF1 Um vitelinho.

INF2 É um vitelo.

INF1 Um vitelo ou vitela.

INQ1 E depois? Até, até que idade é que é vitela?

INF1 (...)

INQ1 Ou vitelo?

INF1 [AB]Ah, até] (Ele) quando ele já {IP}ta=está} comendo já é que lhe chamamos vitelinho já que já {IP}ta=está} comendo, já {IP}ta=está}... {fp} Era sempre vitelo que {PH}'trafi=tratam}, {CT}ne=não} é).

INQ1 Até aos seis meses? Até?...

INF1 Mais ou menos {fp}.

INQ1 E a partir daí como é que chamam?

INF1 Já, às vezes, já então uma bezerra.

INF2 É uma bezerra. É uma bezerra.

INF1 Já {IP|ta=está} em bezerra, já...

INF2 Ou um bezerrinho.

INF1 Ou o bezerro ou a bezerra já {IP|ta=está} comendo bem, (já ele) já {PH|nũ=não} precisa do leite, não é?

INQ1 *Rhum-rhum. E depois maior?*

INF2 É um guexinho já.

INF1 Maior [AB|já] já é uma guexa.

INQ2 *Ou um?*

INF1 Uma guexa.

INQ1 *Ou então? Se for...*

INF2 (...) Se for macho, é um guexote.

INF1 Se é fêmea é guexa. Se for macho é um guexote, ou um guexo.

INF3 Ou um novilho.

INF1 Ou um novilho (...).

INF3 (...)

INQ1 *Então e um novilho o que é?*

INF1 É também [AB|lum qu-] um guexo.

INF3 (Mais acima).

INQ1 *É a mesma coisa? Novilho ou guexo é o mesmo?*

INF1 É. (Ele é) /era\ também o mesmo.

INQ1 *E se for fêmea?*

INF1 {fp} É uma guexa ou novilha. (É{fp}) /Ele é\ também a mesma coisa.

INQ1 *Mas novilha é antigo? É uma palavra antiga também?*

INF1 É. Sempre ouvi: {pp} a novilha sempre, sempre, novilha – a guexa. Eu sempre ouvi isso de antigo.

INF2 (...).

INQ2 *Rhum-rhum. Sim senhor.*

INQ1 *Sim senhor.*

INQ2 *Olhe e como é que se dizia de uma vaca se, por acaso, tinha ido ao touro e naquele ano não tinha ficado prenha? Como é que se dizia: olha esta, esta vaca este ano ficou?...*

INF1 Este ano ficou{fp}... Ai, não...

INF3 (...)

INF1 Essa vaca {fp}, ela tomou mas não ficou. Essa vaca anda errada. {pp} Anda errada.

INQ2 *Sim senhor. Falha um ano, é só por acaso naquele ano...*

INF1 Sim. (Mas ele) {pp} por acaso até pode acontecer a tomar adiante outra vez e errar outra vez. Isso é uma vaca que já está errada. [AB|Já] Já é uma vaca que {IP|ta=está} boa é para ir {CT|po=para o} matadouro, se ela continua a fazer isso muita vez. E algumas não continuam. Erram uma vez e na segunda vez vão direitas. {fp} Isso depende, então.

INQ1 *E aquelas vacas que nunca pegam? Que nunca ficam cobertas?*

INF2 Infecundas.

INF1 Como é que dizes?

INQ1 Mas como é que se dizia antigamente? Tinha algum nome para essa?... Uma vaca que não servia para ter filhos.

INF1 [ABIEu já] Eu já compreendi, minha senhora, mas eu não sei o nome como é que davam a uma vaca assim.

INQ1 Nunca davam?...

INF2 A infecunda, a infecunda [ABlnão] não pega. (...) Não, não. {fp} Era errada. Se a vaca errou, errou.

INQ1 Não chamavam maninha?

INF1 Rhum, não senhora, aqui não.

INQ1 Não?

INF1 Aqui não.

INQ2 E quando ela tinha tomado e depois deixava de dar leite, dizia-se "olha a vaca"...

INF1 {IP|'tavẽ=Estava} alfeira.

INQ2 E o primeiro leite, depois de ela ter parido, aquele primeiro leite que é mais amarelado, mais...

INF2 É tenro.

INF1 Leite tenro.

INQ2 E o que é que?... E o que é que se fazia com esse leite?

INF1 Requeijão. Ah, havia casas que faziam requeijão que {PHlg^w'tavĩ=gostavam}; e outras {PHlnũ=não} {PHl'gõ'fĩ=gostam}. Mas havia pessoas que {PHlg^w'tavĩ=gostavam} de um bocadinho de requeijão. {PHlõ=Ao} fim de dois, três dias é que se tirava esse leite para fazer requeijão. [ABILá...]
Ele {PHlnẽ=não} é logo no primeiro dia. {PHlõ=Ao} fim de aí {fp}...

INQ2 Mas era com o leite tenro?

INF1 Com o leite tenro. E não é de uma guexa da primeira vez; é de uma vaca já parideira. Porque (ele) dum guexa, aquilo (aguenta ele) /aguenta-lhe\ uns dias sempre amarelo. Ao fim de uns dias, acrescentado mas sempre amarelaço. E quando fazem o [RPlo] requeijão [ABljá não] não é com aquele leite muito amarelo. É quando o leite já vai perdendo a cor; é que aquilo junta.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Rhum-rhum.

INF2 (...)

INQ2 A vaca bateu com a cabeça contra a parede e partiu o quê?

INF1 Um corno. A gente aqui até {PHltrẽ'tavĩ=tratavam} era um corno.

INF2 Ou um chifre.

INF1 E outros dizem que é chifres. Eu (ele) ouvi dizer que é um corno.

Código de identificação do ficheiro: MIG07-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aristóbulo Idade: 80	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 03 lado: B min: 285-300	Inquiridor2:
Assunto: O gado vacum	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 07	Data da primeira transcrição: Mai.01 Data da revisão final: Set.03

INQ Olhe, a bosta das vacas costumava-se juntar assim a um...

INF1 Juntava-se aqui nesses 'currales'. Juntava-se que aquilo era tudo aproveitado para semear milhos, para deitar nas terras – tudo acartado às costas, daqui de baixo, tudo empurrado para uns 'currales' e o carro carregava aqui no caminho. [AB|Era] Era ajuntado para um monte. [AB|Era]

INF2 Obrigado. Acabei de fumar agora.

INF1 Era cavado. Dava-se cava naquele esterco, duas, três vezes, para fazer um esterco bom – a gente {PH|trɛ'tavĩ=tratavam} aquilo estrume – um esterco bom. Era preciso cavar; que aquilo era com milheiros que se acartava para ali [AB|{CT|pa=para a}]. Aproveitavam mesmo a (.../N), como é hoje.

INQ Chamava-se mais esterco ou estrume?

INF2 Estrume ou esterco.

INF1 {RC|Ester=-Esterco}. [AB|A gente aqui] A gente aqui {PH|trɛ'tavĩ=tratavam} mais era esterco.

Mas é estrume.

INQ Sim senhor. E, portanto, esse sítio onde juntava o esterco, não tinha nome nenhum?

INF1 Era no curral. Era no curral das vacas.

INQ Não, mas aquele sitiozinho no curral, onde se juntava mais o esterco, não? Ou quando... Quando tinha que limpar o curral, tinha...

INF2 [AB|Aquilo é, ao fim de, quando {IP|'tavɛ=estava}] Quando {IP|'tavɛ=estava} para alimpar, era preciso limpar e deitar para aquele monte. [AB|E aquilo]

INQ E esse monte não tinha nome?

INF1 Esse monte tinha um nome: [AB|lé{fp}] é o monte do esterco. A gente {PH|kɐ'vavĩ=cavavam}...

{PH|dɛj'tavĩ=Deitavam} aquilo sempre para ali. {CT|ɔ=Ao} fim de tempos é que

{PH|kɐ'vavĩ=cavavam} aquele monte e {PH|dɛj'tavĩ=deitavam} numa serra direita, assim toda

(direita). Faziam ali umas paredes e aquilo {IP|'tavɛ=estava} ali em cozimento. {CT|ɔ=Ao} fim de

tempos, {PHltur'navĩ=tornavam} a dar outra cava nesse esterco. Sempre nos 'currales'! E depois é que {PHløkør'tavĩ=acartavam} isso {CTlpaʃ=para as} terras.

Código de identificação do ficheiro: MIG08-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aristóbulo Idade: 80	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Amós Idade: 52	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 03 lado: B min: 331-349	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: O gado ovino	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 08	
Data da primeira transcrição: Mai.01 Data da revisão final: Set.03	

INQ1 Quando a gente ia tirar a lã à ovelha, dizia que estava a quê?

INF1 Tosquiar. {PHldi^hkjar=Tosquiar} as ovelhas.

INQ1 Com quê?

INF1 Com uma tesoura, à mão. Que eu ainda tenho essa tesoura lá em casa. Uma tesoura de... Como é?

INF2 (...).

INF1 Um arco? Não{fp} é bem um arco de cartola. Aquilo é {fp} uma tesoura preparada mesmo para {pp} cortar.

INF2 Cortar.

INF1 E hoje em dia já {PHlnū=não} é assim. Hoje em dia temos máquinas [ABlde] {pp} de cortar.

INF2 Cortar.

INQ1 E quando o senhor estava a tosquiar, aquela quantidade de lã que saía da, que uma ovelha dava, como é que se chamava?

INF2 (É a lã).

INF1 [ABlA gente, a gen-, a gente] Aquilo, a gente {PHlɛpruvej^htavĩ=aproveitavam} aquela lã toda. A gente {PHlɛpruvej^htavĩ=aproveitavam} aquela lã toda, que a gente sempre...

INQ1 Eu sei. Mas, portanto, aquele aparo, aquele montinho de lã que só, era só de uma ovelha, porque aquilo ia sempre inteirinho, ia ficando...

INF1 Pois. Aquilo ia [RPlaquilo ia] {fp}...

INQ1 Dava algum nome àquele montinho?

INF1 Não senhor. Aquilo é... A gente não {PHl^hdavĩ=davam} nome nenhum àquilo. Não dávamos nome.

INF2 Pois. (...)

INF1 Porque aquilo {IP|tave=estava} tosquiado, a gente {PH|ɛzũ'tavĩ=ajuntavam} logo para uma saca, que aquilo era para lavá-lo depois, para escaldar, para... Aquilo (ele) dava muito trabalho!

INQ2 *Aquela outra coisa que elas faziam era quê?*

INF1 Era cardar {pp} com as cardadeiras.

INF3 Eh, tio Amílcar, quando se pesava a lã naquelas balanças próprias {fp} que havia antigamente, não é? Não era libra que chamavam depois? (Não se chamava uma libra)?

INF1 É. Mas isso – oh! –, mas isso já era depois de ela estar lavada.

INF3 Não, eu digo [AB|depois] depois de estar lavada ou antes de lavar, era o peso da lã. {pp} Não era o peso da lã (...)?

INF1 Não. Era o peso da lã mas era depois... Não. A gente não {PH|pi'zavĩ=pesavam} cada ovelha em si.

INF3 (...).

INQ2 *Não pesavam ovelha por ovelha?*

INF1 Não senhora. A gente {PH|ɛjũ'tavĩ=ajuntavam} aquilo tudo: branco, branco; preto, preto à parte.

INF2 Para encher.

INF1 E depois é que {PH|lɛ'vavĩ=lavavam} aquilo tudo, e então é que era pesado naquelas balanças com umas pedras (.../ADJ-P).

INF3 Uma balança, não é?

INF1 Umas balança^{zinhas} [AB|de]...

INQ2 *E chamava-se o peso? Ou dizia-se em quando, em quê?*

INF2 É libras.

INF1 {fp} É libras e gramas que {PH|trɛ'tavĩ=tratavam} aquilo. Tinha umas pedras que {fp} aquilo já {IP|tave=estava} pesado [AB|por aque-] por essa gente antiga, e {PH|dɛj'tavĩ=deitavam} aquilo ali e depois...

INQ2 *Pois.*

INF2 (É pedras do calhau). Mas já estavam pesadas (...).

INF3 (...)

INF1 Mas [AB|aquilo dava] ele dava trabalho que aquilo era preciso escaldar...

INQ2 *Pois.*

INF1 Aquilo era...

Código de identificação do ficheiro: MIG09-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Amoedo Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 03 lado: B min: 370-382	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: O leite	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 09	Data da primeira transcrição: Mai.01 Data da revisão final: Out.03

INQ1 Fazia-se manteiga aqui com a nata?

INF1 {fp} De ovelha, não senhor.

INF2 (...).

INQ1 Não, de vaca?

INF1 De vaca, fazia-se. Em casa.

INF2 De vaca. {pp} Com o leite.

INQ1 Em casa?

INF2 Era em casa.

INQ1 Como é que se fazia?

INF1 {fp} Ferviam o leite e {fp} tiravam-lhe aquela {RC|na=-nata}, aquele {fp}... A gente {PH|trɐ'tavĩ=tratavam} o laço do leite, que é a gordura do leite.

INF2 (É a gordura mesmo.)

INF1 E iam juntando aqui para uma tigelinha, com umas pedrinhas de sal {pp}. Quando tinham uma quantidade, as mulheres {PH|betĩ=batiam} aquilo, {PH|batĩ=batiam}, {PH|betĩ=batiam},

{PH|betĩ=batiam} até...

INQ2 Dentro de quê?

INF1 Como?

INQ2 Dentro de quê?

INF1 Dentro duma tigela.

INF2 Duma tigela.

INF3 E há quem batia (aquelas natas) numa lata (...).

INF1 Num alguidar.

INF2 (Num alguidar) batiam mais depressa.

INF1 E há quem batia numa lata, mas a maioria das pessoas era numa tigela. {PH|betĩ=Batiam} aquilo bem e quando ela juntava já (ele) fazia uma bola. Conforme a gordura (tende) – aquilo já {IP|'tavẽ=estava} temperada com o sal, {CT|nẽ=não é}? –, fazia uma manteiga muito boa! Muito saborosa! Comia-se bem {CT|kũ=com um} bocadinho de pão de milho fresco. No tempo!

INQ2 Rhum-rhum. Sim senhor. E aquilo fazia-se?... Faziam uma bola com aquilo, era?

INF1 {fp} [AB|{CT|kwẽ=Com a}] {CT|kwẽ=Com a} manteiga, sim senhora. Aquilo (ele) estava...

INQ2 Ou faziam?...

INF1 Aquilo ficava dentro numa tigela com água – naquela bola. Ficava sempre ali com água. Mesmo a gente ia-o gastando e aquilo tinha sempre água ali fresca. {PH|dej'tavĩ=Deitavam}...

INF2 Pois.

INF1 {PH|ti'ravĩ=Tiravam} uma, {PH|dej'tavĩ=deitavam} outra. Quando aquela não estava boa, {PH|dej'tavĩ=deitavam} outra até gastar a manteiga, não é?

Código de identificação do ficheiro: MIG10-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Amoedo Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 03 lado: B min: 382-431	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: O porco	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 10	Data da primeira transcrição: Mai.01 Data da revisão final: Out.03

INQ1 Agora outro assunto: o pequenino do porco, da porca quando acaba de nascer é o quê?

INF1 É um {fp}... Como é o nome daquilo?

INF2 O bacorinho.

INF1 A gente {PHI'trafĩ=tratam} o bacorinho.

INQ1 E depois quando é já maiorzinho.

INF2 Ou um leitão.

INF1 É {fp} um marrãozinho. [AB|Ou {fp}]

INQ2 Desculpe lá, como é que o senhor disse também? Bacorinho ou então?...

INF1 Ou leitão também.

INF2 Então, [AB|ou] ou um leitãozinho, ou um bacorinho. À maneira que vai crescendo vai tendo outros nomes.

INF1 Mas aqui se tratavam muito era bacorinhos. Bacorinhos. "A porca teve tantos bacorinhos"!

INQ2 E quando eram um bocadinho maiores já eram?...

INF1 Aí já eram (ele) marrõezinhos.

INF3 Não era sempre bácoros? (Era sempre bácoros).

INF1 Era sempre bácoros até vender. [AB|Até]

INQ2 É sempre?

INF1 Bácoros. Bácoros. {pp} Até vender! E depois já eles cresciam mais: "Ah, já tenho um marrãozinho"! Já {fp} a gente criavam...

INF3 Até oito semanas era bácoro. E depois era marrão, depois de oito semanas.

INQ2 Portanto, primeiro era bácoro e depois era?...

INF1 Era {fp} marrãozinho.

INQ2 Mas só se fosse...

INF1 Um marrão. Marrãozinho. Eu {IP|'to=estou} dizendo marrãozinho porque era mais pequenino.

Um marrão já é [AB|ma-] mais grande.

INQ1 Mas, e se for... Se fosse um macho, era um bécoro. E se fosse uma fêmea, era uma?...

INF1 [ABIera] Ele era uma 'marroazinha'.

INQ1 Uma?...

INF1 Uma 'marroa'. Ou uma bécora. Uma bécora {PH|femø=fêmea}. Ou {fp} uma 'marroa'.

INQ1 E quando eram bécoros, ainda, para comerem, fazia-se uma coisa de madeira ou em, ou em cimento, baixinho, que era para eles poderem comer...

INF1 É um {fp} gamelão. Um gamelão em madeira.

INQ1 E aquilo que se punha no focinho deles para eles não?...

INF1 Um garmel {pp} para (lhe) eles {PH|nũ=não} foçar.

INF2 Para {PH|nũ=não} foçar.

INQ1 Como é que é?

INF1 [ABIUma ve-] Um garmel.

INF2 Uma vergazinha.

INF1 Agora já não se usa isso porque os 'currales' são todos acimentados. Mas no tempo usava-se muito isso.

INQ2 Desculpa. Costumava-se chamar leitão ao que estava morto? Ao, à carne já para comer?

INF1 {fp} Havia gente que {PH|lmø'tavĩ=matavam} 'leitãos' [AB|quando se] {fp} novos. E

{PH|trø'tavĩ=tratavam} isso era um leitão: "Vamos comer hoje um leitão".

INF3 Nunca foi hábito.

INF1 Mas [AB|mui-] não era muito hábito aqui, {CT|ne=não é}?

INQ2 Ah!

INF1 Agora é que já [AB|f-] vão usando mais. "[AB|Ai, vou] Ai, hoje vai-se matar um leitão"...

[AB|Se a gente] É um leitão. É um marrãozito já grande, novo, pois {PH|øpr^w'võjfi=aproveitam} e é

que {PH|fazi=fazem} o leitão, comem aquilo. [AB|Depois]

INQ2 Mas é já uma coisa recente, agora? É uma coisa de agora?

INF1 Já é (muito)... Já é de agora. Isso já é de agora. No tempo [AB|nã] não {PH|lu'zavĩ=usavam} isso.

INF3 (...).

INQ2 Pois.

INF3 [AB| Isso é mais] Isso é mais um costume importado do Continente. Isso é: os continentais a virem para cá e a gostarem muito do leitão e habituaram também os açoreanos também a comer leitão.

INQ1 Sim senhor.

INQ2 Os açoreanos não comiam leitão? Não comiam bécoro?

INF2 Não comiam disso. Isso não se preparava.

INF1 Não senhora. Aqui era muito raro. Ele era muito raro.

INQ2 Só grande?

INF1 Era só grande. {fp} {PH|kri'avĩ=Criavam} aquilo de um ano, um ano e tal. Até havia no tempo que {PH|kri'avĩ=criavam} porcos de quatro anos. [AB|Para ca-] Isso é que fazia um bom porco! De quatro anos!

INF2 (Não. Ele não)!

INF3 Sim, sim. O porco para ser saboroso tem que ter anos como pés.

INF1 Como pés. Exactamente.

INQ2 Como é que é?

INF1 O porco para ser saboroso – {fp} [AB|ele, a] o conduto de porco, a comida dele toda – [AB|ele é para ser] ele deve ter anos como pés. Quatro anos! E, no tempo, havia muitas casas – a nossa casa era uma delas – que matava era sempre porcos de quatro anos.

INF2 (Era quatro anos).

INF1 Agora não. É de ano, é de meses {pp}, já {PH|'matĩ=matam} e comem...

INQ2 Pois.

INQ1 Para, para matar, havia alguém que era especialista?

INF1 Havia, sim senhor. Isto é matador, isto é matador, isto [AB|é] trabalha nos porcos que é uma maravilha! [AB|Eu não sei traba-] Não sei trabalhar nada em porco. (Ele) até {PH|nũ=não} gosto de ver matar.

INQ2 Pois.

INF1 Não, por enquanto, {PH|nũ=não} gosto de ver matar.

Código de identificação do ficheiro: MIG11-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Amoedo Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 04 lado: A min: 56-68	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: O porco e a matança	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 11	Data da primeira transcrição: Mai.01 Data da revisão final: Out.03

INQ1 O que é a graxa?

INF1 {fp} O que é a graxa? É a banha.

INQ2 É o mesmo?

INF1 É, sim senhor, é.

INF2 (É a mesma coisa).

INQ2 Quando ainda está em rama? Quando ainda está no porco? Também se chama graxa no porco?

INF2 (Também), pois então.

INF1 [ABIE{fp}] E mesmo derretida é a graxa. É a banha.

INF2 Essa é a banha. Banha.

INQ2 Tanto faz

INF1 Tanto faz. Tanto faz.

INQ2 ser derretida como ser... Nunca chamaram manteiga?

INF2 Manteiga? {PHI^ltrafi=Tratam} manteiga também.

INF1 {fp} Manteiga, mas... Manteiga é quando vai à panela, que {IP^{lta}=está} a ferver, ou já ferveu, e as mulheres {PHI^ldēji=deitam} aquilo {fp} em boiões, que é para fazer as comidas pelo ano adiante. É com essa manteiga. Que é da graxa branca que se faz isso.

INQ2 Portanto, mas nessa altura já chamam manteiga?

INF1 [ABI{fp}] Já cha-] Depois de derretida é que {PHI^lʃemĩ=chamam} manteiga.

INQ1 E graxa é antes de estar derretida?

INF1 Graxa {pp} é antes de ir {CT^lpɔ=para o} lume.

Código de identificação do ficheiro: MIG12-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Amoedo Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 04 lado: A min: 68-107	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: A criação de gado – generalidades	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 12	Data da primeira transcrição: Mai.01 Data da revisão final: Out.03

INQ1 Agora outro assunto: se eu tiver dois bois, digo que tenho uma junta; e se tiver dois cavalos ou duas éguas, digo que tenho o quê? Uma...

INF1 Uma junta.

INQ1 Também?

INF1 "Tenho uma junta de cavalos". Se é para puxar {fp}, em charretes, é uma junta também,

{CTInε=não é}? Aqui não há. Já houve. Já houve. Mas aqui não há já essas coisas de charretes. Já não há.

INQ1 Dessas charretes que era puxado só... Era para pessoas.

INF1 {fp} Era, sim senhor.

INF2 As pessoas ricas é que tinham disso.

INF1 Nessa casa aqui também usavam [ABlum{fp}] um charabã. Era só [ABIdum, dum] дума besta, não é? [ABIE]

INQ2 Usavam o quê?

INF1 Um charabã.

INQ2 O que é um charabã?

INF1 É {fp} espécie de uma carroça, mas bem feito, {CTInε=não é}, {CTIkū=com um} cavalo só a puxar, com uns assentos bons. {fp} Não é carroça; é um charabã. Um charabã.

INQ2 Para as pessoas lá irem?...

INF2 (...)

INF1 {CTlpaʃ=Para as} pessoas e (que) {PHlfv'zĩ=faziam} viagens e {PHlga'javĩ=ganhavam} dinheiro. Os donos {PHlga'javĩ=ganhavam} dinheiro, que iam fazer fretes com essa gente rica {pp} [ABlera] era naquilo.

INQ2 E como é que se chamavam esses homens? Qual era a profissão deles, esses que andavam com o charabã?

INF2 (...)

INF3 (Chamavam-lhe) os cocheiros.

INF1 É. Como é que se dizia? Cocheiros, é. Cocheiros.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 Isso, aqui, (ele) donde a gente {IPti'verĩ=tiveram} aquilo, aquilo era uma garagem de arrumar o charabã dessa casa.

INF3 Aquelas pedras que estão lá estão gastas é disso.

INQ1 Mas o charabã não fazia fretes para levar...

INF3 (...)

INF2 É com o andar é que elas estão gastas.

INF1 Fazia, sim senhor. Fazia fretes. E mesmo para ir buscar o doutor quando havia doenças aqui era um charabã ou então em besta [ABInas an-] nas 'tales' andilhas. [ABlSe {PHInũ=não} traziam] Se {PHInũ=não} queriam falar com o charabã, [ABliam] (ele) arreavam uma besta numa andilha e iam buscar o doutor à Vila Franca. [ABlNã] Não havia carros.

INQ1 Uma besta era o quê? Era que animal, a besta?

INF2 (...) Ou pode ser um cavalo ou pode ser uma égua.

INF1 Ou pode ser uma égua ou pode ser um cavalo. {fp} É o que puxava nesse charabã.

INQ2 Assim não se pode. Tem que ser só um!

INF2 Pois é.

INF1 Ou uma égua ou um cavalo. (Ele) aqui havia era uma égua para puxar nesse charabã. Muitos tinham um cavalo e muitos {PHlti'jĩ=tinham} [ABleram] era éguas, também boas de puxar, que faziam o mesmo serviço.

INF2 [ABlPodia ser um] Ou podia ser um macho ou uma mula. Ou um macho ou uma mula.

INQ2 E os outros mais pequenos?

INF2 {fp}

INQ2 Também era uma besta, ou não? O...

INF2 Havia o burro, havia a burra; havia o cavalo, há a égua, como ainda hoje há. Mas havia [ABlo] é o macho e a mula, que é filho da burra {pp} e filho de burro – não é do cavalo. Isto já é outro animal, que estão dentro destes outros.

INQ2 E havia cá muitos machos e mulas, antigamente?

INF2 Ah, ele havia muitos. (Aquilo) havia. Nesta freguesia havia. Ele havia muitos.

Código de identificação do ficheiro: MIG13-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 04 lado: A min: 279-294	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 13	Data da primeira transcrição: Mai.01 Data da revisão final: Out.03

INQ1 Quando havia essas lavouras grandes que podia haver vinte ou trinta trabalhadores ao dia, a trabalhar lá, não havia um rapazito que ajudava? Ou ia buscar água ou ia fazer um recado, quando eles estavam assim ali a trabalhar todos?...

INF [ABIEu vou] Eu vou-{PHlli=lhe} dizer: que no tempo que o senhor visconde – que eu não sei se o senhor conhece o senhor visconde – ele arroteou esses matos que têm muita pastagem – que é esse senhor visconde que tem aqui o prédio aqui na Senhora da Vida –, este homem deitou muitos homens a cavar mato, {CTIne=não é}? [ABIE na-, e na-, estes {fp}] Estes homens que {IP|tavĩ=estavam} a cavar mato, havia três ou quatro rapazes só a acartar água. O serviço deles era só acartar água {CT|pɔf=para os} trabalhadores. Iam lá à nascente, acabavam {fp} aquela água, iam buscar mais. Mas isso é rapazitos que {IP|tẽw̃=estão} mesmo por conta do dono. Agora, ele haver gente de acartar água, nunca houve. [ABISó d-] Quando metem muita gente a trabalhar, como esse senhor visconde meteu muitos homens a cavar mato...

INQ2 Quando andam, por exemplo, nas vindimas, não há ninguém que vá buscar água?

INF Não senhora. O dono [ABIde, da] da vindima leva [ABlum] água para baixo. Acaba aquela água, vai um trabalhador... Acaba aquela água, precisam de mais água, vai um trabalhador que lá está trabalhando: "Vem cá acima, vá ali à fonte encher mais [ABlum, um{fp}] um garrafão de água ou uma jarra de água". Que no tempo havia muitas jarras que era (ele) em barro {fp}. "Vai buscar mais água"! Não. Ele nunca havia uma pessoa (agora)

INQ2 Só para isso?

INF só para isso.

Código de identificação do ficheiro: MIG14-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Amoedo Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 04 lado: A min: 348-391	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 14	
Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03	

INQ1 Portanto não havia homens aqui que viessem, que tivessem uma junta e que viessem trabalhar para outros? Por exemplo, lavrar ou assim...

INF1 {fp} Podiam, se havia muita terra para lavrar. Por exemplo, [ABLeu] os meus irmãos {PH|j'i'garĩ=chegaram} a ir lavrar para Rabo de Peixe. Lá era adiante do que aqui. [AB| Quando a gente] Ele {PH|økə'bavĩ=acabavam} lá em Rabo de Peixe, {fp} vinham juntas de bois de Rabo de Peixe para aqui, ajudar o meu pai ou os meus irmãos, também a lavrar as terras de cá. E os bois também eram tratados aqui como (é que) /ele\ os nossos – iam para lá também lavrar e tratar. [AB|E nós]

INQ1 Mas era por ajuda?

INF1 Era por ajuda. Eu não cheguei a fazer isso mas meu irmão chegou a fazer.

INF2 A gente fazia [AB|era] era juntar reses lá para baixo.

INQ1 Diga?

INF2 Por exemplo, eu fui tanta vez {pp} lavrar lá para baixo. A gente levava as nossas reses para lá – os bois. E ajudava a lavrar lá um mês {fp}. Acabava o mês, acabavam-se as comidas lá – os tremoços. E no tempo que (se semeava muito) /semeávamos\ milho, as reses deles vinham para cima também ajudar a comer os nossos terrenos e os bois também {PH|əʒu'davĩ=ajudavam} a lavrar a gente aqui. Eles {PH|nẽ=não} vinham. Os donos de lá {PH|nẽ=não} vinham.

INQ1 Os donos de lá não vinham. Vinham só as reses...

INF2 [AB|As re-] Vinham só botar as reses cá e iam-se embora. Agora a gente ia lá porque eles... A vida era outra, naquele tempo.

INQ1 Claro.

INF2 A gente também era uma casa [AB|de] de homens.

INQ1 Pois.

INF2 {fp} Eu ia lá para baixo, {fp} eu chegava a lavrar um mês lá em baixo.

INQ1 *Eram só filhos? Os senhores eram só filhos? Eram dez filhos homens?*

INF2 {fp} Eram dez filhos. Havia três raparigas. Três raparigas fêmeas e sete rapazes homens.

INF1 Oh, não. Havia três raparigas e sete rapazes.

INF2 Era tudo homes.

INQ1 *Sim senhor. E não havia homens que viessem só fazer transporte, por exemplo, daqui para a vila, que tivessem uma junta para, com um carro ou assim para...*

INF1 Havia era esses 'tales' de charabãs.

INQ1 *Só os dos charabãs?*

INF1 Só os dos charabãs, porque {PH|nẽ=não} havia carros, {fp} {PH|nẽ=não} havia automóveis aqui, {PH|nẽ=não} haviam camionetas. Em 50...

INQ1 *Pois. E para levar... Para levar coisas? Por exemplo, se não fosse para levar pessoas?*

INF1 Era ele numa carroça!

INF2 Oh! [AB|A gente] Eu tinha um carro. Carreei tanto {CT|pa=para a} vila! Eu e outro! Acartar madeiras!

INQ1 *Exactamente. E como é que se chamava?...*

INF2 É. {pp} Para a vila. {CT|ku=Com o} carro de bois...

INQ1 *E o homem que andava?...*

INF1 É um carreiro.

INF2 [AB|I Era o {fp}] É o carreiro. {fp} Eu acartei tanto: {pp} madeiras grossas, madeiras finas, lenha, (.../N) – tudo {CT|pa=para a} vila. {PH|beti'raβ''=Beterraba}.

INQ1 *E era o carreiro?*

INF2 Era, era (eu). [AB|O carro {fp}] A gente tinha carro e carroça...

INF1 (...) Não havia transportes aqui.

INQ1 *Claro.*

INF1 Às vezes, um doente adoecia, sabe? A senhora sabe como é que se ia levar {PH|b=ao} hospital? Era numa cama, com quatro ou oito homens.

INF2 (Com oito).

INF1 Num colchão, numa porta, com...

INF2 Com uns paus.

INF1 Tapado com...

INF2 Tapado com uma...

INQ1 *Colchão e porta como?*

INF1 Deitavam uma porta no chão.

INF2 (...)

INF1 {PH|dẽj'tavĩ=Deitavam} um colchão ali. Deitavam um colchão ali; o doente ia ali dentro.

INF2 Coberto.

INF1 [AB|Ia com, {CT|kwẽ=com a}] {CT|kwẽ}=Com umas} cordas, {PH|dẽj'tavĩ=deitavam} aqui debaixo, [AB| e levav-] as cordas {PH|ĩge'tavĩ=engatavam} assim em cima, {PH|tẽ'pavĩ=tapavam}

com roupa dum lado e do outro; estava todo tapado, o doente ia ali dentro e {PHi=iam} oito homens para levar o doente {CT|pɔ=para o} hospital.

INF1 Para descansarem uns {PH|ɔz=aos} outros.

INF2 [AB|Para o outro] Para descansarem uns {PH|ɔz=aos} outros. Nunca parava: quatro {PH|pɪ'gavĩ=pegavam} e quatro {PH|d|kẽ'savĩ=descansavam}, para levar a pessoa {CT|pɔ=para o} hospital – porque {PH|nẽ=não} havia transportes aqui! Isso já é do meu tempo.

INQ1 Mais ou menos há quantos anos?

INF1 [AB|Essa, essa minha] Essa minha madrinha {pp} – eu era rapazinho novo –, a dona dessa casa foi numa cama dessas {CT|pɔ=para o} hospital. [AB|Porque era uma]

INQ1 Portanto há cinquenta anos?

INF1 E era uma pessoa rica. Era uma pessoa rica. {PH|nẽ=Não} havia transportes!

INQ Há uns cinquenta anos?

INF1 Há cinquenta e tal... Cinquenta? Eu tenho sessenta e cinco. (Ele há)... Talvez há mais de cinquenta. Há mais de cinquenta.

INF3 Há mais de cinquenta anos.

INQ1 Há mais?

INF2 Há mais de cinquenta. Há mais!

INQ2 E chamavam a isso uma cama?

INF1 Uma cama. Era numa cama que iam.

INF2 Era numa porta!

INF1 Numa porta e o colchão ia em cima.

INF2 E o colchão ia aqui em cima.

INF1 Ia o colchão ali em cima...

INF3 Fazia uma cama portátil e levavam...

INQ1 Pois.

INF1 Ia todo tapado com roupa por cima. Aquilo era como uma casinha que ia ali [AB|toda] toda tapada. Quando viam: "Aquilo é um doente que vai {CT|pɔ=para o} hospital! Um doente que vai {CT|pɔ=para o} hospital"!

INQ Mas eram só os doentes ricos ou os pobres também faziam isso?

INF1 Era pobres e ricos. Pobres e tudo.

INF3 Eram, eram. {fp}

INF1 Quando havia uma doença, (aqueles que queriam ir)...

INF2 As pessoas não eram pagas [AB|para ir levar] para ajudarem uns {PH|ɔz=aos} outros para levar o doente [RP|o doente]...

INF1 Se era {CT|pɔ=para o} hospital... Se era {CT|pɔ=para o} hospital...

INF3 Se tinham alguém na vila era mais fácil (porque sabiam que aqui havia essa pobre).

INF2 Ah, pois.

INF3 Agora (a criatura, a que não tinha dinheiro) com que pagasse, era mais difícil arranjar.

INF1 Pediam... Mas pediam a pessoas. Sempre para doenças sempre ajuntava pessoal e {PHi=iam}
levar {PHl=ao} hospital.

Código de identificação do ficheiro: MIG15-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Amoedo Idade: 80	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 04 lado: B min: 75-108	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: As aves	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 15	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ1 Aqui, para se apanhar passarinhos, melros, não, não se costumava pôr uns melros amarrados cá em baixo para ele bater as asas, para eles virem?...

INF1 [ABINa-] Não senhor. Alguns deitavam um pássaro cá em baixo, ou morto, ou amarravam ele lá. Mas muitos é primeiro engodo e o terreiro. Deitam muito trigo ali. {IPIta=Está} ali uns dias a engodar o terreiro e a praga junta-se. Sabem que ali naquele sítio [ABlhá, há] há trigo, {CTIne=não é}? [ABIE{fp}] E {PHlɛr'mavĩ=armavam} as redes (aí) {CTlɔ3=aos} domingos; [ABlesses ra-] essa gente {CTlɔ3=aos} de semana iam caçar. Alguns amarravam lá um pássaro; e outros era engodar {PHlkũ=com} trigo. {IPl'tavĩ=Estavam} ainda uns dias a engodar e, depois, {CTlɔ3=aos} domingos iam caçar. A praga juntava-se para ali, e quando ela {IPl'tavɛ=estava} cheia, {PHlɛpu'zavĩ=puxavam} a rede e lá apanhavam os seus melrinhos.

INQ2 E o que é a praga?

INF1 [ABIE{fp}] É os canários, [ABIE{fp}] é os melros.

INF2 Pois, e é os melros. Tem tanta praga!

INQ2 Praga é tudo?

INF1 Praga de tudo. Tudo quanto cair ali dentro é tudo praga. [ABlTudo é] Tudo o que fica lá dentro da rede.

INF3 Ele hoje não falta 'pardales' aqui.

INF2 (Isto é tudo melros).

INQ2 Pois é.

INF3 Pois há.

INF1 [ABIEles não querem] Eles não {PHl'kasĩ=caçam} os 'pardales', que eles (afirmam) que não é bom. (Afirmam) que não é bom. Aquilo não é bom canário.

INF3 (...)

INQ1 A negaça?...

INQ2 Diga lá.

INF3 Era com esse, um melro morto, às vezes, que se punha lá num espeto para fingir que

{IP|tavẽ=estava} vivo, chamava-se-lhe negaça.

INQ1 Para fazer que era...

INQ2 Sim senhor.

INF1 Alguns {PH|dẽj|tavĩ=deitavam} arroz...

INQ2 Então como é que se chamam estes melri-, melrinhos que andam agora aí assim, que são muitos?

INF1 {fp} É {RC|canari-=canarinhos}. A gente {PH|trafi=tratam} canarinhos. Há o canarinho da terra; há esse{fp} pardal; há o melro negro; há muita qualidade de melro.

INQ2 Está bem.

INF1 Pelo menos (ele) [AB|os] tudo quanto ia lá {CT|o=ao} terreiro comer o trigo! Quando

{IP|tavẽ=estava} cheio, eles {PH|epu|javĩ=puxavam} a rede.

INQ2 É tudo praga?

INF1 Aquilo era tudo praga. Eles então diziam: "Oh! Apanhei bastante a praga hoje"!

INQ2 E ficavam vivos ou morriam logo?

INF1 Ele {PH|fi|kavĩ=ficavam} vivos. Ele as pessoas depois é que matavam para vender nas lojas [AB|para f-] para fazer iscas [AB|para, para] para tomar com o seu copo [AB|de] de bebida – lá (com o copo), os canarinhos.

INQ1 E nunca, nunca se costumava pôr uma espécie duma cola nos ra-, nos galhos, para ver se quando eles pousavam, eles ficavam presos?

INF1 Não. {fp} [AB|Se] Se {PH|u|zavĩ=usavam} isso aqui, eu, quer dizer, {PH|nẽ=não} sei. Penso que não.

INF3 Uma espécie de cola?

INQ1 Não havia cola?

INF3 Não havia cola.

INQ2 Pois.

INF1 Eu penso que não.

INQ1 Era uma coisa que se fazia...

INF3 (Não se punha cola que era) para o melrinho ficar vivo.

INF1 Eu julgo que não... [AB|{CT|põ=Para o}] {CT|põ=Para o} melrinho ficar vivo.

Código de identificação do ficheiro: MIG16-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Anacreonte Idade: 62	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 04 lado: B min: 116-191	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 16	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ1 Diga-me o seu nome, se faz favor?

INF1 Anacreonte.

INQ1 E a sua idade? A sua idade?

INF1 [ABl{fp} Cinquenta e do-] Sessenta e dois.

INQ1 E é de aqui da?...

INF1 Sim senhor.

INQ1 Então e o senhor trabalhou em quê?

INQ2 É aqui da Ponta Garça?

INF1 [ABIEu] É sim senhora. {pp} Trabalhei em moleiro e em barroqueiro. E (eu) agora sou camponês.

INQ1 O que era?... O moleiro eu sei o que é. O barroqueiro é que eu não sei o que é.

INF1 [ABl(Ele){fp}] A gente trabalhava com umas bestas, a acartar madeira, a acartar enchimento {CTlpa}=para as} estufas.

INQ1 Chamava-se barroqueiro essa?...

INF1 {fp} Sim senhor. Ou arreeiro. A gente trata [ABlo{fp}] o barroqueiro é um arreeiro.

INQ2 O barroqueiro e arreeiro é o mesmo?

INF1 É sim senhora. É a mesma coisa. {fp} A gente ia tirar queiró para o mato {pp} que era {CTlpaz=para as} estufas. E depois, {fp} o moleiro é {pp} bater às portas [ABlde] dos fregueses para levar as saquinhas {CTlpç=para o} moinho. É o que a gente fazia.

INQ1 E o moinho daqui como é que era? Era moinho de quê?

INF1 Era moinho de água.

INQ1 E havia... Em casa, as pessoas às vezes tinham uma pedrinha mais pequenina que era para fazer...

INF1 Que era... Era [ABlde] de fazer a papa de carolo.

INQ1 Como é que se chamava isso?

INF1 Era [ABlo] o moinho de mão. A gente tratava o moinho de mão.

INQ1 Sim senhor. E uma coisa mais antiga que houve que os senhores me falaram hoje de manhã, que também servia para moer, que era puxado por um animal, dentro duma casa, antes dos moinhos de água...

INF1 Isso é o moinho de vento.

INF2 Tafona.

INF1 Não, não é tafona. Isso é o moinho de vento. É o que a gente tratava o moinho de vento.

INF2 Tafona é com uma besta dentro de uma casa (que não se fecha).

INF1 Não. (...)

INQ2 Não, tafona...

INQ1 Mas isso o senhor...

INQ2 O moinho de vento era movido a vento, não era?

INF2 O moinho de vento é fora. O moinho de vento, o vento é que [ABl(f-)] {IP|ta=está} girando.

Agora dentro duma casa é uma tafona. [ABlHá um] Há um animal, uma burra ou um burro,

{PH|epu|'fɛd^u=puxando} aquilo...

INF1 Ah, e é uma tafona!? Não, uma tafona...

INF2 É uma tafona.

INF3 Então tu não te lembras disso?

INQ2 Já não se lembra?

INF1 Não. Não me alembro disso. Das tafonas, (eu não me lembro).

INF2 Não. (...)

INQ2 Também não se lembra já?

INF2 Não senhor. Não senhor.

INQ1 O senhor falou no moinho de vento. Aqui para estes lados havia moinho de vento ou era para outro lado que havia?

INF1 Havia aqui no Pico mas eu não me lembro [ABldele] de esse moinho moer. Eu não me lembro de ele moer.

INQ1 Sim senhor.

INF2 O meu irmão lembra-se. Aquele meu irmão lembra-se dele aqui mais acima. (Andando) por esse caminho fora havia um moinho de vento. Ainda {IP|ta=está} lá as paredes. Ainda estão lá as paredes. Mas eu não me lembro de o moinho andar.

INQ1 A água vinha na ribeira e o senhor o que é que tinha de fazer na, na ribeira, para?...

INF1 Aquilo ele [RPléle] vinha era numa levada. Vinha do nascimento, a gente fazia a levada e chegava {PH|o=ao} que a gente trata o cubo. E depois em baixo faziam [ABla], com bocados de madeira, a fecharia do moinho, que era para sair conforme a água... Conforme a água: se fosse muita água, {fp} trabalhava com três dedos, se fosse pouca, trabalhava com dois, que é para dar (a) força no penado {pp} que é para ele {CT|pa=para a} pedrinha andar de roda para ele para o moer, para – como é que se diz? – para moer o milho, para fazer farinha.

INQ1 Sim senhor. Essa 'puxaria' como é que era? Era aquela parte estreita onde saía a água?

INF1 Era sim senhor.

INQ1 Chamava-se 'puxaria'?

INF1 É a fecharia do moinho.

INQ2 Fecharia.

INQ1 Fecharia. Percebi mal. Está bem.

INF1 É, a fecharia do moinho {pp} que a gente...

INQ2 Chamava fecharia?

INF1 Era sim senhora. Aquilo era a fecharia que a gente fazia com madeira. {CT|kwɐ=Com a} pressão [AB|da, d-] do cubo, que era alto, {fp} fazia aquela pressão que saía com muita força que era [AB|para {pp}] para bater no penado, que é para andar de roda, que era [AB|para] para moer o milho, para fazer farinha.

INQ2 O penado era o quê? O penado era o quê?

INF1 {fp} O penado é uma roda [AB| que é] que está em baixo, de madeira {pp}, com penas – que a gente tratava o penado. É com penas de madeira que a gente fazia. Trabalhava com pedras de ferir lume em baixo, assim.

INQ2 Pedras de quê?

INF1 {fp} Uma pedra de ferir lume {pp} que a gente cá achava no Calhau. Naquelas pedras que (ele) a gente faziam um buraquinho botavam um em {PH|'sĩbɐ=cima} e outro em baixo. [AB|Que a gente... A de ci-] A de baixo, {PH|fɐ'mavĩ=chamavam} a 'reles', e a de {PH|'sĩbɐ=cima} era o aguilhão {pp} que {PH|ẽ'davĩ=andavam} naquela outra {pp}, que era [AB|{CT|pɔ=para o}] {CT|pɔ=para o} penado andar ali...

INQ1 Como é que se chamava a de baixo?

INF1 A 'reles' [AB|e o] e o de cima era o aguilhão.

INQ1 E, essa 'reles' ficava presa num...

INF1 Ele ficava {fp} – como é que se diz? – na ponte. A gente tratava a ponte. E depois [AB|tem aqui] {fp} tem aqui o espojadouro e tem uma agulha, que era de alevantar a pedra e de abaixar.

INQ1 E o que era o espojadouro?

INF1 O espojadouro era de a gente desencravar o moinho – que tinha um desencravador. Há um prego com uma varinha, um prego desses grandes, a gente tinha o buraco que a gente tratava o espojadouro, quando o moinho encravava, a gente {pp} chegava à fecharia, dava assim {CT|ku=com o} prego, saía [AB|a{fp}] aquelas espadas ou coisa, o moinho começava a trabalhar.

INQ1 Encravava porquê? Porque?... Alguma coisa que tinha passado...

INF1 [AB|É quando] Sim senhor. E chegava ali [AB|se era] se não podia sair, tapava aquele buraquinho. A gente ia com o prego {pp} e aquilo desentupia {pp} e o moinho...

INQ1 Rhum-rhum. Sim senhor.

INF1 E agora a agulha – que é para eu dizer ao senhor a agulha –, a gente se queria a farinha mais fina, a gente dava na cunha {pp} para fora; [AB|s- se ele...] o freguês se queria [AB|a farinha] a farinha mais redonda, a gente dava na cunha para dentro, para fazer [AB|a fi-] a farinha mais grossa.

Código de identificação do ficheiro: MIG17-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Anacreonte Idade: 62	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 04 lado: B min: 229-309	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: O moinho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 17	
Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03	

INQ1 E por cima dos cambeiros não havia uma tábua de madeira?

INF1 O trincho. Tem o trincho e depois tem uma – como é que eu ia a dizer {PH|ɔ=ao} senhor... E tem uma moega. Tem uma moega do moinho que é de a gente vazar o milho dentro. E tem a telha que cai [AB|o] dentro, de cá [AB|da] de {PH|sĩbɐ=cima}, [AB|da] do vão da telha... [AB|Co-]

INQ2 Da moega?

INF1 Vão da moega, caem em cima da telha e depois vai lá para baixo [AB|{CT|pra=para a}] para o moinho, {pp} {CT|pa=para a} pedra.

INQ1 Indo, indo do eixo... O eixo não vinha mais para cima que era para bater na telha?

INF1 Não senhor.

INQ1 Como é?... O que é que fazia mexer a telha assim para, para o grão ir caindo?

INF1 Ai! [AB|Há um] Há um cachorro! É o que a gente tratava o cachorro do moinho. Batia na pedra e tem uma cantadeira, que ia à {fp} – (ele) como é que se diz? –, que ia à telha. Aquilo {fp} {PH|b^{wl}tavĩ=botavam} assim {pp} um trincho, uma tabuinha assim e aqui {pp} {IP|ta=está} uma telha e aqui {IP|ta=está} o cachorro {CT|kũ=com um} buraco no trincho, (ele) {PH|b^{wl}tavĩ=botavam} aquilo, {fp} [AB|o moinho anda-] a pedra andava de roda e aquilo batia: tim-tim-tim e o milho caía. Mexia {CT|kwɐ=com a} telha e caía na...

INQ1 Mas esse cachorro era enfiado no, no, na ponta do veio?

INF1 Não senhor.

INQ1 Ou agarrava num pau?...

INF1 [AB|Era num] Era num pauzinho mesmo. [AB|A gente {fp}... O{fp}] Os mestres faziam uns buracos, a gente punha um torno e botava assim na cantadeira.

INQ1 Rhum-rhum. A cantadeira?...

INF1 A cantadeira é uma cantadeira que há, que a gente chama a cantadeira é de (aguentá-lo ele) – que pregavam no trincho.

INQ1 *Que era uma tábua que se prendia...*

INF1 É sim senhor. É uma tábua que a gente põe aqui assim.

INQ2 *No trincho?*

INF1 [ABIE essa] E a gente daqui {pp} fazia assim [ABlum] um recortezinho {pp}

INQ2 *Sim.*

INF1 [ABle p-] e botava aqui [ABlo]

INQ2 *O cachorro.*

INF1 o cachorro do moinho. É o cachorro. E então [ABlé, esse] {fp} ia aqui uma outra tabuinha, que era para ele para mexer {CTlkwẽ=com a} telha, que é para cair o milho.

INQ1 *Portanto...*

INF1 E aqui tem o torno! Tem o torno na moega, que é de a gente... O moinho quando pede grão, a gente dava o grão. O moinho {IPltava=estava} carregado, (até ele) já {PHlnẽ=não} queria grão, a gente tirava o grão. Ali é que a gente {PHlli=lhe} tempera a farinha: ou grossa ou fina.

INQ2 *Mas era para fazer?... Mas era para fazer descer a telha?*

INF1 É, sim senhora. É para fazer descer-se a telha para baixo. [ABISe a gente se {fp}] Se quiserem:

{fp}o moinho {IPlta=está} pedindo grão, a gente dá uma coisinha de {fp} torno para cá. Ele

{IPlta=está} carregado, o moinho [ABI{IPlta=está}] {IPlta=está} a moer bem, a gente {pp} dá-

{PHlli=lhe} para cima, para cair menos grão.

INQ1 *Portanto, o cachorro – eu não sei se o senhor vê bem – era assim um pauzinho que saía da telha para o lado...*

INF1 [ABIÉ is-] É isso mesmo. É, sim senhor. (Aí) em cima da pedra. {pp} É.

INQ1 *Sim senhor. E aquela parte à frente da, do cambeiro onde a farinha caía para o chão?*

INF1 Ah, isso é a moega, que a gente trata a moega.

INQ1 *A moega é onde põe o grão?*

INF1 É, sim senhor. É as guardas {pp} adonde cai a farinha.

INQ1 *É?*

INF1 É. Donde cai a farinha que o moinho bota fora. É as guardas dele, que a gente tratava as guardas do milho.

INQ2 *E era de madeira?*

INF1 Era, sim senhor.

INQ2 *Era uma coisa que se punha e tirava?*

INF1 Era, sim senhor. A gente (a) punha e tirava. Quando a gente queria picar a pedra {pp}, a gente tirava aquilo fora.

INQ1 *Nunca chamou tremonhada? Tribunal ou tremonhal?*

INQ2 Tremonhal.

INQ1 *Tremonhal? Nada?*

INQ3 *Ou caixa.*

INQ1 Ah, aquela parte de baixo do moinho, onde está o penado e isso tudo, como é que se chama?

INF1 É o cabouco.

INQ1 Quando o senhor picava as pedras e depois voltava a pô-la lá em cima, não se punha um bocado de farinha à volta para?...

INF1 Isso é o... E a gente punha a pedra {PHI'sīb=cima}. {fp} A gente, se se tratava {fp}

{CT|pa=para a} pedra pousar, {fp} (é) uma grade – que a gente tratava a grade – [ABLe{fp}] e para levar a pedra para dentro, era [ABlum] um carro. Que a gente tinha [ABlum] até um carro em madeira. E tinha a palanca de 'balrear' para trás e {CT|pa=para a} frente [ABI{CT|kwẽ=com a}] {CT|kwẽ=com a} pedra.

INQ1 Mas quando punha a pedra já depois de picada não se costumava pôr um bocadinho de farinha na junta das pedras que era para aquilo não sair?

INQ2 Para encher.

INF1 {PHIb^{wl}tavĩ=Botavam} fora. {pp} {PHIb^{wl}tavĩ=Botavam} dentro e depois o moinho botava fora.

INQ2 Pois.

INF1 E depois {PHIb^{wl}tavĩ=botavam} aí uma saca [ABld-] dessas [ABld-] de milho que era

{CT|põ=para o} porco, que é para alimpar o moinho, que é por causa de não botar uma saca de cozer para não vir pedra.

INQ2 Pois.

INF1 {PHIb^{wl}tavĩ=Botavam}{fp} do porco.

INQ1 Aquele buraco da, da pedra onde o grão caía? Vem da telha.

INQ2 O grão veio da telha. Cai para onde?

INF1 Eu sei. Eu sei o que é que a senhora {IP|ta=está} dizendo. Que a gente, ele tem o buraco donde o milho cai – não é?...

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Tinha algum nome esse buraco?

INF1 Não senhor. Não tinha. [ABIO buraco]

INQ1 Não?

INQ2 Não chamavam o olho?

INQ3 O olho da pedra? Não?

INQ1 Não.

INF1 O olho da pedra – que a gente de cá, que a gente tratava –, o olho da pedra é quando a gente

{PHI|võ=vão} {fp} picar a pedra e dizer assim: "Oh!, [ABlis-, isto] isto é que é uma pedra boa"! Isso é o olho da pedra. É o olho da pedra.

INQ1 É essa pedra que tem um buraquinho?...

INF1 Onde picavam, sim senhor. É onde picavam.

INQ1 E, não sei se aqui usava, não punha nesse buraco da pedra uma coisa qualquer para o grão não?...

INF1 {fp} Isso é um chapéu {pp} que a gente punha. Era um chapéu [AB|d-, d-] ou de palha, ou desses de Braga que havia nalgum tempo. Que é porque batia na segurelha e pulava para fora {CT|pɔ=para o} milho não sair. O milho, (ele) como é que se diz?... [AB|Ficava ma-] O chapéu ficava mais alto [AB|E o] e o grão não saía todo.

INQ1 O senhor disse que era um chapéu de palha ou de?...

INF1 É. É chapéu de palha o que havia no tempo. Havia muitos homens com chapéu de palha. [AB|E era] E era chapéus de Braga que usavam no tempo. {PH|kur¹tavĩ=Cortavam} [AB|lo fundo] o{fp} chapéu por {PH|¹sĩbɛ=cima}, (pois), no fundo, e ficava a beira assim.

INQ2 Chapéu de Braga.

INQ1 O que era um chapéu?... O que era de Braga? De que é que era feito esse chapéu de Braga? Era feito em que material?

INF1 Era de...

INF2 É destes chapéus que {PH|¹uzĩ=usam} agora.

INF1 {PH|¹uzĩ=Usam}, {PH|¹uzĩ=usam} {fp}.

INQ1 Parece um tecido?

INQ2 É.

INF1 Sim senhor. É disso. É disso que usavam.

INF2 E o chapéu de palha é daquela palha...

INF1 É. Da palha que havia.

INF2 É por causa do sol, é por causa do sol.

INQ1 Se eu bem percebi, o senhor é que tinha que ir buscar as, o, a, o grão a casa das pessoas?

INF1 Era, sim senhor.

INQ1 E dava algum nome a esses sacos em que trazia o grão para, para o moinho?

INF1 Não senhor. Era {fp}... A gente tratava as sacas que as mulheres {PH|mẽ¹davĩ=mandavam}: {fp} umas de fole, outras de linho...

INF2 Era as sacas {CT|pa=para a} moenda.

INF1 [AB|Era {fp}] Era de moenda. A gente era as sacas de moenda.

INF2 Era as sacas... Sacada {CT|pa=para a} moenda.

INQ2 Moenda?

INF2 Moenda, sim senhor.

INF1 É. Era a moenda {pp} que a gente tratava.

INQ1 Taleigo ou taleiga não se chamava aqui? Taleigo ou taleiga?

INF2 Não senhor.

INF1 Não senhor. Não se chamava.

INQ1 A moenda era aquilo que a pessoa fazia?

INF1 Era... {pp} Era, sim senhor.

INQ1 E também ia... E depois ia levar a moenda a casa?...

INF1 E depois ia levar. Sim senhor.

Código de identificação do ficheiro: MIG18-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 05 lado: A min: 33-82	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: Ervas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 18	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INF1 Esta é urze. Urze.

INQ1 Esta é que é?

INF1 É. Esta é que é a urze, que é o que se faz umas vassouras, que fazia-se no tempo, que era de varrer as eiras, retelhar as casas... Usavam muito essa urze.

INQ1 E esta urze é baixinha ou pode crescer muito alta?

INF1 Ela cria também. [ABIEla, ela cria] Não, aquilo não cria muito alta mas também cria. Há baixinhas, há... (Ela) vai crescendo {fp}. Agora se ela ficar para muito velha, ela vai fazer um tronco mais grosso e despega uma árvorezinha [ABImais grande] maior.

INQ1 Pois. E há alguma que seja parecida com esta?

INF1 Nas matas, nesses matos {CT|pra'i=para aí} [AB|há{fp}] há muitas parecidas, {CT|ne=não é}? Mas essa, essa é a urze. [AB|Há] Há tamujo também que é uma outra erva como as outras.

INF2 Tamujo.

INF1 Tamujo que é... Sabes o que é que se fazia as seves do carro – que se faziam os

{PH|fí'fj̃j}='tanchães' {CT|pa}=para as seves do carro quando {PH|ɛpɛ'navĩ=apanhavam} o milho?

Era com esse tamujo, que dava mesmo uns...

INQ1 Ai era?

INQ2 E não havia uma que chamasse rapa?

INF1 Não. Rapa {fp}...

INQ1 Não há?

INF1 [AB|Pode] Pode haver esse nome...

INQ2 Não, não.

INQ1 Mas ontem o senhor falou em queiroga, que eu ouvi.

INF1 Queiroga não é esta. Não é esta.

INQ1 Mas é parecida?

INF1 É parecido. É parecido a isto.

INQ1 *E a queiroga faz-se maior ou f-, ou é mais pequena?*

INF1 Também cria. Também cria queiroga assim.

INF2 (...)

INQ1 *Assim para um metro e mais em volta?...*

INQ2 *Depois dá folhas?*

INF1 Cria. Cria, sim senhor. E se {PHI'dēj̃ĩ=deixam} crescer, cria também. {fp}

INF2 (...)

INQ1 *Mas a mais forte é a urze ou a queiroga?*

INF1 É {fp} a urze. A urze é mais forte. [ABI|Cria] Cria um tronco. Essa é {fp} tudo [AB|u-, u-] umas {PHI'a]t̃ɛ̃ɜ=hastes} mais bastinhas que faz e cria... A queiroga é sempre assim: ela é muito afolhada.

Agora a urze, (ele) é a tal que cria uma planta maiorzinha, maior.

INQ2 *Mas e dá flor, a queiroga?*

INQ3 *Porque é que a gente não se...*

INF1 [AB|Tudo] Tudo dá uma flor. Tudo dá flor.

INQ1 *Dá flor? O espigo...*

INF1 Tudo espiga. Quando chega {PH|ɔ=ao} seu tempo, tudo espiga. [AB|Tudo] Tudo espiga. Tudo dá.

INQ2 *Portanto, esta, em princípio, é que é esta, não é?*

INQ1 Não.

INQ2 Não?

INQ1 *Eu acho que não.*

INQ2 *Que é assim arredondada?*

INQ1 *Eu acho que esta é que é capaz de ser a queiroga.*

INF1 Esta, esta eu acho que é...

INQ3 *Não. O senhor não diz que a mais forte é a urze?*

INF1 A urze, a urze é espécie disso assim. Cria uma árvore assim maiorzinha. A urze é rasteira.

[AB|A, a] A queiroga, ela é rasteira {pp} e basta. {fp}

INQ2 *Essa não se vê tão... Quer dizer, ela é assim... Ela está misturada com as outras ervas não se vê muito bem. Mas esta é rasteirinha e mais bastinha e dá... Mas dá é essa flor roxinha.*

INF1 {fp} {IP|ta=Está} bem. {fp} E dá flor assim roxinha. Elas todas dão flor. {PH|s'pigĩ=Espigam} e dão flor. {fp} A queiroga é mais rasteira {PH|ɔ=ao} chão. Cria também, às vezes, assim dessa altura – se {PHI'dēj̃ĩñɛ=deixam-na} criar, não é? Que no tempo até quando havia muitos matos, as vacas iam para esses matos – (eram) as alfeiras. [AB|E, e] E {PH|tr̃ɛ'javĩ='tranchavam'} isso.

{PH|kumĩ=Comiam} isso. E arrebetava mais devagar. Arrebetava mais devagar e era sempre mais rasteira. A queiroga era sempre mais rasteira.

INQ2 *Era mais rasteirinha do que a urze?*

INF1 Era, sim senhor, porque [AB|a] a urze [AB|é que se c-] é que cria mais.

Código de identificação do ficheiro: MIG19-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Amoedo Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 05 lado: A min: 181-195	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: Ervas, arbustos e flores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 19	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INF1 'Bâncias'.

INF2 'Banças'.

INF1 'Bâncias'.

INF2 Há 'banças'.

INQ1 Diga?

INF2 {PH|'trafi=Tratam} 'banças' aqui.

INF1 Como a folha, ela é parecida com a da faia, ele quando aquilo [ABIna-, aquilo]... Aquilo não havia cá.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Não sei como é que aquilo apareceu para abrigos.

INQ1 É moderno. É uma árvore mais...

INF1 Isso é recente: uma árvore aí de trinta e tal anos, quarenta anos cá. E as pessoas não gostavam muito daquilo para abrigos porque aquilo come muito na terra. Precisa {pp} de tratar muito. E é claro que a gente aqui não havia {fp} esses tratos... [ABIE a... E a] A pessoa não gostava daquilo para abrigos, embora fosse uma planta que se desenvolvesse muito depressa. Em cinco anos faz um abrigo muito alto. Mas também come muito na terra.

INQ1 Pois.

INF1 E{fp} ia roubar às plantas...

INQ1 Às outras plantas.

INF1 Às outras plantas. E as pessoas nunca gostaram muito dessa...

INF2 Há muitos abrigos aqui de incenso.

INQ2 Veja lá. É assim?

INF2 É este.

INF1 É este, sim senhor. É este. Mesmo por essa florinha, é esta.

INQ2 E o gado também come as folhas?

INF1 Come, sim senhor. Isso é muito bom {CT|pɔ=para o} gado. O gado quando se habitua a comer
isso assim tenrinho {pp}, até engorda.

Código de identificação do ficheiro: MIG20-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Ananias Idade: 61	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Amoedo Idade: 80	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 05 lado: A min: 200-293	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 20	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ1 Olhe ontem a gente esqueceu-se de perguntar o seu nome.

INF1 Ananias.

INQ1 Ananias?

INF1 Ananias.

INQ1 E a sua idade?

INF1 {fp} Sessenta e um.

INQ1 E disse que já estava cá há quarenta e quatro anos?

INF1 Quarenta e quatro.

INQ1 Mas nasceu nos Arrifes então?

INF1 Nasci nos Arrifes.

INQ1 Portanto, veio com vinte... Dezassete.

INF1 Vinte? [AB|C_a-] Catorze anos estive por ali. (Ai, Jesus)!

INQ1 E o senhor?

INF2 Aristóbulo.

INQ1 E a sua idade?

INF2 Oitenta anos que eu já fiz.

INQ1 E sempre daqui?

INF2 Sim, eu nasci aqui mais acima e criei-me sempre aqui. {fp} Sempre aqui trabalhando [ABle{fp}] e nesta terra. Já saí daqui para ir {CT|p_o=para o} Canadá, mas foi por de visita. E fui ver isto para aí e (antes) {fp} {CT|p_{az}=para as} ilhas: {CT|p_o=para o} Corvo!... Nas ilhas! Que eu {IP|'tivi=estive} lá oito dias! Gostei de ver aquilo também por lá.

INQ1 É bonito?

INF2 É bonito.

INQ2 E o Amós também não está...

INQ1 Ah, desculpe, fale aí Senhor Amós.

INF3 Ah, o meu nome?! Amós, {pp} de cinquenta e dois anos. Também nasci cá. Nasci cá...

INQ2 *E nunca saiu de cá?*

INQ1 *Andou aqui...*

INF3 Nunca saí de cá. Nunca saí.

INQ1 *Ontem quando falámos das coisas do vinho, lembra-se? O senhor chamou a isto...*

INF3 A gente {PHI'trafĩ=tratam} uma selha.

INQ1 *Uma selha?*

INQ2 *Tanto fazem grande como pequena?*

INF3 Selha ou a dorna. Sim senhora. Tanto faz grande como pequena. A gente {fp} {PHlɛbi'twaɾĩsi=habituarã-se}: "Ah! Traz-me aquela selha"! "Traz a selha maior"! "Traz a selha mais pequena"! Olhe, há alguns também que {PHI'trafĩ=tratam} dorna.

INQ1 *E as uvas vinham dentro disso em cima do carro ou vinham dentro doutra coisa?*

INF3 É em cestos.

INQ1 *Dentro de cestos?*

INF3 (Ele) é em cestos. É tudo acartado em cestos. Isto só servia [ABlisto]... Se a senhora puder...

INQ2 *Sim senhor.*

INQ1 *É já isso... A gente já se vai sentar, é só para perguntar: é que agora aqui, à entrada, deste lado, há duas coisas bem maiores do que estas.*

INF3 Há. Há {fp} a dorna maior. Há {fp} a selha maior. A selha maior, a selha mais pequena e ainda há selhas mais pequeninas de que esta, não é?

INF2 E havia um balseiro.

INF3 Há. (Ele) há selhas...

INQ2 *Mas...*

INQ1 *Mas antes chamava-se balseiro como o seu irmão diz?...*

INF3 Balseiro é um... Também serve quando é pouca uva.

INF2 (...)

INQ1 *Não, não. Eu digo estes dois.*

INQ2 *Também serve quando é pouca?*

INF3 Quando há pouca uva, a gente {PHI'dɛjĩ=deitam} numa, por exemplo, desses já – um balseiro grande, seja uma selha pequena, que fazem o mesmo trabalho, {CTlne=não é}?

INQ2 *Pois.*

INF3 Agora se há muita uva para deitar [ABlden-] dentro, pois a gente temos outros balseiros – que {PHI'trafĩ=tratam} os balseiros –, maiores!

INQ2 *O balseiro que altura é que tem, mais ou menos?*

INF3 Ah, é mais ou menos...

INQ2 *É que nunca vi um balseiro.*

INQ1 *Ó Gabriela, é chegares ali fora, se quiseres.*

INF3 Nunca viu? A senhora se quiser ver tenho ali [ABlna minha] na minha {PHlɔɐ'raʒi=garagem}, um {RClba=balseiro}.

INQ2 Tem? Ah, então ainda bem que eu queria tirar uma fotografia.

INF1 Ah, ele tem aqui um balseiro. {IP|ta=Está}... Ai, eu acho que ele no tempo tinha aí um balseiro...

INQ2 Ai, João...

INF2 (...)

INQ1 Não, foi só para isso...

INF1 Era mais ou menos.

INQ1 O senhor Aristóbulo explica. É aqui estes dois.

INF2 Isto é uma selha...

INQ1 Como aquela que ali está.

INQ2 Ah...

INF2 Como aquela que está ali! Contanto que esta é mais grande {CT|ka'kɛ|ɐ=que aquela}. E aquela outra, a gente trata um balseiro que é onde... {pp} As uvas, a gente esmaga naquelas pequeninas e bota ali dentro para fazer a fermentação – aquilo já se trata um balseiro.

INQ2 Portanto, o balseiro é muito mais alto e mais estreito que a selha.

INF2 Ah, é mais alto. [AB|Mais, mais] Mais alto.

INQ1 Diga-me uma coisa: isso era feito de propósito ou aproveitavam do, numa vasilha qualquer que não prestava?

INF2 Não. [AB|Isto é, isto é] Os {fp} mestres é que faziam isto. Isto é {pp} serrado em aduela – a gente trata aduelas –

INQ1 Rhum-rhum.

INF2 e os carpinteiros, {pp} o que tem jeito de se fazer este vasilhame faz. {pp} Isto há arcos para aguentar isto!

INQ1 Sim senhor.

INF2 Em ferro.

INQ1 Rhum-rhum. Portanto era feito de propósito.

INQ2 E isso quantos litros é que leva? Essa selha maior, quantos?...

INF2 Ah, essa selha depois de cheia leva... (Isto é uma selha) muito grande. Isto leva {pp} talvez aí uns dezassete almudes de vinho.

INQ2 Pois.

INF2 Em vinho! Em uvas leva menos – o que é [AB|depois] depois de ter o vinho.

INQ2 Pois claro. E o... E o bacelo?...

INF2 [AB|Aque-] Aquele leva quase vinte ou mais de vinte. [AB|É conf-] É conforme os tamanhos. Há até mais grande!

INQ1 Mas o balseiro era só para pôr o vinho para ferver?

INF2 Era. Para ferver.

INQ1 Nunca se esmagava lá dentro?

INF2 Não senhor. Esmagar é nestas selhas.

INQ2 Podemos tirar uma fotografia daquilo?

INF1 Não, Aristóbulo. Esmaga-se na {PH|ma'nikɐ=máquina} ou esmaga-se.

INF2 E também se esmaga naquela pequenina. Conforme a uva [RP|a uva]...

INQ2 Ah, sim, sim.

INQ1 Não, não. Eu digo no balseiro. O balseiro normalmente era para pôr o vinho...

INF2 O balseiro era só para botar o vinho ali dentro {pp}

INQ1 Para ferver.

INF2 para ferver. E depois então esgota-se.

INQ1 E antes de meter para dentro do coiso?

INF2 {IP|ta=Está} ali um buraco que a gente esgotava para as selhas.

INQ1 Sim, senhor.

INF3 Às vezes vêm aqui parar aqui [AB|luns] uns homens que percebem melhor disso, dizem que a fermentação do balseiro é muito melhor do que na selha, {pp} por ser [AB|lum{fp}] uma vasilha alta e até a configuração dela: é mais estreita de boca e mais larga no fundo.

INQ2 Ai, é mais estreita de boca do que do fundo?

INF3 É. Um balseiro [AB|para ser] para ser bom, tem que...

INQ2 Mas este aqui não é, pois não?

INF3 [AB|É ao] É ao contrário.

INF1 Aquele ali não. (Põe-se) ao contrário, que o balseiro... {fp} Aquele balseiro é estreito em baixo, no fundo, e largo na boca.

INF3 Aquele, mas... E aquele outro ao contrário que {IP|ta=está} ali? Aquele outro que {IP|ta=está} ali?

INF2 Aquele não. (...)

INF1 Oh! Aquele é a selha.

INF3 Há mais um ali que é ao contrário. A fermentação, há diferenças na fermentação

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Rhum-rhum.

INF3 quando é mais estreita em cima e mais larga em baixo.

INQ2 Ai, a fermentação é diferente?

INF3 A fermentação é diferente. E na selha também é diferente!

INQ2 Rhum-rhum.

INF3 Qual é a diferença que há? Os 'profissionais' é que... [AB| Os muito liga-] Os muito ligados [AB|à{fp}] a isso é que sabem qual é a diferença que há.

INF1 Isto é que era um ralador antigo!

INQ2 Ah, isso...

INF1 É que se ralava a uva nisso, assim em cima dessa selha! A gente {PH|dēj'tavī=deitavam} isso em cima disso... Isso já é uma coisa muito antiga que está ainda aí que já não {PH|'uzī=usam} isso. {fp} E aquilo era: aquele ralozinho que {IP|ta=está} ali, a gente {PH|vē'zavī=vazavam} o cesto de uva ali dentro e com as mãos, {pp} tratado com dois homens, um dum lado e outro doutro {fp}...

INQ2 Com as mãos? Só com as mãos?

INF1 Com as mãos! Só com as mãos, sim senhor, é que {PH|pɪ'zavĩ=pisavam} a uva e depois a uva caía [AB|de-] aqui dentro. Quando isso {IP|'tavɛ=estava} cheio, a gente deitava dentro do balseiro. {PH|ɛkɛ'bavĩ=Acabavam} de encher o balseiro, se havia mais uvas era para dentro do balseiro, outra vez, da mesma maneira. Era assim que se ralava a uva.

INQ2 *Mas portanto, quando ia para o balseiro já ia sem os, sem as cascas e sem aquelas coisas, ou não? As cascas também vai?...*

INF3 Não senhor, aquilo vai tudo... Vai tudo misturado. Tudo!

INQ2 *Portanto, depois o que ficava aqui dentro do esmagador também ia para dentro do balseiro?*

INF3 Tudo ali para dentro! [AB|Aquele] Aquele pé grosso, [AB|aquele] o bago, a casca, {fp} as pevides vai tudo fazer a fermentação ali para dentro.

INQ2 Ah, pois!

INF3 [AB|E depois era] Depois é que vai {CT|pɔ=para o} balseiro. Ali faz a fermentação, {CT|nɛ=não é}? Ao fim de oito dias{fp}, a gente ({PH|iɜ'gɔfi=esgotam}) o vinho. Aquilo já {IP|ta=está} tudo puro, em baixo, o vinho sai {pp} para fora. É o vinho que a gente {PH|'dɛj'fi=deitam} [AB|nas car-] nas pipas.

INQ2 *Mas tiram como, de lá?*

INF1 É com um {RC|bat=-batoque}. É um furo!

INQ2 *Ai há um furo no balseiro!*

INF1 É um furo que o balseiro tem {pp} e a gente {PH|iɜ'gɔfi=esgotam} ali por aquele furo, {CT|nɛ=não é}, que ele {IP|ta=está}... O vinho sai puro dali! E a gente dali {PH|'dɛj'fi=deitam} já [AB|da-] {pp} das pipas, dentro nas pipas. E depois o pé que fica aqui dentro, que é aquele pé basto, é que vai {CT|pa=para a} prensa ou {CT|pɔ=para o} lagar, {pp}a apertar [AB|para, para fazer] para tirar mais vinho.

INQ2 Para sair o resto.

INF1 Que ainda tira {RC|ma=-mais}... Ainda se tira mais vinho.

INQ2 E esse vinho é diferente do outro, ou não? Esse que é tratado?

INF1 [AB|É mais fra-] É mais fraco! A gente no tempo {PH|ɪmʃtu'ravĩ=misturavam} aquilo com o vinho do esgoto, {CT|nɛ=não é}? Mas hoje em dia, essas adegas grandes {fp} {PH|'dɛj'fi=deitam} muitos tratos, {CT|nɛ=não é}, {PH|ɪmʃ'turĩ=misturam} aquilo tudo. Mas para se fazer vinho em casa [AB|lé o{fp}] o que sai do balseiro, deitar à parte! [AB|O{fp}] O da prensa, à parte também!

INQ2 Pois.

INF1 Fica um vinho [AB|mais{fp}]

INQ2 Mais fraco.

INF1 mais fraco. Aquilo é um vinho que [AB|já{fp}] já foi ali {CT|ɔ=ao} aperto. Aquilo é o resto de tudo que {IP|ta=está} ali. É um vinhinho mais fraco, mais claro, {CT|nɛ=não é}? Um vinho mais fraco.

INQ2 Nunca havia o hábito aqui de misturar água nesse... nesse pé?

INF1 Não senhora, aqui nós é aquilo. [AB|Pode] Pode haver gente que misture, mas aqui não senhora.

INQ2 Pois. Mas aqui não?

INF1 Aqui a gente não... Vinho é vinho, água é água!

INF3 (Pode haver)... [ABI O nosso vinho] A nossa uva aqui não dá para misturar água no pé. É um vinho...É muito fraco.

INF1 (Pois é), é mais fraco.

INF3 É fraco. {fp} Isso aqui não dá mais do que oito, nove graus. O vinho bom, aqui, é oito, nove graus. Não passa disso.

INQ2 E a qualidade de uva qual é?

INF3 É a uva de cheiro.

INQ2 Uva de cheiro.

INF3 {fp} [ABIÉ{fp}, é porque] Não, há ilhas que {PHI'ʃɐmĩ=chamam} uva-isabel.

INQ2 Rhã-rhã. Pois, pois, pois.

INF3 [ABIOu a cas-] Ou a casta americana.

INQ2 A casta americana.

INF3 É. Que até o governo {IP|ta=está} proibindo. [ABIEstá proib-]

INQ2 Agora?

INF3 Sim. {IP|ta=Está} proibindo essa casta.

INQ2 Então e o?... Mas cá nos Açores, também?

INF3 Cá nos Açores.

Código de identificação do ficheiro: MIG21-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Ananias Idade: 61	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 05 lado: A min: 320-334	Inquiridor2:
Assunto: O porco e a matança	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 21	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ E no, no porco, havia alguma coisa que se chamasse o debulho?

INF1 Debulho? É quando se mata o porco. Fazem debulho.

INQ E como é que é?

INF É {fp} o sangue... Quando {PHI'matĩ=matam} o porco, as mulheres {PHI'tirĩ=tiram} ali {fp} uma tigela de sangue à parte e o outro sangue vai para fazer as morcelas. Fica [ABlaquele san-] aquela tigela ou [ABlaquilo] a quantidade que as mulheres querem, que precisem {CT|pɔ=para o} debulho. E lá fazem uma mistura {pp} com salsa [ABle{fp}] e cebola e {fp}... As mulheres é que sabem fazer esse tempero, {CT|nɛ=não é}?

INF2 E leva sal (muito basto).

INF1 E fazem o debulho então que é [RP|é] para comer no... A gente matam o porco assim hoje e amanhã da manhã é que vão almoçar esse debulho! Ele é no outro dia é que {PHIa'mɔsĩ=almoçam} dessa comida: o debulho e o peito. (Ele é) juntamente com o peito.

INQ E o sarapatel? Havia algum?..

INF1 Havia, sim senhor, sarapatel! Era o resto que crescia das morcelas. {fp} As mulheres não queriam fazer mais morcelas e {PHI|dɛj'zavĩ=deixavam} ali um bocado para fazer sarapatel.

INQ E como é que era esse sarapatel?

INF1 {fp} Também era misturado com graxas e {fp} coisas do porco.

INQ Mas depois era conservado dentro da?..

INF1 Era conservado também [AB|com mant-] com banha,

INQ1 Com a banha.

INF1 para tapar, para não se perder. Porque ele era tudo tapado com banha! Mesmo o chouriço, hoje em dia, é tapado num boião com banha, [AB|para ele] para ele não se perder. Com banha de porco!

Código de identificação do ficheiro: MIG22-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Ananias Idade: 61	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 05 lado: A min: 435-438	Inquiridor2:
Assunto: Ervas, arbustos e flores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 22	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ *É? Dá um flor branca?*

INF1 [ABIE{fp}] E larga um mau cheiro. E larga mau cheiro.

INF2 E ataca a fossa. [AB|Isso aí, is-, isso] Isso larga mau cheiro, essa.

INF1 [ABIA gente] Quando a gente {fp}

INQ *Sim.*

INF1 {PHI'pegĩ=pegam} nela, ela larga um mau cheiro. Que a gente fica com as mãos... {fp}

{PHI'largẽ^wnẽ'keli=Largam aquele} cheiro...

INQ *E depois dá assim uma, uma ...*

INF2 Dá. Dá, sim senhor.

INF1 Dá, sim senhor. E pica.

INF2 Pica.

INF1 É isso que pica. Aquilo (ele) tem uns picanços ali. Aquilo [ABlé] é a semente.

INF2 Isso pica que é um caso sério!

INQ *É.*

Código de identificação do ficheiro: MIG23-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Ananias Idade: 61	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 05 lado: B min: 42-50	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Ervas, arbustos e flores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 23	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ1 É uma planta que tem uma, a rama dela, a folha é parecido com a salsa, e dá uma florinha meia arroxeadada, mais clarinha... Aqui. Está a ver? É esta.

INQ2 Ai! Pronto, já saiu.

INF Salsa-parrilha. É parecido com a salsa?

INQ2 É. Mas esta é venenosa até, pelo menos para o gado.

INF [AB|É parec-] {pp} Pois. [AB|Essa salsa, a gente] Essa salsa, a gente não se usa mais.

INQ2 Não?

INF Não senhora. Não senhora. A gente {PH|trafi=tratam} isso salsa-parrilha.

Código de identificação do ficheiro: MIG24-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Amoedo Idade: 80	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Ananias Idade: 61	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 05 lado: B min: 52-63	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Ervas, arbustos e flores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 24	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ1 Mas a salsa-parrilha dá que flor?

INF1 Dá flor amarela.

INQ1 Ah! Amarela, não. Mas essa dá florinha assim...

INQ2 Assim... Ou branquinha, ou mais branquinha que isto até. E aparece aí no meio do, da erva, da...

INF1 [ABIA gente {fp}] Isso é parecido muito com a erva-moleirinha, aquilo que a gente chama a erva-moleirinha.

INF2 E isto, eu acho que é erva-moleirinha.

INF1 Mas a erva-moleirinha tem um leite quando se parte o ramo...

INQ2 Ai é?

INF2 Ai é!

INF1 Tem um leite branco.

INF3 Ai, isso é erva-moleirinha!

INF1 Isto é erva-moleirinha.

INF3 Que dá esta florinha mesmo que {IP|ta=está} aqui toda (a florinha da cor).

INF1 (...) Até [AB|as esp-] a flor é assim com esse...

INQ2 Com as pontinhas mais escuras?

INF1 Com as pontinhas, sim senhora. {RC|Erva-molei==Erva-moleirinha}. A gente {PH|'trafi=tratam} aí isso a erva-moleirinha. Esta é a erva-moleirinha.

Código de identificação do ficheiro: MIG25-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Amoedo Idade: 80	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 05 lado: B min: 141-154	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: Ervas, arbustos e flores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 25	
Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03	

INQ1 É uma coisa que dá, faz um chá que é muito amargoso... Dessas baguinhas...

INF1 A marcela?

INQ2 Rhum-rhum.

INF2 É essa aí. {IP|ta=Está} aí, oh.

INF1 Marcela. {pp} E há também {PH|b=ao} pé dessas marcelas – isso dá muito, isso dá nos matos –,

INQ2 Ah é verdade. Esta não ficou há bocado...

INF1 [AB|há] há uma ervazinha que {PH|'trafi=tratam} a erva de Nossa Senhora. Uma erva rasteira!

{pp} Também é muito boa para chás!

INQ2 Rhum-rhum, Rhã-rhã. E dá?...

INF1 {fp} Que {PH|trè'tavĩ=tratavam} aquela erva que [AB|No-] Nossa Senhora tinha ali estendido os seus mantos...

INF2 (...)

INQ2 Mas a cabecinha da, da erva de Nossa Senhora de que cor é?

INF1 Aquilo se dá cabecinha... Ele até aquilo é uma erva muito rasteirinha. [AB|Faz mesmo{fp}] É muito bonita numa{fp}...

INQ2 Mas é assim prateada? Assim brilhante? Ou não?

INF2 Não! Não é.

INF1 É. É{fp}. É em cor, é, [AB|e] mas baixinha sempre. Ela lavra [AB|para{fp}] pelo mato. Isso costuma quase sempre é dar nos matos.

INF2 É no mato! (...)

INF1 E ela vai rasteirinha sempre no chão, essa...

Código de identificação do ficheiro: MIG26-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Amoedo Idade: 80	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 05 lado: B min: 157-175	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Ervas, arbustos e flores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 26	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INF1 Nas Carcelas dava disso! Há ainda nos matos – (ele) nos matos que a gente

{PHIdēj'tavī=deitavam} [AB|as] as vacas! (Eram) as alfeiras, sabe?

INF2 (...) Mas custa-se (a ver). Agora, custa-se a encontrar.

INF1 Ele custa (sempre) a [AB|p-] encontrar já disso. Porque, {fp} a gente, já {IP|ta=está} tudo arroteado aí dentro.

INQ1 *Mas não é essa, senhor Amílcar, pois não?*

INF1 Não senhor! Isto parece-me que é fava da terra, {pp} que é a que dá nos muros.

INF2 (...).

INQ1 É. Dá nos muros?

INF1 Isso é [AB|fava] fava da terra. [AB|Que o Anaxímenes aqui para trás]

INF2 Tudo isto é {fp} fava. {pp} (Exactamente).

INF1 É, mas isso é o que dá nos muros. Isso é fava da terra que o Anaxímenes foi buscar isso para fazer um chá {CT|pa|=para as} vacas.

INQ2 *Fava da terra, portanto, é a nossa...*

INQ1 *Cento e vinte e dois?*

INF1 Ao quintal do Cássio.

INQ1 *Cento e vinte e dois.*

INF1 Fava da terra.

INQ2 *E então a erva ferra que o senhor falou?...*

INF1 [AB|A erva-ferro] Há a erva-ferro.

INF2 (...)

INQ2 *O que é erva-ferra?*

INF3 É parecido com essa que {IP|ta=está} aqui, mas não é. Isso é uma outra erva.

INF1 É uma erva...

INQ2 *É parecida com a fava do mato?*

INQ3 *É fava da terra. É fava da terra, da terra, da terra.*

INF1 *É... É uma erva rasteira. É também erva rasteira. A gente{fp}, quando havia uma lata de leite que derramava, a gente pegava num bocadinho de erva-ferro que dá [ABlna] nos matos{fp}, (ele era)*

{PHlɔ=ao} pé das canadas, donde passava {fp} os animais...

INF2 *Já se custa a encontrar mas aparece.*

INF1 *Ele{fp} a gente {PH|pi'gavĩ=pegavam} num bocadinho de erva (dele) e*

{PH|pri'mie^wla=espremiavam-lha} assim. {PH|dẽj'tavĩ=Deitavam} naquele buraco e {fp} soldava a lata.

Soldava por uns tempos. Não derramava mais.

INQ2 *Ah! Pois, pois, pois.*

INF2 *Ou{fp}...*

INF1 *Quando {PH|lɛ'vavĩ=lavavam} já se sabe que aquilo tirava.*

INF2 *Ou mesmo com cola que a gente fazia, {pp} aquilo (encharcava-se).*

INF1 *Mas a gente já (sabiam) que aquele lado [AB|{IP|'tave=estava} {pp}] {IP|'tave=estava} roto,*

{CT|nɛ=não é}, e {PH|dẽj'tavĩli=deitavam-lhe} um bocadinho daquilo e aquilo era como uma cola, pegava ali. Isso é a erva-ferro.

Código de identificação do ficheiro: MIG27-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 05 lado: B min: 185-187	Inquiridor2:
Assunto: Ervas, arbustos e flores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 27	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INF Isso é trepadeira também.

INQ Isso é uma trepadeira também?

INF Isso é trepadeira, mas dizer o nome dela... {fp} Aqui há muitas trepadeiras também (onde) se trepam pelos muros.

Código de identificação do ficheiro: MIG28-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Ananias Idade: 61	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 05 lado: B min: 196-201	Inquiridor2:
Assunto: Ervas, arbustos e flores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 28	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ Cheira bem?

INF1 Cheira bem.

INF2 Cheira a perfume!

INF1 Faz-se chás. Também se faz-se chás.

INQ Chama-lhe como?

INF2 Maria-luísia.

INF2 Há muita coisas que...

INF3 E há malvas!

INF2 Malvas também há.

INQ Há. Mas também já cá está essa.

INF1 [ABIE há malvas tam-] E há malvas também, [ABlque] que é bom para inchumes, para esfregar para... A gente {PHI|'fervĩ=fervem} malvas e {PHI|'fregĩ=esfregam} o animal se está inchado, o mojo inchado.

INF3 Para doentes. (Ou levava) o mojo inchado.

INQ Pois, pois, pois.

Código de identificação do ficheiro: MIG29-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Alcíone Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Ananias Idade: 61	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 05 lado: B min: 322-360	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: Ervas, arbustos e flores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 29	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ1 O que é para si uma bonina?

INF1 Ah! Uma bonina é aquela flor... Olhe, eu tenho ali uma planta {pp} de bonina. Agora flor não está. É{fp} uma amarela, assim {RClamare=amarela}. Cor-de-laranja.

INQ1 Cor-de-laranja.

INF1 Cor-de-laranja.

INQ1 Baixinha?

INF1 Sim. Ela pode crescer. Se ela {IPlti'ver=estiver} em terra ou coisa, ela cresce{fp} assim, {fp} alta. Mas{fp}...

INQ1 E dá uma?... Uma espécie de um malmequer?

INF1 Sim. É, é.

INQ1 Cor-de-laranja?

INF1 Cor-de-laranja.

INQ1 Já sei o que é.

INF1 É. Que cheira até um cheiro não...

INQ1 Feio? Mau?

INF1 É, é. Não é assim muito agradável. É bom {CTlpø=para o} jardim.

INF2 Esse amarelo,

INQ1 É. É.

INF2 esse amarelo é que não é a bonina? Que a gente chama cor de bonina?

INF1 Tu tens ali.

INF3 Um amarelo forte!

INF1 Tu tens ali tanta. É.

INF3 Um amarelo forte.

INF1 Cor-de-laranja, cor-de-cenoura{fp}.

INF3 {fp} É uma {fp} que dava nas pastagens?

INF2 Para mim, a bonina é uma cor. A cor. A cor.

INQ1 A cor é que se chama bonina?

INF3 Cor de bonina. É. É.

INF2 É. A cor é que se chama bonina e não o... E não a{fp}...

INF3 Não. Aquela planta chama-se bonina. Eu lembro-me{fp} do meu pai na Cova Grande, quando ia passar o Verão lá para cima, a minha irmã dizer: "Ai, eu queria ir, eu queria ir brincar com as boninas"!

– [ABlcom as, com as] com aquelas florinhas. Ia apanhar... Ia apanhar as boninas.

INF1 Eu tenho a impressão de que a cor é que derivou [ABl da] da flor.

INQ1 *Sim, sim. Deve ser isso.*

INF1 Como a gente diz também: "A cor da cenoura {pp}, é o cor-de-laranja".

INQ1 Claro. Cor-de-laranja.

INF3 É, é, é.

INF2 É verdade. E a bonina é (aquele)...

INF1 E a bonina é aquele amarelo forte...

INF2 Aquele amarelo forte.

INF1 Também {pp} derivou... Quando a gente diz: "Um amarelo bonina" é: deriva da bonina.

INF2 (Ah, é amarelo.)

INQ1 *Pois, pois, pois.*

INQ2 *Mas ela não tem folhas brancas? Portanto, é tudo?... Toda ela é amarela?*

INF1 É amarela.

INQ1 *Oh João, as folhas são verdes.*

INQ2 *Ah, pois são. Aquelas pétalas...*

INF1 As folhas... As folhas são verdes. Tenho aqui. Tenho aqui a folha {fp} [ABltenho aqui a]...

INQ1 Pronto. É que aquilo para nós é maravilha.

INF3 Ah, pois é!

INF1 A planta, a planta [ABltenho] tem ali.

INQ1 *E cheira mal?*

INF3 É exactamente, exactamente. É essa. É, é.

INQ1 *E depois quando seca é que dá assim umas coisas?... As sementes são assim todas, parecem uns dedos assim tortos?*

INQ3 Ah, já sei. Já sei qual é.

INF1 Exactamente.

INF2 (...)

INQ1 É. Aquilo para nós é maravilha.

INF2 Bonina é bonina.

INF3 (Abre), é bonina.

INF1 É{fp}. É{fp}. Agora esta {pp} sempre conheci, desde miúda, a gente brincava, apanhava, trazia raminhos, mas...

INQ1 *Aqui não havia nada a que chamassem margaridas?*

INF2 Há{fp}!

INF1 Margaridas, há.

INQ1 É o quê?

INF1 Mas a margarida é outra vez um género dum malmequer...

INQ1 Se calhar é outra.

INF1 (É outra coisa).

INQ1 Veja lá se é uma coisa assim desse género?

INF1 É, é.

INQ1 Baixinho, no campo?

INQ2 Está ali, está ali.

INQ3 Está ali?

INF1 É. É. É... Esse é o... Esse,

INQ1 Cento e sessenta e seis.

INF1 esse {PHInu=não} é bem a margarida. Isso é o malmequer {fp} grado que a gente chama. Eu não sei se tem outro nome {fp}. Porque antigamente havia aquele malmequer que tinha mesmo {fp} [ABlaqueles]...

INQ1 Sim. Fazia umas moitas...

INF1 Exactamente.

INF3 Houve tanto cá.

INF1 Agora, eles {fp} – pois digo – têm outras plantas mais modernas que agora aparecem...

INQ1 Pois, pois.

INF1 E dizem: "O malmequer grado"...

INQ1 Pois, pois.

INF1 O malmequer {fp} que cresce então bastante.

INF2 Pois, isso é que há.

INF3 Sim, mas é um bocado diferente daquele {fp} nacional. O nacional é mais pequenino. É. A {fp} flor é mais pequena.

INF1 {fp} Por isso, o outro nacional é, portanto, aquele [ABIm-] miudinho.

INF3 E era mais bonito!

INF1 E até já há em amarelo – esse malmequer miudinho {pp} também num amarelo pálido e num rosa pálido {pp} também. Porque eu tenho até, nas furnas... Já tenho uma plantinha mas ainda não me deu flor {pp} [ABldesse] desse amarelinho. {fp} Agora a margarida é um género disso, mas é mais dobradinho {fp}!... É... Não tem...

INQ1 Tem mais flor, tem mais pétalas?

INF1 Sim, sim.

INQ1 Ah!

INF2 E [ABlaquela p-] aquelas plantas que tu levaste lá [ABlda] da casa da tua mãe, (não dava para as senhoras terem lá na)?...

INF1 Ah!

INF2 Aquilo como é que se chama?

INF1 Aquilo não sei. [ABIAqui-] E aquilo parece-me que é como [ABlàs] uma erva daninha [AB|se der] {fp} se puder.

INF2 Mas é bonito.

INQ1 Pois.

INF1 Porque aquilo multiplica-se muito. E se a gente não estiver sempre em cima, a gente, aquilo dá cabo do jardim. Portanto, a gente{fp}... Eu quis para dividir, mas é preciso... Porque aquilo tem muitas raízes{fp} e é preciso estar sempre [ABla{fp}]

INQ1 A tirar.

INF1 a tirar para ficar sempre...

INQ1 Para aquilo não alastrar.

INF1 Exactamente. Alastra muito. É, é.

Código de identificação do ficheiro: MIG30-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Alcíone Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 05 lado: B min: 388-399	
Inquiridor2:	
Assunto: Ervas, arbustos e flores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 30	
Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03	

INF1 Aquilo é uma variedade de hera. (É que) /Aqui\ há uma hera bastante que {PHInũ=não} é{fp}...

O braço, {fp} portanto, o raminho dela, o tronco ou {pp} como se queira chamar {fp} não é flexível.

INQ Pois. É.

INF1 É mais dura. (Até é) tesinha. Que era aquilo que vocês tinham [ABIno seu] ali, no seu livro. Era muito... É diferente. Agora a outra é mole e é o que ele diz que se pode amarrar. A gente puxa, aquilo vem muito comprido...

INQ E essa outra trepadeira que tem ali no muro, que é mais rija, tem algum nome, ou não?

INF1 Não. É sempre... A variedade...

INQ Não tem nome nenhum. É uma que alastra muito naqueles muros de pedra e que ficam as pedras muito...

INF1 E que se agarra. {RCI|za==Exacto}, agarra. Todas elas (se) arrastam;

INQ Pois. Fixam...

INF1 [AB|se, se, adere] adere [AB|a{fp}], {PH|o{f}=aos} {PH|o{f}=aos} muros de pedra – todas as heras,

[AB|a vari-] as variedades{fp}...

INF2 (...) Mesmo no muro de blocos também. {pp} Os muros que têm pedaços em blocos... É.

INF1 Sim. {PHInũ=Não} é preciso que seja assim em pedra pedra – a pedra basalto que a gente aqui tem...

INQ Pois, pois pois.

INF1 Mesmo o cimento, {fp} quer dizer, a gente tem é lá cimento, e ela adere-se... E adere{fp}...

[AB|Encontra] Encontra terra e estende-se. E estende-se. É preciso que a gente vá cortando, porque senão enleia também{fp}... Estende-se muito.

Código de identificação do ficheiro: MIG31-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Alcíone Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 05 lado: B min: 417-426	Inquiridor2:
Assunto: Ervas, arbustos e flores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 31	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INF1 Aquela flor como é que se chama{fp}? A gente chama malvão. Mas aquilo tem um outro nome que é [AB|gerân-]...

INQ Gerânio.

INF1 Gerânio.

INQ Gerânio. Sim. Chamam malvão?

INF1 {fp} Malvão. (Aquilo) chama-se...

INQ Aqui chama-se malvão? Que dão assim umas flores todas?...

INF1 Sim. O malvão malvão, é esse assim, {pp} que é logo o girânio.

INQ Pois.

INF1 Agora há umas outras variedades {pp} que são trepadores. [AB|Eram]

INQ Ah, pois há! Crescem, crescem... Sim, sim senhora.

INF1 Até aquilo estar... Eu {IP|to=estou} a puxar, a puxar, e eles estão sempre, entre aqui e ali{fp}

[AB|a, a, a]...

INQ Sim, sim, sim. É.

INF1 Esses{fp}, portanto, já é outra variedade de trepadeira. [AB|Mas] {fp}

INQ Pois.

INF1 Há {RC|mui-=muita}...

INF2 Há muita trepadeira!

INF1 Muita, muita, muita! É isso.

INF2 (Há aquelas com uma rosinha muito pequenina), não é?

INF1 Ah, sim! As rosinhas também de trepar!

INQ Pois.

INF1 É. Há (muito também).

INF2 {fp} A 'rosa-pataca'.

INF1 {fp} Portanto, generalizam. [AB|No] No povo é trepadeira!

INQ Claro. É trepadeira.

INF1 É trepadeira.

Código de identificação do ficheiro: MIG32-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 06 lado: A min: 83-87	Inquiridor2:
Assunto: Ervas, arbustos e flores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 32	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ Mas há um que se chame cedro fino e cedro da América ou não há nenhum que se chame, desses?

INF Ah, os nomes deles [AB]eu não] eu desconheço!

INQ O senhor, não sabe?

INF Porque eu sei que [AB]essas grandes] essas muitas variedades de cedros veio quando veio os serviços florestais.

INQ Pois.

Código de identificação do ficheiro: MIG33-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aristóbulo Idade: 80	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Amoedo Idade: 80	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 06 lado: A min: 135-175	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: O vestuário	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 33	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ1 À queles sapatos que eram com madeira por baixo, como é que chamava?

INQ2 Galochas, não era?

INF1 As galochas.

INQ2 Galochas.

INQ3 Galochas.

INF2 Essas que eram com madeira (eram as) galochas. {fp} Faziam também de 'alcaça', faziam de almo faziam de pinho, faziam de várias qualidades da madeira.

INF3 Fazia de criptoméria.

INF2 (Faziam) conforme queriam fazer.

INQ1 Sim senhor.

INF1 Faziam mais do almo porque era mais leve [ABI{CT|pa=para a}] {CT|pa=para a} mulher andar com aquilo no pé. Era mais leve do que {CT|kw=com a} 'alcaça'. A 'alcaça' é mais pesada. É, a madeira mais pesada. E faziam então com o almo – com esse almo –, que é uma madeira mais leve. Quando {IP|'tav=estava} seco aquilo era leve {fp} e mais quente {CT|p=para o} pé.

INF3 E quente!

INQ2 Mas as galochas só as mulheres é que usavam?

INF1 E os homens também. À noite quando lavavam os pés, para não deitar os pés no {fp}...

Calçavam as galochas.

INF2 Isto agora já {IP|ta=está} tudo calçado! {PH|nũ=Não} tem pé descalço!

INQ1 Mas era o mesmo feitio?

INF1 Era o mesmo feitio, sim senhor.

INF3 Não! Não! Não era o mesmo feitio! (...)

INF2 No tempo era tudo {CT|ku=com o} pezinho no chão! Isto é do meu tempo e [AB|de-] destes mais velhos. E eles usavam umas galochas. Quando chegavam à noite, {PH|lɐ'vavĩ=lavavam} os pés e {PH|kaʃ'savĩnɐ'kɛlɐʒ=calçavam aquelas} galochas.

INQ2 *Em casa, só?*

INF2 Em casa. E às vezes {PH|davĩ=davam} um passeio aqui e ali.

INQ1 *Ó senhor Aristóbulo, mas as galochas dos homens...*

INF2 {PH|i=lam} {CT|pa=para a} missa as mulheres de galochas! {pp} Isto é do meu tempo!

INF3 E o homem descalço!

INF2 E os homens descalços, que {PH|nũ=não} tinham nada para calçar! {PH|na=Não} havia dinheiro! Era uma miséria naquele tempo! {pp} Isto agora é que {IP|ta=está} tudo rico.

INQ1 *Rhum-rhum.*

INQ2 *Pois.*

INQ1 *Eu queria-lhe perguntar: as galochas dos homens eram iguais às das mulheres ou eram diferentes?*

INF2 Eram mais grandes as deles.

INQ1 *Não, mas o feitio, o feitio.*

INF2 Era o mesmo feitio.

INQ1 *Era em bico?*

INF2 Tudo em bico, tudo em bico.

INQ1 *E fechado por cima, onde enfiava o pé?*

INF2 Fechado por cima, (para onde) enfiava o pé.

INF3 Faziam umas tarolas!

INF2 Com um arcozinho atrás.

INQ1 *Umas?*

INF3 [AB|Faziam] Faziam as tarolas. Botava-se uma correia assim por cima, para meter o pé.

{CT|pɔʃ=Para os} homens!

INQ1 *Chamava-se tarola?*

INF3 Chamava-se tarola.

INQ1 *Mas, o... Aqui à frente via-se os dedos?*

INF2 Via-se, via-se.

INF3 Via-se os dedos, via-se.

INQ1 *Ah, portanto, era só uma tirazinha em cima?*

INF3 Era só a tirazinha.

INF2 Era só uma correinha aqui.

INF1 É. E daí chamava-se tarola.

INF2 (Tinham um correinha), {pp} as tarolas.

INQ2 *Era só uma correia? Não metiam pelo meio dos dedos?*

INQ1 *Não. Era só por cima com os...*

INF3 Pois, exactamente. Pois. É a tarola. Quando era fechada, era galocha.

INF2 Desde que eu conheço galochas, a galocha do homem não era igual à da mulher. A galocha do homem era toda fechada {pp} e a da mulher era aberta na frente.

INQ1 *Tinha um biquinho?*

INF2 A do homem tinha um biquinho e aberta toda de cabedal. {pp} [AB|O couro]

INQ1 *Sim.*

INQ2 *Fechada?*

INF2 Fechada. E a da mulher era mais sobre o redondo e aberta [AB|para] para os dedos saírem além [AB|duma{fp}, deste]...

INQ2 *E chamava tarola?*

INF2 Galocha! Sempre uma galocha!

INQ2 *Ai, era sempre galocha?*

INF2 Sempre uma galocha!

INQ1 *A tarola é outra.*

INF1 Então, é a que tem [AB|a{fp}] a faixa, não é?

INQ1 *Só...*

INF2 A tarola [AB|é outro] é outro modelo já [AB|de]... Tanto de pau [AB|tanto do, de{fp}], como também de cima, [AB|de] da parte de couro.

INF3 (...) É a tarola.

INQ1 *A tarola.*

INF3 E galocha era aberta.

INF2 A tarola [AB|era u-] era já um calçado de mais luxo.

INF3 É{fp}.

INF1 (...) A galocha era mais leve.

INF2 A galocha era mais de trabalho. A tarola já servia para ir à missa, já servia [AB|para] para ir namorar... As raparigas novas, de tarolas, já se podiam apresentar ao pé do noivo com a tarola; com a galocha, era mais um calçado de trabalho.

Código de identificação do ficheiro: MIG34-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Amoedo Idade: 80	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Aristóbulo Idade: 80	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 06 lado: A min: 424-441	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: As aves	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10A faixa: 34	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ1 Diga? Como é que chama?

INF1 A {PHlkudur'ni3e=codorniz}.

INQ1 Como é que chama?

INF1 A {PHlkudur'ni3e=codorniz}.

INQ2 E os pequeninos da codorniz, têm algum nome?

INF2 É os perdigotos.

INF1 Era a {PHlkudur'nizjɐ=codornizinha}... {fp} A gente {PHi'kõtrĩ=encontram} muitos ninhos...

Agora já {PHlnũ=não} se vê tanto, mas {fp} primeiro via-se muitos ninhos de

{PHlkudir'ni3e=codorniz}. Aquilo, eles mal {PHld'kaʃkĩ=descascam}, aquilo é como os pintainhos:

saem logo para fora {pp} [ABI{CTlpa=para a}] pela relva, {CTlɔʃ=para os} pastos. Mas é tudo

[ABlcod-] {PHlkudirni'ziɐ3=codornizinhas} pequeninas.

INQ2 Mas não chamava também o outro nome?

INF2 Perdigoto, sim. Perdigotozinhos pequeninos.

INQ1 Mas eram os filhos das codornizes?

INF2 Era, sim senhor.

INQ1 E uns outros que tinham um bico?...

INQ2 Isto é o quê?

INF3 É o milhafre. É o milhafre.

INF2 [ABIÉ aquele que] É aquele que está ali.

INF3 É.

INQ1 Sim senhor. Que fazia o ninho aí também no meio do chão, nos matos, que tem um biquinho pequenino...

INF1 Ah! {fp} Sei. É {fp} galinhoto.

INF2 Isto é galinhoto!

INQ1 *Diga?*

INF2 Galinhoto! A gente trata galinhoto. Há quem...

INF1 Mas há pouco disso cá. Há muito pouco.

INF2 Já aparece menos. {fp} No tempo aparecia (com a) codorniz.

INF3 Nas matas.

INF2 Nos matos e nas matas.

INQ1 *Tens mais algum aí?*

INQ2 *Não. Depois tenho aqueles da, da, do coiso...*

INQ1 *Do mar?*

INQ2 *Do mar. Aqui no...*

INF2 As garças.

INQ2 *O que há mais aqui no mar é garças?*

INF1 Há garças, sim senhora.

INF3 É o que deu o nome aqui à terra {pp}, à freguesia.

INQ3 *Pois é.*

INQ2 *Pois. É Ponta Garça.*

INF3 Ponta Garça.

INQ1 *Aquele bichinho que vai ro-, comer a rama da batata-doce?*

INF2 Bichinhos...

INF3 Batateiro.

INF1 Bicho-batateiro.

INQ1 *Que é de várias cores, não é?*

INF1 Exactamente.

INQ1 *E não há?...*

INQ2 *Isso é género de lagarta?*

INF1 É, é. [AB|É lagarta]

INF2 É, sim senhora.

INF1 É lagarta em ponto grande.

INQ1 *E não há um outro que anda por baixo da terra e que também vai comer a batata-doce?*

INF2 Rosca. Chama-se rosca.

INQ1 *Que é escurinho...*

INF2 [AB|Dão-{PH|li=lhe} o nome] Dão-{PH|li=lhe} o nome a rosca.

INQ1 *E como é que é a forma? Como é que é?...*

INF2 É comprido também. [AB|Até dá uma{fp}]

INQ1 *Mas é escuro, escuro?*

INF2 Escuro.

INQ2 *Mas tem assim esse tamanho?*

INF2 {fp} Não. É assim. A rosca é assim mais ou menos com muita perna.

Código de identificação do ficheiro: MIG35-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Amoedo Idade: 80	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 06 lado: B min: 03-13	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: Répteis	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 01	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ1 Portanto, qual é a diferença entre o bicho-bateiro e a rosca?

INF1 O {fp} batateiro [ABlé] é gordo, senhora. É comprido e gordo. É. [ABIFaz] Um batateiro é um bicho assim grosso, {CTIne=não é}? E a rosca é 'finina', compridinha. É. Ela é assim [ABlcompri-] mais curta. Mais curta.

INF2 Mais pequenina.

INF1 Mais pequena.

INF3 E um em cima da terra e outro debaixo da terra, {CTIne=não é}?

INF1 É {fp}.

INF2 [ABIE um, e um] E um é por baixo e outro é por cima.

INF1 Um é por baixo e outro é por cima.

INF2 E o batateiro é por cima. {pp} E lá em baixo...

INF1 Esse pequenino {pp} anda por debaixo da terra comendo...

INF2 Alimenta-se das folhas (...). {pp} E alimenta-se mesmo da batata, (esse tal).

Código de identificação do ficheiro: MIG36-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Amoedo Idade: 80	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 06 lado: B min: 20-26	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Répteis	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 02	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ1 Não.

INF1 Tem casca dura?

INQ1 A, a cas-... Quer dizer, ela não é muito dura porque...

INF1 Sim.

INQ1 Mas é... Não é mole.

INF1 Sim.

INQ1 E quando a gente lhe toca, ela enrosca-se.

INF2 Ah{fp}! É a rosca. Isso é tudo... A gente chama isso tudo roscas.

INF1 Um bichinho preto! Um bichinho preto!

INF2 Sim.

INQ2 Sim.

INF1 A gente toca nele e ele enrola!

INF2 É isso mesmo.

INF1 Enrola-se faz um nó.

INF2 Faz um nó{fp}.

INQ2 Também chama rosca?

INF1 Ele também é rosca. (...)

INF2 É rosca. A gente dá o nome dessas coisas (é) tudo rosca.

Código de identificação do ficheiro: MIG37-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Aristóbulo Idade: 80	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 06 lado: B min: 73-90	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Os insectos	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 03	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ1 Este voa... Tem dois pares de asas. Voa muito rasteirinho, ou por cima da água...

INF1 [AB|Isso é de] Isso é [AB|de{fp}] de lagos {pp}, não é?

INQ1 É sim.

INQ2 É, mais assim na zona dos charcos.

INF1 Anda em cima das lagoas dos charcos.

INQ2 Não tem nome?

INF1 {RC|Borbole-=Borboleta}{fp}. Chamam-lhe aquilo a borboleta, ou borboleta de chuva – de água.

[AB|Borb- {fp}] Borboleta de água ou uma coisa assim.

INQ2 Trezentos e sessenta e sete.

INF2 Mas isso é em charcos, {pp} o {PH|'zẽg^w=zangão} de água. [AB|{PH|'zẽg^w=Zangão}

INF1 {PH|'zẽg^w=Zangão} de água.

INF2 É, é, é.

INQ2 Como é que é?

INF1 {PH|'zẽg^w=Zangão} de água.

INQ1 Será o zangão de água?

INQ2 Trezentos e setenta e seis.

INF1 Há o {PH|'zẽg^w=zangão} de água.

INQ1 É. Zangão de água.

INF3 A gente trata {PH|'zẽg^w=zangão}.

INF2 É a (.../N).

INF3 Ele não vive aqui.

INF1 É mesmo comprido, assim.

INF3 Ah, isto é um {PH|'zẽg^w=zangão}.

INF2 Um {PH|'zẽg^w=zangão} de água.

INF3 Isto voa muito em cima de um poço de água...

INQ2 *E chama-lhe zangão de água?*

INF1 A gente trata {fp} {PHI¹zëg^w=zangões} {fp}.

INQ2 *Sim senhor.*

INQ1 *Esta está?*

INQ2 *Três, sete, seis. Essa...*

INQ1 *Uma vermelhinha, pequenina?...*

INF2 Carochinha.

INF1 É a que dava nos trigos. A carochinha.

INF2 A carocha dos trigos.

INF1 A carochinha ou carochinha miúda. {pp} A carochinha miúda que dava nos trigos.

{PHI¹břĩ¹kavĩ=Brincavam} muito com essa carochinha {pp} os rapazes (...).

INQ2 *Portanto, essa era...*

INQ1 *E noutros sítios chamam a joaninha, também?*

INF1 Joaninha, é. É {fp}.

INF2 É joaninha também.

INQ2 *Três, sete, quatro.*

INF2 A joaninha.

Código de identificação do ficheiro: MIG38-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 06 lado: B min: 91-99	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: Os insectos	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 04	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ1 Olhe, e nas orelhas dos cães havia algum bicho que...

INF1 [AB|Ca-] Carrapato. Carrapato, ainda dá hoje.

INF2 Havia e há.

INF1 Havia e há!

INQ2 E nas vacas também aparece?

INF1 E nas vacas também dá. Mas agora dá muito frequente é nos campos.

INF2 É.

INQ1 Pois. Mas olhe, no nordeste não há.

INF2 Carrapato?

INF1 Não há?

INQ1 Não. O que é bom é ir para o nordeste viver. Não há carrapatos. Ninguém conhece. Diz que nunca...

INF1 {fp} [AB|Eu.t] Eu também conheci o carrapato... Já tinha {PH|e'kwazi=quase} vinte anos, quando [AB|co-] conheci o carrapato.

INF2 Aqui dão na...

Código de identificação do ficheiro: MIG39-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Aristóbulo Idade: 80	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 06 lado: B min: 105-131	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Os insectos	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 05	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INF1 É percevejo. Percevejo.

INF2 Percevejo, isso dava na tropa.

INQ1 Há uns que pegavam nas camas.

INF2 Isso dava nas camas, na tropa. No tempo da tropa, isso dava que até... Dava tanto.

INQ2 Chama como?

INF2 {fp} [AB|Aque] {fp} Como é que se diz?

INF1 Percevejo.

INF2 Percevejo. {pp} Percevejo [AB|que dá].

INQ2 E o outro que o senhor disse que estava na madeira, que fura a madeira?

INF1 Isso é... A gente trata caruncho. É um bichinho comprido que vai roendo a madeira.

INQ1 E se eu tiver uma tábuia toda cheia disso, eu digo que a tábuia está quê?

INF1 (...)

INQ1 Não, mas eu digo isto?...

INQ2 Diga?

INF2 A tábuia {IP|ta=está} toda carunchosa.

INF1 É, exactamente.

INF3 E uma pessoa quando {IP|ta=está} velha também {IP|ta=está} carunchosa.

INF2 (...) Fica carunchoso ({PH|kmø'si=como si}).

INF1 (Por ti não seja)!

INQ2 Parece que está. Parece que está, não é, senhor Aristóbulo? Parece que está mas não está.

INF1 Ai, ai, ai!

INQ1 Esses bichinhos pretos que vão ao açúcar?

INF2 A {fp} formiga.

INF1 Formiga.

INQ1 E há uma que tem?...

INF2 Há uma [AB|que tem{fp}] que tem raço, mais grande.

INF1 (...)

INF2 É uma formiga {fp} grada. [AB|Isso é] Trata-se formiga grada cá. Que [AB|há{fp}] há formiga miúda e formiga grada.

INQ1 E uma que tem asas?

INF2 (...) Ah, todas têm.

INF1 Então não é a formiga, mas é já com asas.

INF2 Até há algumas que voam {fp}... E este ano apareceu uma nova. Este ano apareceu a formiga grande nova [AB|que se alimenta de] {pp} que se alimenta de ervas.

INF1 Isso é então já [AB|o mosq-] um mosquito.

INQ2 Ai! Rói ervas?

INF2 Um mosquito? Não é um mosquito.

INF3 Mas é uma coisa grande!

INF2 Mas é grande!

INQ2 Ah! Já sei.

INF3 Um mosquito que {pp} em vez de se alimentar de sangue alimenta-se de erva.

INF2 Pois é. {pp} {PH|nẽ=Não} havia aqui.

INF3 Não. Este ano foi o primeiro ano que apareceu cá.

INQ2 Não havia cá?

INF2 Não havia.

INF3 Este ano é que houve uma quantidade...

INF2 {PH|nũ=Não} sei como é que aquilo apareceu.

INQ2 É aquela melga grande.

INQ3 É a grande.

INF3 Não sei como é que aquilo apareceu...

INQ1 É aquelas melgas grandes.

INQ2 Lá no continente há há muitos anos, disto.

INF1 Não, não é dessas.

INF2 É disto, sim senhor. É disto. [AB|Este ano n-] Este ano é que {fp} houve disso cá, com muita fartura.

INF1 Apareceu disto este ano aqui que foi um caso sério.

INF2 Quando se acende...

INQ2 Mas lá no continente já há há muito tempo.

INF1 Aqui foi este ano, porque não havia cá.

INF2 Este ano havia cá isso aí.

INF3 Não sei como é que isso {PH|vi'ẽrĩ=vieram} para cá.

Código de identificação do ficheiro: MIG40-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Amoedo Idade: 80	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 06 lado: B min: 148-161	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Os insectos	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 06	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ E esta que salta?...

INF1 Isso é gafanhoto.

INF2 O gafanhoto.

INQ O daqui é verde ou é castanho?

INF1 É verde.

INF2 E há cá... Há também castanho.

INF3 E há aqui castanho.

INF1 Há. Há castanho e verde também.

INF3 Há. Há castanho e verde.

INF1 Há castanho e verde.

INF4 [ABIMas] Mas a princípio [ABlera m-, era] era mais verde.

INF1 {fp} Não. A princípio o gafanhoto dava nas restevas e ele tomava a cor [ABlde{fp}] do ambiente.

INQ2 Exactamente. É.

INF1 Tomava a cor do ambiente e não era verde. Agora como (ele) os prados é tudo verde, tudo verde, as pastagens é tudo verde, e ele toma (logo) a cor do ambiente.

INF4 Ah, sim. Rhum-rhum.

INF1 Agora é que o gafanhoto está mais verde do que o que era há anos quando dava nas restevas do trigo.

INF4 Sim, sim.

INQ1 E este?

INF2 [ABIA ar-] A aranha.

INQ1 Aqui há uma aranha que tem assim só o corpo redondo e com umas pernas compridas?

INF1 Há, sim senhor.

INQ1 Ou é só?...

INF1 [ABIE, e o] E assim o corpo amarelo. Há umas que tem o corpo amarelo, que dá nas vinhas.

Agora no tempo das vinhas, elas {IP|tẽw̃=estão} penduradas lá – gradas!

INQ1 Rhum-rhum. É tudo aranhas?

INF1 É tudo aranhas. A gente trata aquilo tudo aranhas.

INQ2 E essa coisa que ela faz?

INF1 Aquilo [AB|é{fp}] é a teia que ela [AB|{IP|ta=está} t-] {IP|ta=está} {RC|tecen=tecendo}.

INQ2 Chama-lhe?

INF1 Teia.

Código de identificação do ficheiro: MIG41-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Amós Idade: 52	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Amoedo Idade: 80	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 06 lado: B min: 218-239	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: Os insectos	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 07	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ1 Sim. Não há aqui nada a que chamem o moscão?

INF1 Não senhora.

INQ1 Não? Moscão não há?

INF1 Não.

INQ2 E um que costuma picar o olho às vacas?

INF1 A vespra [AB|pica as] pica as vacas e elas até, se estão amarradas, elas {PH|têfi=tentam} de se soltar.

INF2 Isso é a vespa. Não é a vespa?

INF1 É vespra.

INF2 É vespra.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Mas porque...

INQ2 Mas ele agora há uma mosquinha pequenina que está sempre à volta...

INF3 (...)

INF1 Ah, como é que se chama aquilo? [ABIÉ m-] É mosca do olho.

INQ2 Mosca do?... E depois não?...

INQ1 Mosca do?...

INF1 Olho. Porque é: frequentemente elas estão sempre em volta de {fp}...

INQ2 É. E não há uma mosca que é maior do que essa, que também pica?

INF1 {fp} É a mosca [ABIn-] normal. Mas não tem nome...

INQ2 Pica o animal?

INF1 Pica o animal mas não é [RPInão é]... Não tem nome. É mosca.

INF2 Mosca do cavalo.

INF3 Ou cadela (...).

INF4 Não, não.

INF2 Mosca do cavalo. Isso é uma mosca-cavalo.

INF4 Há mosca do cavalo.

INF1 Não é a mosca-cavalo. [AB|Na-, na-] Não é parecida com ela.

INF4 Sim, sim.

INQ2 Como é que é uma mosca do cavalo?

INF1 A mosca do cavalo, quer dizer, ela pende mais {CT|pɔ|=para os} cavalos, {CT|pa|=para as} burras [AB|pa-]...

INF2 (Tem uma) mosca chamada mosca dos cavalos.

INQ2 Mas é, é maior do que a mosca vareja ou é?...

INF1 Não senhor. {pp} É mais ou menos (o mesmo tamanho).

INF2 (É tamanho, tamanho).

INF3 (...)

INQ2 Mas, mas é parecido com a mosca?

INF3 É, sim senhor.

INQ2 Essa mosca-cavalo tem a?...

INF1 Não é parecida com a mosca!

INF3 Não é. É mais curta. Ela é mais curta mesmo que essa mosca.

INF2 E é mais chata e tudo.

INF3 E mais chata. A barriga dela mesmo é mais chata.

INF1 Tem uma barriga... A barriga dela {fp} parece um ovo.

INF3 É. Tratam mosca do cavalo.

INF1 Espreme-se a barriga e sai um nó. [AB|É formada por um, por um]

INF4 E aqui também dá (...). Mas agora já não dá (...).

INF2 Não!

INF3 Uma conta branca! Uma conta {pp} branca. (Uma gota de água). A gente espreme {fp}... (Ele) a barriga dela é (parecida) com uma conta. Parece uma coisa (que não vai abrir).

INF1 [AB|A- {fp}] Aquela mosca do cavalo {pp} pendia mais [AB|{CT|pa|=para as}] {CT|pa|=para as} bestas, [AB|pa] {CT|pɔ|=para o} lado dos cavalos. Aparecia (por ali) nas vacas mas (ela então) não durava muito nas vacas.

INQ2 Pois. Rhum-rhum.

INF3 E para morrer, só cortando- {PH|li=lhe} a cabeça.

INF4 É, é.

INQ2 Ah, isso já nos tinham dito.

INQ1 Ah!...

INF3 Isso é. {fp} Sem {PH|li=lhe} cortar- {CT|lɐ=lhe a} cabeça, ela {IP|ta=está} sempre mexendo, sempre mexendo, sempre. Tira-se- {CT|lɐ=lhe a} barriga e ela continua viva. {pp} Ora agora aquilo devem ter dores, não é?

INF2 Está sempre, está sempre... Corta a barriga {pp} (e aquilo está sempre)...

INQ1 Pois, pois.

INF3 Cortando-{CT|lê=lhe a } cabeça, então é que ela...

Código de identificação do ficheiro: MIG42-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 06 lado: B min: 296-324	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: O milho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 08	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ1 Então, diga-me lá: como é que se chama essa parte de baixo da arribana?

INF [AB|Pu-] {fp} Os pulins da arribana.

INQ1 Os pulins da arribana.

INF É que há os pés da arribana, {CT|ne=não é}? [AB|Esses]

INQ1 E é para quê? Porque é que tem esses?... É porque eu noutras ilhas vi isto até abaixo...

INF {fp} Exactamente. Noutras ilhas até fazem uma casa. [AB|Fa-] Fazem casa e o milho {IP|ta=está}

arrumado ali dentro, {CT|ne=não é}? A gente aqui {fp} {PH|uzi=usam} essa... Fazem as arribanas e o

milho fica fora todo o ano. Fica fora todo o ano. Não tem moléstia também nenhuma em todo o ano

fora. Contanto a gente tem que {PH|lu=o} pôr a escorrer quando vem a água para não entrar para

dentro. Por isso é: isso chama-se os pulins; essa peça de madeira que {IP|ta=está} aqui, que vem por aí

adiante – que vem por aí adiante [AB|{PH|o=ao} comp-] {PH|o=ao} comprido –,

INQ1 Do pulim ao outro?

INF do pulim {PH|o=ao} outro, é o {PH|fre'ja=fechal} da arribana.

INQ1 O?...

INF O {PH|fre'ja=fechal} da arribana. E aqui [AB|essas outras peças] essas outras peças é a travessa

da arribana. [AB|As tra-, a tra-]

INQ1 A travessa, portanto... O fechal é na parte mais comprida?...

INF {PH|fre'ja=fechal}, comprida; as travessas, [AB|para travar] para travar. E isto chama-se [AB|las

tesou-] a tesoura da arribana, [AB|para trav-]

INQ1 A tesoura?

INF para travar as pernas da arribana – que as pernas é essas varas. [AB|E é]

INQ1 E é a que... Portanto, a tesoura é a que fica no meio a travar?

INF [AB]É a que t-] Exactamente. {IP|ta=Está} {pp} encruzada, travando {CT|pɔ]=para os} dois lados.

Chama-se a tesoura e isso é as pernas da arribana. [AB]E a gente]

INQ1 Pernas da arribana.

INF Sim senhora. A gente {PH|emẽ'fẽĩ='emancheiam'} o milho: fazem manchinhos. (Ah, não meti de além). {fp}

INQ1 Oi!

INF A gente {PH|emẽ'fẽĩ='emancheiam'} o milho todo em manchos assim,

INQ1 Pois, uns manchos...

INF {PH|e'marĩ=amarram},

INQ1 E queria tirar também fotografia aos manchos.

INF e depois é que {fp} {PH|dipẽ'durĩ=dependuram} aí. Que não se pode pendurar maçaroca a maçaroca.

INQ1 Pois, pois. Tem que ser...

INF E quando a gente abrem o milho, então é que se chama esgalhar o milho.

INQ1 Esgalhar?

INF Esgalhar o milho é quando a gente {PH|'abrĩ=abrem} o milho assim.

INQ1 Ai, está lindo o milho! Espere lá, não pendure ainda só para tirar uma fotografia a um manquinho, se faz favor.

INF Quer que eu deite sobre a arribana?

INQ1 Diga?

INF Quer que eu deite sobre [AB]a be-] a arribana?

INQ1 Não, não. Deixe estar na sua mão, que eu tiro na sua mão.

[Corte na gravação]

INF Estão a podar a vinha, é {fp} [AB]esta le-] esta lenha. Isto serve para lenha, para queimar, para se cozer pão.

INQ1 E como é que chama a esse coisinho aí que tem atado, aí assim? Chama-lhe um quê?

INF Isso?

INQ1 Esse bocadinho de vinha que está aí atado?

INF [AB]Ele] {fp} (Ele aqui) isso a gente {PH|'trafi=tratam} um amarrilho –

INQ1 Sim. Isso... Um amarrilho.

INF que é uma espadana, é; que a espadana é a tal tabua que a gente {PH|fẽ'larĩ=falaram} ontem.

INQ1 Pois.

INF É a espadana.

INQ1 E assim esse conjunto da?...

INF (Ele é) /É {fp} \ um molho.

INQ1 Um molho de?...

INF É um molho. Há molhos maiores, molhos mais pequenitos...

INQ1 Sim senhora. Obrigadinho.

INF Nada, nada.

INQ1 Então adeus. Até logo.

INQ2 Obrigadinho.

INQ1 Obrigado.

Código de identificação do ficheiro: MIG43-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 06 lado: B min: 324-341	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: As alfaias agrícolas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 09	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INF Com carros aí e {fp} desprezarem [ABlo{fp}] os 'animales' para acartar as coisas! Não tudo no carro. Mas ainda tenho isso tudo acautelado: a empreita {pp}... Isso é o tamoeiro. Isso trata-se tudo [ABlem t-] o tamoeiro, mas só essa parte é a empreita. E isso é o arrocho {pp} onde se arrocha a carga. {fp} E isso é a empreita. Aqui é a cabeça, o freio, {pp} que ainda o tenho aqui...

INQ1 Nunca havia um freio que em vez de ir no meio ia aqui por baixo?

INF {fp} Havia, sim senhora. Mas a gente {PHI'uzi=usam} sempre {fp} é mais estes – é mais este freio. Este freio aguenta mais o animal. Este freio [ABlva-] vai por dentro da boca, o outro é só por baixo. Já é uma espécie de barbela. O outro é espécie de uma barbela. Tenho aqui a {PHIku'rête=corrente} que é a tal {PHIku'rête=corrente} que se {pp} engatava na grade!

INQ1 Ah!

INF Tenho aqui o macinho.

INQ1 O macinho de bater o...

INF O macinho de abrir o arado e de fechar o arado – que é quando se abria e fechava-se o arado de pau. E isso é a tal {PHIku'rête=corrente}: {IPlta=está} preparada ainda {pp} de engatar na grade.

Essas duas {PHI'argule}=argolas} {PHI'gafi=engatam} os dentes da grade, e depois ela vai à canga dos bois lá dentro, [ABlpara, para eles] para eles puxarem a grade. Ainda tenho isso tudo aqui.

INQ2 Sim senhor. Mas já não usa nada disso? Nem o seu filho também não usa?

INF Já não se usa. Já não se usa. Agora tudo é em tractores. [ABIÉ tudo já, {pp} está] Estão todas trabalhadas em tractores. [ABIJá nã-] Já {PHInũ=não} {PHItr'e'baçi=trabalham} a bois. Hoje, [ABIjá não] já não {PHI'uzi=usam} nada disso. Mas gosto de ter isso acautelado. É uma recordação.

INQ1 Claro.

INQ2 Pois claro.

INF É uma recordação, não é verdade?

Código de identificação do ficheiro: MIG44-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Andreia Idade: 56	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 06 lado: B min: 353-368	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 10	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INF1 Ah, tu já não trabalhas muito nisso, {CT|ne=não é}?

INF2 Eu não trabalho porque eu {IP|'to=estou} doente do coração.

INF1 (Foi) a minha mulher é que me disse: "Olha, a Andreia, ela ainda tece"! Lá é que é bom (para ver aquilo).

INF2 É. Ele eu {IP|'to=estou} doente do coração. Quer dizer {pp}, [AB|eu não] eu faço um bocadinho, mas é é a minha filha.

INF1 E é preciso [AB|não] não teimar muito (...). Ah, a tua filha também tece?

INF2 Ah, ela sabe tecer igual a mim!

INF1 É muito bom.

INQ Ai é? Ela tece como a mãe?

INF2 Ela sabe. {pp} Quer dizer, até que (ele) quando as camionetas {PH|su'birĩ=subiram} muito {pp}, ela gostava de {pp}... Como é? Disse-me: "A mamã se acha que as camionetas são muito caras" – porque ela trabalha na cidade. "Eu desisto e {fp}"...

INF1 E [AB|a vi-] a vida continua.

INF2 E eu disse: "Não senhora"! Eu disse: "Estudaste tanto {pp} e agora ias ficar sem {fp}"... Oh! A gente quando temos aqui [AB|a b- {fp}] a manta já muito para cima, a gente agora tem que tirar uma tirada. A gente vem aqui, a gente {PH|'tirĩ=tiram}... Oh, agora {IP|'ta=está} baixinho, a gente {PH|'tirĩ=tiram} um fio só – quando {IP|'ta=está} muito alto, o algodão, porque isso eu faço {fp} um rolo assim muito grande.

INQ Rhum-rhum.

INF2 Eu faço. A gente, depois, a gente {PH|'puzĩ=puxam} aqui {pp} para levar a manta {CT|po=para o} seu lugar para começar a trabalhar.

Código de identificação do ficheiro: MIG45-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Andreia Idade: 56	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 06 lado: B min: 368-442	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: O linho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 11	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ1 Olhe, mas eu queria-lhe perguntar: antes de pôr isto aqui, aqui no tear, o que é que tem que fazer cá fora?

INF1 A gente, primeiro, a gente temos uma urdideira {pp} donde a gente {PH|'levĩ=levam} {fp}... Eu ponho ali na servidão, porque é preciso um campo grande. Os rapazes {PH|'tirĩmẽ=tiram-me a} carrinha para fora e eu, ali na servidão, eu ponho [ABlum{fp}], quer dizer, [ABlum] uma grade. Até para se mostrar se{fp}...

INQ1 É uma... É uma tabuinha com uns tornos... É?

INF1 Sim senhor.

INF2 É espécie de grade.

INF1 É. Como uma grade. A gente mesmo {PH|'ʃẽmĩ=chamam} aquilo a urdideira.

INF1 (Aquilo é a urdideira).

INF2 {fp} Eu começo a urdir... A gente, antigamente, a gente tinha era um{fp} caixote deste tamanho com doze{fp} quadradinhos, porque{fp} a gente ali punha era{fp} cada novelo em si. Mas eu {fp} nunca quis fazer, porque os fios {PH|pi'gavĩ=pegavam} muito. Eu nunca fiz, nunca fiz... Eu ia urdir para casa da senhora Andreлина. Essa senhora morreu, vendem o tear, e o que é que eu inspirei? Eu disse: "Ah! Vai ser com tigelas"! E eu fazia doze tigelas e punha ali no chão e fazia. Agora a gente {fp} {PH|'kõprĩ=compram}, já não é... Porque a gente era meadas que a gente {PH|kõ'pravĩ=compravam}. A gente {PH|li'vavĩ=levavam} à dobadura {pp} que era para dobar... Fazia os novelos. (Ele) agora vendem é umas 'cepolas' de linha. {pp} E eu, com aquelas 'cepolas', eu ponho doze, {fp} às vezes, eu ponho as garrafas de gás, ou coisa. E punha-se... Ah, o {PH|ri'f'teβulu=restelo} também está ali. Que eu até pensei {fp}...

INQ1 Ah, deixe estar, deixe estar que a gente já vê. Explique agora. Portanto?...

INF1 Eu ponho o {PH|ri}'teβulu=restelo}, passo o fio e começo a urdir com a espadilha que é como uma faca grande, tudo cheio de buraquinhos, aquilo. Agora, eu sempre fui puxando, {pp} quer dizer, não só aquilo que me {PH|ēsi'narĩ=ensinaram} – porque eu {PH|nũ=não} nasci aprendida, foi uma senhora que me ensinou... Ela urdia com doze novelos. E eu, [AB|tu-] {fp} para ser mais prático para mim, 'encurtecendo' sempre o serviço, eu fui {fp}... Porque o meu pai é que me fez aquela espadilha; e ele, quando me fez aquela espadilha, ele pôs mais buraquinhos, mais furinhos. [AB|E ele {fp}] E a minha mãe disse assim: "Para que será que {IP|te}=estás} fazendo isso à rapariga"? E ele disse: "Ah, nunca se sabe para o que é que é preciso". E eu agora [AB|vou-me aumen-] fui aumentando sempre um fio, sempre um fio... Porque a gente temos as nossas contas aqui todas. Era doze fios para passar aqui e tudo, pronto. {fp} E eu fui sempre pondo um fio até que eu já vou até {fp} dezasseis {fp} novelos. Em lugar de eu pôr {fp} doze, eu ponho dezasseis, eu faço três cabrestilhos e já me reserva um. Em lugar de eu fazer quatro cabrestilhos, eu faço três e a conta dos fios já me dá {fp} aquilo que eu {fp}... Quer dizer, {fp} fazendo sempre o serviço, mas {fp} 'encurtecendo-me' sempre [AB|o serv-] o trabalho. A gente quando tem [AB|o {fp}], a {fp} teia urdida, {pp} com a largura [AB|da {fp}] da haste e do liço, eu faço uma meada. Ponho [AB|numa {fp}] numa pana ou num saco plástico – naquilo que a gente entende – e {fp} trago para aqui. Aqui é preciso três pessoas [AB|para {fp}]

INQ1 Para quê?

INF1 para carregar. Até, noutra dia, eu disse à rapariga: "Tu hás-de ver se me tiras algumas fotografias {pp} a gente carregando"! {fp} Quer dizer, eu {IP|to=estou} a ver que devia ficar sem esse serviço, porque não posso. E eu, isto, eu adoro isso.

INQ2 Pois.

INF1 Eu canso muito, {pp} mas {fp} aqui o bocadinho que eu ({IP|to=estou}), eu penso até que não me faz mal. Faz-me mal mas eu penso que não faz, porque eu gosto muito disso. Eu com catorze anos... A minha vida foi essa. Sei fazer os meus pontinhos, sei fazer malha, sei fazer renda, sei marcar, bordei à máquina. Isto tudo eu sei fazer! Mas eu adoro é isso! Isso eu adoro! E eu não sei se aquele senhor sabe muito bem – que a gente tem a nossa vida –, trabalhavam muito pelas terras!

INF2 Então não trabalhavam?! {fp} Antigamente, as mulheres iam (olhando) pelas terras.

INF1 A gente {PH|trēbe'λavĩ=trabalhavam} muito pelas terras, mas a minha mãe {pp} sempre nos deixou aprender aquilo que a gente {PH|dizi'zavĩ=desejavam}! Tanto eu como as minhas {RClir- =irmãs}. A minha irmã Andresa também sabe tecer.

INF2 Também sabe tecer.

INF1 É. Também sabe tecer. Ela ficou foi doente da coluna e deixou porque ela vinha...

INF2 E fiar também?

INF1 Não, ela não fiava. Ela vinha era para aqui. Porque ela não sabe muito bem urdir. E depois ela não sabe dividir as cores. E eu é que dividia. Punha tudo à maneira [AB|dela {fp}] de ela tecer. E ela, ela ganhou um bom dinheirinho aqui. {fp} A gente 'traze-a' para aqui, é preciso três pessoas: uma sentada ali no chão, puxando essa... Isso está {fp} assim por aqui [AB|le aquele {fp}, uma]... (Ele) como é? Com uma meada de linha grossa, ela {IP|ta=está} uma ali sentada puxando. {fp}

INQ2 Mas como é que se chama isto tudo junto?

INF1 Isso tudo junto é uma teia.

INQ2 Portanto, há uma sentada...

INF1 Uma {IP|ta=está} sentada ali puxando a teia. A outra {IP|ta=está} aqui com uma varinha nesse tornozinho enrolando – que é enrolando isso. E eu {IP|to=estou} aqui sentada {pp} com o restelo. Que a gente {PH|ʃemĩ=chamam} aquilo restelo. Que é tudo cheio duns {fp} [AB|luns] coisinhas... Eu é que {IP|to=estou} ali porque (ele) essas cabeças têm que ser muito bem feitas, porque se não, depois, {PH|dʃka'basø=descabeça} {pp} – ali. Porque [AB|eu, eu já] eu aqui já tenho a prática e vou- {PH|li=lhe} dando sempre o jeito – porque isso vai sempre apertando –, que é para não fazer... Porque se a gente porem sempre no mesmo tear, isso faz um rolo assim [AB|e d-] e {PH|dʃka'basø=descabeça}. Até que eu já disse: "Eu, quando eu fizer um órgão novo" – porque isso, ele essa parte chama-se um órgão –, "eu, quando eu fizer, eu vou fazer mas vai ser com a madeira à maneira de {fp}"... Qualquer pessoa pode carregar que não tem aquela ciência de fazer cabeça. Porque a gente {IP|tẽw̃=estão} sempre olho ali, olho ali [AB| para ele {fp} para ir sempre, {pp} para] para isso: estas linhas, que é a teia, ir sempre puxando para dentro.

Código de identificação do ficheiro: MIG46-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Andreia Idade: 56	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 07 lado: A min: 2-205	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: O linho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 12	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INF1 Depois de ter carregado {fp}, pronto! {PH|e'zudĩmi=Ajudam-me} a carregar... A gente {fp} temos... Porque a gente quando {PH|fazĩ=fazem} ali, a gente {PH|fazĩ=fazem} [AB|luns em] uns 'encruzes', assim, fio por fio! Porque a gente {PH|fazĩ=fazem} é com o dedo. A gente {PH|pegĩ=pegam} assim, {PH|fazĩ=fazem} assim. {fp} Fica aqui assim em cruz. E este 'encruz' é preciso que a gente nunca {PH|lu=o} {PH|d|'mẽĩ=desmanchem}, porque, se não, enriça-nos muito o coisa. Eu trago para aqui, temos aqui essas canas grossas, (ele) eu abro os 'encruzes', a gente {PH|meĩ=metem} a cana e fica ali. Eu amarro [AB|luns aos] com uns nozinhos as pontinhas do algodão e fica aqui. Pronto! Eu, depois, eu começo a repassar aqui. Isso aqui é repassado fio por fio.
INQ1 E isto como é que lhe chama?

INF1 A isso chama-se um liço. E a gente {PH|ri'pasĩ=repassam} isso é fio por fio. A gente tem de passar esses fios todos. A gente {PH|levĩli=levam-lhe} aqui o dedo, {PH|abrĩ=abrem} o dedo e metem o fio ao meio e {PH|puĩ=puxam}. A gente {PH|levĩ=levam} aqui, já se sabe, horas e horas nisso. (Pois). Porque isso é muito fio.
INQ1 Pois.

INF1 E (ele) a gente {PH|ri'pasĩ=repassam} aqui. Depois de {IP|tar=estar} repassado aqui, eu {pp} tiro isso daqui...
INQ1 O que é isso? Como é que se chama?

INF1 Isso é uma haste. Esta? {pp} Uma haste.
INQ1 Uma haste.

INF1 E isso a gente {PH|fẽmĩ=chamam} a queixa, {pp} que é o com que a gente batem.
INQ1 Portanto, a haste está dentro da queixa?

INF1 É, é. A haste vai para dentro {CT|pa=para a} queixa. [ABIE eu] A gente, depois, aqui, {pp} a gente tem-lhe que enfiar dois fios [ABlcada{fp}] cada rachinha dessa outra vez. Aqui é uma só, porque é o fio daqui e o fio daqui. A gente, depois, {PHI'pašĩ=passam} os dois aqui. {IP|ta=Está} pronto, a gente {PHI'pegĩ=pegam} numa varinha dessas – que a outra {IP|ta=está} aqui dentro –, a gente {PHI'pegĩ=pegam} numa varinha dessas, com [ABluma{fp}] umas cordas que eu tenho aqui, {pp} a gente põe aqui no órgão e {PHI'fĩĩ=enfiam} essa varinha. Uma pessoa aguenta-me aqui porque {fp} coisa... É. Ele qualquer pessoa me aguenta! E eu, muita vez, eu faço sozinha! E a gente {PHIk^{wi}mešĩ=começam} a puxar a teia, aqui, o algodão, a gente {PHIk^{wi}mešĩle=começam-lhe a} puxar e {PHIle'marĩ=amarram} aqui contra a varinha. Depois de ter amarrado, a gente vão aqui, {PHI'bõfĩ=botam} as premedeiras, que é donde a gente põe os pés...

INQ2 Como é que se chama?

INF1 Premedeiras, {pp} que é donde a gente põe os pés. E a gente {PHIk^{wi}mešĩ=começam} o tecido.

INQ1 E essa varinha como é que se chama?

INF1 A vara.

INQ1 Chama-se mesmo a vara?

INF1 É.

INQ1 Não compres coisas nenhuma.

INF1 {fp} Essa é a vara e agora essa que eu tenho aqui [ABlé uma {fp}] é vara. É. A gente {PHI'femĩ=chamam} isso as varinhas. E isso é uma vara que é de a gente medir [AB|(ele){fp}]...

INQ1 O tecido?

INF1 (Ele) o tecido. Porque uma manta são duas varas dessas. Isso dá um metro e doze centímetros.

INQ1 Uma vara é um metro e doze centímetros?

INF1 Uma vara é [ABluma] uma coisa e é doze centímetros. Mas eu quase sempre agora já não uso isso. É a fita que eu tenho aqui. Porque a gente mesmo quando {PHIk^{wi}mešĩ=começam} a tecer, isso é tudo por medida: essas listras que a gente {PHI'fazĩ=fazem} [AB|leu fa-]... E eu {fp} avezei a moda [AB|de{fp}] de ser com a fita. Tenho aqui: é{fp} tantos, é tantos e a gente: hehe-hehe... Que eu, primeiro, a gente era com uma canina, com umas coisinhas... Agora é a tal coisa: é tudo mais prático, não é? Aí eu meço é [AB|com a] com a fita. Depois de estar, começo a tecer.

INQ1 E como é que chama a isto?

INF1 Isso chama-se a chave do tear.

INQ1 A?...

INF1 Chave.

INQ1 Que é para?...

INF1 Que é para apertar a teia.

INQ1 Portanto, no, no órgão? Enfia no órgão?

INF1 [AB|A gen-] A gente põe aqui no órgão que é [AB|para ele{fp}] para rodar. E aqui também é a chave. Porque aquela ele é diferente porque isso é{fp} uma coisa que faz muita força mesmo.

INQ1 Pois.

INF1 Isso faz muita {fp}...

INQ1 Esta aqui também lhe chama varinha?

INF1 É também varinha.

INQ1 Pronto.

INF1 A gente {PHI'ʃəmĩ=chamam} essas varinhas é varinhas. E isso agora aqui, depois de a gente terem repassados, a gente põem dentro na queixa. Isso aqui é a queixa {fp}

INQ1 E a haste.

INF1 e a haste, que é {fp} donde a gente {PHI'k^umesĩ=começam} {fp} a bater. [ABIMas]

INQ1 E estas coisas?... Isto aqui que serve para prender os liços?

INF1 Ele {pp} isso aqui a gente {PHI'ʃəmĩ=chamam} é os {pp} cabrestilhozinhos – {pp} a esses bocadinhos. Aqui é uma rodinha que a gente {PHI'ʃəmĩ=chamam}, porque a gente temos aqui uma {fp}... Agora essas [AB]que trazem], {PHI'trafĩ=tratam} isso é as cabritas.

INQ1 Estas aqui de cima onde estão as rodinhas são as cabritas?

INF1 É. A gente {PHI'ʃəmĩ=chamam} cabritas.

INQ1 Então e os cabrestilhos, não é os fios daqui?

INF1 É. Os cabrestilhos é isso. Mas a gente também {PHI'ʃəmĩ=chamam} isso cabrestilinhos.

INQ1 Também chama a isso... Diga?

INF1 Cabrestilinhos {pp}

INQ1 Cabrestilinhos.

INF1 que a gente {PHI'ʃəmĩ=chamam} isso.

INQ1 Os cabrestilhos são quantos fios?

INF1 É doze.

INQ1 Doze fios?

INF1 Doze. Mas é a tal coisa que eu já ponho mais novelos e eu agora faço com dezasseis.

INQ2 Já faz mais uns.

INF1 É, é. Eu já faço mais quatro fios em cada cabrestilho – foi o que eu disse ainda agora –, quatro fios em cada cabrestilho. Em lugar de eu fazer quatro cabrestilhos, eu faço três e já tenho quatro.

INQ1 Pois, pois.

INF1 É. Porque é quatro fios. Porque é: um cabrestilho são doze, porque é os doze novelos que a gente põem na urdideira [AB]le{fp}]...

INQ1 Pois. E aquela antiga que tinha de que me falou há bocadinho? Aquela caixa com os doze novelos?...

INF1 Isso, eu não tenho.

INQ1 Mas como é que se chamava? Lembra-se?

INF1 É casal. A gente {PHI'ʃə'mavĩ=chamavam} aquilo era o casal. {pp} É. O meu rapaz disse: "Ai, eu qualquer dia faço isso à minha mãe". (Eu) disse: "Ai, eu {PHI'nẽ=não} quero que eu já {IP}'to=estou} no resto da minha vida, [AB]leu não] eu não quero". [ABIMas{fp} a gente]

INQ1 Antes quer as panas?

INF1 É.

INF2 As tigelas.

INF1 As tigelas. [ABl Ele, pronto, ele faz...] Aquilo ali, a tigela é lisa {pp}

INQ1 Pois. Não prende.

INF1 e o fio não prende nada. Porque é: isso é uma coisa {pp} quando apanha [ABlum] uma coisinha dessas assim, a gente {PHl'fikĩ=ficam} logo engatadas. Porque é: esse tear isso já tem anos.

INQ1 Claro. Olhe e...

INF1 Eu já teço {pp}... Eu tinha catorze anos, {pp} eu já teço há {fp} quarenta {pp} e dois anos. Porque eu tenho cinquenta e seis {pp} e eu comecei a tecer com a idade de catorze anos. Com catorze anos, eu já {IPl'tavẽ=estava} aprendendo. Comecei [ABla ve-] a tecer mas eu sempre gostei: teci cobertores de tear, {PHlnẽ=não} é só mantas que eu faço! [ABlEu teço man-] Eu ele [ABlfe-] fazia, agora é que [ABleu não] eu não quero fazer porque não posso. Mas daqueles teares que a gente {PHl'jẽ'mavĩ=chamavam} o tear [ABlde] de Norte. Daquelles teares de {fp}

INQ1 De duas pessoas?

INF1 cobertores. Não.

INQ1 Ah!

INF1 Cobertores [ABlde] de Norte [ABlque a gente].

INF2 Não havia em lã de ovelha, há?

INF1 Que era com lã de ovelha.

INF2 Não se trabalhava em lã de ovelha!

INF1 Ele eu tenho! Eu tenho [ABld-{fp}] quatro, três cobertores desses. Daquelles que era de risquinhas {pp}. E {fp} eu tenho {pp}

INQ2 Essas coisas todas tem.

INF1 essas coisas todas. A gente tecem muito agora é muita carpete. Porque as pessoas já {PHlnẽ=não} querem mantas {CTlpaʃ=para as} camas, é carpetes, é tapetes, é [ABlaquele {fp}] almofadas. Então, eu trabalho aqui em lã [ABle {fp}], e em {fp} e em retalho.

INQ1 Em linho já não trabalhou ou ainda trabalhou?

INF1 Tenho ali duas sacas para fazer. Eu tenho ali duas sacas para tecer que eu disse a ela, no outro dia, à senhora que me falou, eu disse: "Tu tiveste foi uma grande sorte de me pores aqui, em casa, sem eu {fp}... Eu {IPl'tø=estou} doente! Porque se eu {IPti'vesi=estivesse} doente, [ABleu não te queri-, eu já não] já não vinha para cá".

INQ1 Pois.

INF1 Porque aquilo ele leva muito tempo a tecer! E, já se sabe, a pequena chega no carro das sete, {pp} é um bocadinho à noite, e também uma pessoa não vai sacrificar aquilo que aquilo também é miúda.

INQ1 Pois claro.

INF1 Mas ela também gosta! Ela também gosta. Todos os dias, [ABleu {fp}] quando eu vou-me à missa, ela fica aqui. Ela chega no carro das sete, eu digo assim: "Olha, se queres, (ele) já está as canelas". Porque as canelas eu ponho. A gente {PHl'jẽmĩ=chamam} esses canudinhos {pp}

INQ1 Pois.

INF1 é canelas. {pp} Isso antigamente era de cana. Porque eu ainda tenho aqui... Ah, olhe! Eu guardei, porque eu gosto muito de coisas antigas! Eu guardei, eu disse: "Ai, eu {PH|nẽ=não} acabo com isso, que isso fica aqui para uma recordação". {fp} Começou a haver esses caninos que isso é da luz.

INQ1 Pois.

INF1 E{fp} os meus filhos {PH|k^wmi^lsarĩmẽ=começaram-me a{fp}} [RPl^a] irem atrás {fp}... Eu tenho um rapaz que trabalha de mestre. Começou-me a trazer, começou-me a trazer, eu agora uso é disso. A gente {PH|fazĩ=fazem} as canelas...

INQ1 Aonde?

INF1 A gente {PH|fazĩ=fazem} à mão.

INQ1 À mão.

INF1 Mas eu tenho uma roda! {IP|ta=Está} aqui, aqui em cima.

INQ1 Ah! Estou a ver. Aquela chamada... Era a roda das canelas?

INF1 É. A gente {PH|fazĩ=fazem} as canelas e a gente {PH|jẽ^lmavĩ=chamavam} aquilo o caneleiro.

INQ1 O?...

INF1 Caneleiro. [AB|Porque ele{fp} a gente {fp}] O linho é feito ali! {fp} Ele quando eu teço coisas{fp} {pp}

INQ1 De lâ.

INF1 de lâ, a gente {PH|fazĩ=fazem} ali, porque é mais depressa. E agora a gente aqui, quando eu faço as canelas, aquilo é: eu já faço tudo por medidas.

INQ1 Pois.

INF1 Tudo. Eu tenho aqui a minha medida que é daqui dessa{fp} coisa à cabeça do tear. Assim até aqui, eu meço quantos retalhos eu queira pôr aqui. Eu meço [AB|leu {fp}]... Quer dizer, a gente, em primeiro, não {PH|fazĩ=faziam} isso; {pp}

INQ1 Pois.

INF1 a gente {PH|iĩ=iam} fazendo. Mas eu gosto de fazer as listras das minhas mantas é com os retalhos iguais. Se dá para seis fios, eu ponho seis; se dá para quatro, é quatro. Eu gosto muito de fazer é tudo igual, porque casa mais depressa. A gente, essas mantas com essas listras, a gente {PH|jẽmĩ=chamam} mantas casadas. Agora das outras que é{fp}... Canelinha de uma cor que é... A gente {PH|jẽmĩ=chamam} aquelas mantas a eito – {pp} que a gente {PH|jẽ^lmavĩ=chamavam}...

INQ1 As que são todas de uma cor?

INF1 Não é de uma cor. Várias cores: é canela duma cor, canela doutra. Agora essas [AB|É] são as mantas casadas [AB|porque].

INQ1 Portanto, qual é a diferença? É porque aqui, neste caso, o que é que?...

INF1 [AB|É]{fp} esse]

INQ1 São casadas porquê?

INF1 São casadas porque [ABlesta] uma parte duma manta, que a gente {PHI'femĩ=chamam} um ramo de manta, tem que casar com a outra. Essas listrinhas, a gente quando cosem, cosem e fica a manta igual [AB|por la-{fp}]...

INQ2 Ficam as duas larguras...

INF1 As duas. As duas larguras, mas com essas risquinhas, {pp}

INQ2 A bater certo.

INF1 portanto, a bater certo: tanto igual de um lado, como igual do outro. Já se sabe, a gente {PHI'fazi=fazem} vários feitios. Não é só desse {fp}... É os retalhos também é que mandam.

Código de identificação do ficheiro: MIG47-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Andreia Idade: 56	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 07 lado: A min: 236-251	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 13	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INF Há. E ali {fp} na Alagoa. Eu, quando eu passo lá, eu ponho-me assim: "Credo! Eu {IP|'to=estou} inquieta para parar, para apanhar aí umas primaveras para mim levar comigo". O meu filho ontem – não sei donde é que ele trouxe –, ele trouxe-me [ABlu-{fp}] umas varinhas disso. {fp} O Anás chegou a casa: "Ó mamã! {IP|ta=Está} aqui {fp} [ABlesses] esses {pp} espetos. A Céu trouxe para a mamã". Digo eu assim: "Ai, eu sei isso o que é! Ai, seja pelas almas, {pp} que eu {IP|'to=estou} acabando os meus". [AB|Ali na{fp}] No outro dia falou na televisão, que [ABlos nossos] as nossas estradas estão [AB| muito{fp}] com muita primavera. Aí para baixo já se vê muita, mas não {PH|lves=as} sabem é {fp} podar e atimar. Eu digo assim: "Credo, que eu no cerrado dos bezerros também tenho, eu disse"!

INQ Mas tem alguma?... Tem alguma flor? Dá alguma flor?

INF Dá uma florinha branca.

INQ Branca.

INF Branca que é [AB|o{fp}] assim: é um {fp} montinho aqui e outro aqui, tudo, tudo... Como a flor do pessegueiro!

Código de identificação do ficheiro: MIG48-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Andreia Idade: 56	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 07 lado: A min: 255-262	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 14	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INF1 Ó Anastácio! A vóvó precisa disso, querido! Ai, isso então! A vóvó quer!

INF2 Se ele partir {fp}, {pp} o pai há-de trazer mais.

INF1 Não! Ah, o pai traz, mas eu não quero que isso faz-me muita... É que aquilo faz-me muita falta, porque a gente sem isso, a gente não {PHltrɐ'baɫi=trabalham}.

INQ Claro.

INF É. O senhor faz favor de me dar para aqui. É {fp}... A gente sem isso, a gente não {PHltrɐ'baɫi=trabalham}. {pp} Porque isso é: eu tendo isso e não tendo o espetinho...

Código de identificação do ficheiro: MIG49-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Andreia Idade: 56	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 07 lado: A min: 270-305	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: O linho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 15	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ1 E isto, é para quê?

INF1 [ABIEu go-] Eu já não disse à senhora? Eu gosto muito de coisas antigas. E {fp} a gente {IPti'verĩ=estiveram} fazendo limpeza lá em cima, à casa de meu pai. Tinha ferraduras, tinha{fp} de {PHlêboj'ar=embolar} os bois. {fp} Papá tinha isso tudo.

INQ1 Como é que se chama de, de embolar os bois?

INF2 {fp} É bolas de deitar na ponta dos bois. A gente tratam

INQ1 Como é que se chamava?

INF2 bolas.

INQ1 Bolas.

INF1 Ele{fp} eu trouxe...

INF2 Em metal amarelo. Em metal amarelo.

INF1 Era metal amarelo.

INF2 Metal amarelo.

INF1 Eu trouxe para baixo, eu disse: "Ai credo! Eu tenho aí só duas"! Até pus essa aqui – essa ferradura aqui – e pus essa aqui... Eu disse: "A gente antigamente, a gente {PHlu'zavĩ=usavam} isso com duas canas aqui".

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Pois era.

INF1 E a gente {PHl̩m̩'raVĩ=amarravam} um atilho e {IPl'tav̩=estava} dependurado.

INQ1 A senhora agora já não põe... E agora a senhora já não põe canas?

INF1 Ele não! Eu não ponho canas porque eu tenho a minha prática de trabalhar e trabalho bem sem canas.

INF2 Era para fazer peso, não era? Para fazer peso...

INF1 [ABIEra para] Não, era para fazer peso

INQ1 *E para puxar as...*

INF1 e para encruzar. Porque a gente quando fazem isso assim...

INQ2 *Agora eu não sei o que é... Ah, é aqui, não é?*

INQ1 *Agora metes por uma.*

INF1 Mal. Ele não!

INQ1 Não?

INQ2 Não?

INF1 Ah, {IP|ta=está} bem!

INQ2 *Agora está. Espere que eu já meti foi no, já me tapou num...*

INQ1 *Não tens muito jeito para o tear, João!*

INQ2 *Tenho essa ponta aqui partida, pá.*

INQ1 *Tens que por... Põe mais para cá que fica mais largo...*

INQ2 *Mas eu já percebi. O que a senhora quer dizer é que depois quando puxar a premedeira, os de baixo vêm para cima e os de cima para baixo.*

INF1 Oh! A gente vão assim e a gente... É aqui rente é melhor. {pp} Oh! A gente

{PH|li'vavĩlɐ=levavam-na} assim aí, e depois a gente {PH|'fazĩ=faziam} assim. O que é que se trata aqui? Eu já sei o que é. Essa é com a outra. {pp} Vá. A gente depois põem outra!

INQ2 *Rhum-rhum. Fica aqui...*

INF1 E é: a gente punham aquela... A gente, isso {fp} ele dava-nos uma ideia era que quando arrebatassem um fio {pp} {PH|nẽ=não} enriçava.

INQ1 *Ah!*

INQ2 *Rhum-rhum. Pois, pois.*

INF1 Mas eu agora, eu (venho)... E outra: os algodões agora são muito mais fortes, não rebenta tanto.

Em primeiro {PH|ri'bĩ'tavĩ=rebentavam} mais. Agora não {PH|ri'bĩ'tavĩ=rebentam}. São {fp} mais rijos.

E é: a gente {PH|u'zavĩ=usavam} e depois {PH|ɛmɐ'ravĩ=amarravam} um atilhinho aí. E {fp} {pp}

INQ2 *Portanto, para substituir...*

INF1 (ele) a gente punha uma ferradura dessas e {IP|'tavɐ=estava} ali fazendo peso para aguentar as varinhas.

INQ2 Peso. Sim senhora.

INF1 Mas eu também, depois, deixei disso. {pp} Agora peguei foi por curiosidade.

Código de identificação do ficheiro: MIG50-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Andreia Idade: 56	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 07 lado: A min: 309-317	Inquiridor2:
Assunto: O linho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 16	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ Quando a senhora fazia coisas mais finas que precisava de fazer a franja, como é que fazia?

INF Ai a franja eu fazia era [ABlcom{fp}] com uma hastezinha, pequenina, que eu tinha. E era{fp} ou com o dedo [ABlou{fp}] ou com{fp} um bocadinho – um bocadinho assim como aquele que o senhor teve na mão. A gente {PHl'pupĩ=punham} ali só para nos guiar. Não era nada para...

INQ Pois. Dava algum nome a essa coisinha pequenina onde fazia a franja?

INF Não{fp}... Até [ABlnão] não sei.

INQ Não sabe.

INF Não sei. Porque a gente, quase sempre, a gente, {fp} {PHl'pir'tavĩ=apertavam} era {CTlku=com} o) dedo. Quase sempre. A gente {fp} {PHl'tavĩ=estavam} aqui. E aquilo é mais uma coisa que a gente fazem é sentadas.

Código de identificação do ficheiro: MIG51-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Andreia Idade: 56	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 07 lado: A min: 403-417	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: A lã	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 17	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ1 E aquele trabalho que se fazia com as meadas, de pôr na água e isso, era para quê? Depois de a meada estar feita.

INF Era para lavar {pp}, para tirar certas gorduras, porque é: a lã, antes de ser trabalhada {pp}, a gente, ele {PH|ka¹'davĩlẽ=escaldavam-na}, [AB|(ele) {PH|pujĩ=punham}{fp}] {PH|lẽ'vavĩ=lavavam} duas, três vezes... [AB|Às vezes] A branca, [AB|imb-] {PH|fẽ'ziĩ=faziam} barrela, que as barrelas antigamente era feitas era com cinza, {fp} que era para fazer {fp} a lã muito branquinha. Porque é: a gente {PH|fẽ'ziĩ=faziam} camisolas... Eu fiz tantas! As sueras que os meus pais {PH|ẽ'davĩ=andavam}{fp}... O meu pai e o meu irmão – o meu avô! – {PH|ẽ'davĩ=andavam} [AB|na] nas vacas... Ele depois de ter o fio da lã, eu é que fazia as sueras para eles. Porque eu também aprendi muito com a senhora Andresa. Eu sempre fui muito curiosa! Donde quer que (ele) eu pretendia que eu haveria aprender aquele serviço, eu ia ter com a pessoa, se me queria ensinar. E antigamente {PH|nẽ=não} havia aquela coisa de não quererem ensinar; {PH|ĩsi'navĩ=ensinavam} umas às outras.

INQ2 Pois. Claro.

INQ1 Rhum-rhum.

INF E eu aprendi muito com ela.

INQ1 Sim senhora. Quando a senhora está a fazer este trabalho aqui no tear, diz que está a quê?

INF Tecendo.

INQ2 E quando estava a fazer o trabalho na?...

INF Urdindo.

Código de identificação do ficheiro: MIG52-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Andreia Idade: 56	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 07 lado: B min: 57-104	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: O linho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 18	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ1 O, o, o fio ficava embrulhado aqui? Aqui em cima, era? Ou era aqui nesta coisinha?

INF Não senhor.

INQ1 Era aqui?

INF Isso é mais uma ideia daqui. Isso era um fuso daqui.

INQ1 Ah!

INQ2 Ah!

INF Isso é um fuso daqui.

INQ1 Está bem.

INF Mas isso é só para mostrar que elas tinham uma rodinha dessas assim em baixo.

INQ1 Sim senhor.

INF Havia umas que tinha era ele uma verga. E outras era mesmo de madeira,

INQ2 De madeira.

INF assim fininho, larguinho em baixo, ia... Mas assim mais alto,

INQ1 Mais comprido.

INF que isso também era mais comprido.

INQ2 Pois.

INQ3 Pois.

INQ1 Rhum-rhum. E esse era... É que era...

INF Até que pode ir ver esse que eu fiz novo,

INQ1 Pois. Exacto.

INF o fio é{fp} mais comprido.

INQ1 Sim senhora. Portanto...

INF Porque (ele) esse é comprido porque isso partiu daqui.

INQ1 Porque era de duas... Pois, está bem! Era para estar ali na roda...

INF É porque (ele) isso é daqui. Mas eu guardei porque como era uma coisa muito antiga, guardei. E elas {PHI'tavĩ=estavam} aqui, a dar-lhe o jeito sempre.

INQ1 A dar-lhe o jeito.

INF É sempre assim. E a vara, elas metiam- {PHI|e=na} aqui na cintura, a cana.

INQ2 A vara era o quê? A vara da cana?

INF A cana que tinha a maçaroca.

INQ2 A cana que tinha a maçaroca.

INF Sim. Elas {PHI'tavĩ=estavam} assim aguentando, e {fp} elas tinham lá a sua prática com os seus dedos, porque aquilo quando {fp} coisa, elas – ou com esses –, elas {PHI'davĩ=davam} jeito {CT|pɔ=para o} fio ir tudo no mesmo tear. E elas {PHI'tavĩ=estavam} aqui {fp} fazendo isso. Isso eu nunca {fp} aprendi, mas vi muito. Porque a gente {PHI'ĩ=iam} buscar a lâ... [AB| Aquela{fp}] {pp} A senhora Ângela {pp} que morou... Ela morou {PH|o=ao} pé do café [AB|do] do Anatólio. E ela {fp} é que nos fiava a lâ. A gente {PHI'ĩ=iam} buscar dum lado e {PHI'ĩ=iam} levar a ela para fazer [AB|o{fp}] o fio. E ela lá é que nos fazia [AB|o{fp}] o fio, e a gente depois {PHI'ĩ=iam} buscar. Ela, às vezes, dava em meada; e quando ela não nos dava em meada, ele {fp} ela dava-nos em novelo. Mas era sempre uma libra. A gente {PH|pɛ'gavĩ=pagavam} e tudo, o dinheiro, era por libra. Isso a gente nunca {PH|pɛrẽ'derĩ=aprenderam}. A minha mãe andava fora...

INQ1 Uma libra quanto, quanto é que pesava mais ou menos? Não sabe agora?...

INF Oitocentas gramas. Uma libra é oitocentas gramas porque eu cheguei a ter as pedras – e eu acho que ainda tenho isso guardadas por aí. Mas eu não sei donde foi que eu {PHI|e|=as} pus. Eu tenho a balança mas já muito {fp} velhinha. Ela {IP|ta=está} arrumada [AB|nu-] é numa caixa. Eu embrulhei- {PHI|i=lhe} e arrumei- {PHI|e=a}.

Código de identificação do ficheiro: MIG53-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Andreia Idade: 56	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 07 lado: B min: 120-123	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 19	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ E andou à escola ainda ou não?

INF Ai, tenho a quarta classe!

INQ Quarta?

INF A quarta classe que eu tenho! Porque era, antigamente, era o que se tinha.

INQ Era obrigatório. Claro, era.

INF Ele{fp} eu tenho a quarta classe.

Código de identificação do ficheiro: MIG54-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Andreia Idade: 56	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 07 lado: B min: 132-203	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: O linho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 20	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ1 E esta onde tem o tecido enrolado?

INF Ah, a gente {PHI'ʃəmĩ=chamam} é {fp} [ABlo {fp}] o rolo.

INQ1 O rolo.

INF É. [ABIA gente]

INQ1 Porque tem uma parte num órgão e depois outra parte no rolo, não é?

INF É. Porque a gente quando vão {PHlɛdʃkɛri'gɐdˀw=descarregando} daqui do órgão, a gente vão passando é {CT'pɔ=para o} rolo.

INQ1 Pois.

INQ2 Para não ficar muito cheio aí, não é?

INF Pois. A gente aqui não podem tecer com muita altura.

INQ1 Pois.

INF A gente quando tem aqui uns dois metros {pp} enrolado, a gente já não podem tecer mais porque isso fica muito alto.

INQ1 Pois.

INF E a gente {PHldizɛ'roli=desenrolam} e {PHI'pasĩ=passem} {pp}... A gente {PHI'fazĩ=fazem} assim: eu, agora, eu vou tirar uma tirada, que é...

INQ2 Uma tirada é o que está no?...

INF A tirada é para trás. E eu, agora, eu vou desenrolar o rolo {pp} – que ele mesmo estava para tirar.

INQ1 Rhum-rhum.

INF A gente {PHI'pasĩlɛ=passam-lhe a} vara (assim) {pp} até aqui a uma certa altura.

INQ1 A varinha?

INF A varinha, a gente {PHI'pasĩlɛ=passam-na} para aqui. A gente {PHlɛ'serfi=acertam} pouco mais ou menos aqui o coisa, e a gente {PHI'tɔrni=tornam}, medem, {PHI'pasĩ=passam} aqui {pp}

INQ2 *Os dedos, por aí.*

INF nos dedos, porque a gente tem aqui as nossas {fp} coisas. E a gente {PHl'ɾɔlĩ=enrolam} de novo. {IPl'to=Estou} enrolando porque eu já tirei a tirada. {pp} {IPl'ta=Está} pronto {PHl'a=a} gente começar outra vez ele {fp} a tecer. A gente {PHl'ʃəmĩ=chamam} isso é as cordas.

INQ1 *As cordas, que é o que prende a chave?*

INF É o que prende a chave [ABlde] daqui da parte de trás. Agora a gente, ele {PHl'puʃĩ=puxam} isso para trás ou coisa {pp} e a gente vem aqui, fazem o rolo.

INQ2 *Agora saiu daí.*

INQ3 *Essa está quase pronta. Essa medida...*

INF Essa, isso já {IPl'ta=está} acabando.

INQ3 *Está acabando.*

INF É. A gente {IPl'tẽ=estão} acabando. E mesmo a teia {pp} tem ali só mais uma manta. [ABlEu que-]

INQ2 *Está aqui marcada.*

INF Ele {fp}, ele {IPl'ta=está} aí marcado. Isso é um lacinho que eu ponho aí, porque, às vezes, se eu levo muito tempo a tecer e se eu me despercebo... É porque é: a gente quando era mantas, a gente sabem que {IPl'tẽ=estão} tecendo uma manta são dois ramos. Mas como há uma que quer dois metros, outra quer cinco metros, e a gente temos a nossa medida ali... Quando a gente urde – a gente {PHl'ʃəmĩ=chamam} aquilo é {pp} o ramo –, a gente sabem quantos ramos {PHl'bɔfĩ=botam} ali. Eu costume a carregar sempre {pp} dez mantas e meia. São vinte e um ramo.

INQ2 *Portanto, é dois ramos para cada...*

INF Para cada manta.

INQ2 *Para cada manta.*

INF Mas como a gente agora há uma que quer um bocado de passadeira e outra quer {fp} uma carpete que leva só dois metros e outra quer {fp} metro e meio por metro e meio, e eu para não me desperceber

INQ2 *Marca.*

INF [ABlquando eu che-, é o {fp}], quando eu começo a enrolar aí – quando a gente

{PHl'k^{wl}meĩ=começam} a carregar –, eu carrego um ramo. {PHl'ɛ'sinulu=Assino-o} logo, que é donde {IPl'ta=está} aí esse 'assinozinho'. A isso ainda não chegou porque eu {IPl'to=estou} acabando essa manta e ainda me fica mais um raminho.

INQ2 *Mas um ramo, qual é o comprimento que dá na manta?*

INF É dois metros e vinte cinco.

INQ2 *Portanto, são duas... quase duas varas. Não é bem. Não. É um bocadinho mais do que a vara, não é? Porque a vara é um metro e?...*

INQ3 *Um metro e dez.*

INQ1 *Um metro e doze.*

INF Um metro e doze.

INQ2 *É. Dois varas.*

INQ3 *Pois é. É duas varas.*

INQ1 É duas varas.

INF É duas varas. Duas varas, ele {pp} é uma manta. Mas há pessoas, como [AB| as a-] as camas agora {pp}

INQ1 São maiores.

INQ3 São maiores.

INF são maiores, elas pedem-me que querem com mais {fp} médida.

INQ1 Comprimento.

INF Eu faço da maneira que a pessoa quer.

INQ1 Claro.

INF Agora largura, {pp} eu não posso fazer mais do que esse.

INQ1 Não pode ser.

INF Que isso dá oitenta e {fp} cinco centímetros ou lá o que é. Mas eu tenho de cinquenta centímetros e tenho de sessenta. Porque ele {fp} talho-as então pelo lado de dentro. Eu tenho mais hastes; não é só essa.

INQ3 Pois.

INQ2 Rhum-rhum.

INF E isto é tudo, (ele){fp} tanto o liço, como a {PH|a|tə=haste}, eu é que faço tudo com a minha mão. Ele esse trabalho não é ninguém que {PH|lu=o} faça, eu é que sei fazer tudo.

Código de identificação do ficheiro: MIG55-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Andreia Idade: 56	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 07 lado: B min: 217-232	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 21	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INF A gente tecem os cobretores é por meio de uma carta. {pp} A gente para tecer os cobretores, a gente, {IP|ta=está} aí escrito. Porque a gente quando {PH|k^wmesĩ=começam} a repassar, a gente {PH|kĩpasĩ=repassam}, {pp} por exemplo, seis na folha de trás, seis na folha da frente, {fp} doze na do meio, uma na de trás e da frente... Nas de trás ou na das da frente, aquilo, a gente quando não errem, é aqui no tecer que a gente fazem o cobertor. O cobertor já {IP|ta=está} feito é aqui no repasso. Quando a gente {IP|tẽ=estão} repassando, a gente já fazem os 'encruzes' todos é ali. É {fp} aquelas medidinhas.

INQ1 Pois, pois.

INF É. E a gente até, a gente {PH|trv'baĩ=} é por carta. A gente temos [AB|lum{fp}] uma carta escrita {pp}

INQ2 A dizer como é que é.

INQ1 Pois.

INF a dizer como é porque ele também a gente não {PH|l'g^wẽfi=aguentam} tudo [AB|de{fp}] de cabeça.

INQ1 Na cabeça. Pois.

INQ2 Rhum-rhum.

INF [AB|A gente tem-] Eu tenho aí [AB|lum-] três ou quatro feitos [AB|de] de cartas.

Código de identificação do ficheiro: MIG56-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Andreia Idade: 56	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 07 lado: B min: 257-323	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 22	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INF1 Aquilo é as cabaças donde a gente {PH|ɛru'mavĩ=arrumavam} as{fp}...

INF2 Sementes.

INF1 As sementes. {pp} Eu também nunca {CT|lɛz=as} desprezei. Até com aquelas eu disse: "Não se{fp}"... Isso veio {fp} quando {PH|ti'rarĩ=tiraram} tudo lá de cima de casa [AB|de] de meu irmão. E eu{fp} fui... Mesmo os capachos, a canga...

INQ1 Mas a?...

INF1 [AB|E{fp}] E eu dei muita coisa {CT|pɔ=para o} museu: o carro de bois; o carro de bois do papá! {IP|ta=Está} lá em baixo no museu.

INF2 Foi {CT|pɔ=para o} museu.

INF1 Foi. Eu dei-{PH|li=o} {PH|ɔ=ao} museu. Eu dei-{PH|li=o} {PH|ɔ=ao} museu na condição: um dia que a gente {PH|'kɛj'rĩ=queiram} fazer uma festa ou coisa, eles...

INF2 Poder levantar?

INF1 Sim, poder levantar. Eu ofereci. (Ele) aquilo deixava-me dinheiro mas eu disse: "Eu quero que me estimem isso"! Porque se eu tivesse lugar, {pp} eu {pp} botava era aqui.

INF2 Lá é que está bem estimado.

INQ2 Pois.

INF1 Mas aquilo lá, eu disse: "Não é para me porem à água"! Eles {PH|di'serĩ=disseram} que não. Ele {IP|ta=está} lá bem estimado. Eu dei muita coisa! {fp} O senhor{fp} Amílcar – não é? – {pp} conhece aquelas caixas que {PH|li'vavĩ=levavam} {CT|pa=para a} tropa, {pp} que era abertas – é metade aberto?

INF2 É, Amílcar. Não conheço?

INF1 Eu dei uma também {CT|pɔ=para o}{fp}...

INF2 (...)

INF1 É o senhor doutor Anaxágoras, {pp} para arrumar as suas roupas.

INF2 Cada um levava a sua caixa [AB|para] para arrumar as suas roupas. Mas sabe que hoje em dia já não é assim. (Porque) /É que\ hoje em dia, [AB|o{fp}] o quartel é que dá as caixas. Mas no tempo que eu fui {CT|pa=para a} tropa, a gente é que {PH|li'vavĩ=levavam} a caixa de casa.

INF1 É. O meu irmão também quando foi {fp} levou sua caixa. O senhor doutor Anaxágoras {pp} {IP|tevi=esteve} cá e gostou muito de muita coisa. Gostou de muita coisa (ele) que a gente tem: a banca [AB|de meu irmão lavar] de lavarem os pés, a trempe. Coisas assim muito antigas: um alguidar quebrado, uma balsa. Ele ele gostou muito e eu...

INQ2 A balsa era o quê?

INF1 Era {fp} uma salgadeira de salgar...

INF2 Em barro.

INQ2 Em barro?

INF1 É em barro.

INF2 É, sim senhora. É em barro. Ainda tenho lá uma no... A senhora quando foi tirar a fotografia ao quintal tinha lá uma {pp} [AB|cheia de] {pp} cheia de terra, [AB| para ele {fp}] para qualquer dia despejar a terra e lavá-la também para {fp} fazer o sal com ela.

INQ2 Ah! Eu não vi.

INF1 De terra. {pp} Ah, ainda ele o senhor Aristóbulo ainda salga nela?!

INF2 Eu tenho! Eu ainda tenho, tenho!

INF1 Rhum-rhum. [AB| As minhas e {fp}]

INF2 Ainda tenho uma.

INF1 A última que eu tinha, (ele) o senhor do museu levou- {PH|lẽ=a}. Ele gostou muito e eu disse: "Ah, senhor, pronto! O senhor leva consigo".

INQ2 Rhum-rhum. Pois é. Essas coisas é bom estar nos museus porque a gente sempre vai lá e vê e...

INF1 A gente – é, é – vê e {fp} {IP|ta=está} mais bem guardado do que seja (em)...

INQ2 Pois.

INF2 Pois é porque agora já não se {fp}... Por exemplo, os carros de bois – não é? – aquilo ocupa muito lugar. É preciso [AB|estar] estar num lugar à abrigada, não é?

INQ2 Pois é.

INF2 [AB|Já não] Já não {PH|'uzĩ=usam} aquilo.

INF1 Aquilo quase que tem cinco metros de comprido. Não tem?

INF2 Ah! Cabeçalho e tudo! Cabeçalho e tudo!

INF1 Ah, é o cabeçalho e tudo.

INF2 É mais ou menos isso. Os carros aqui {fp} {PH|'erĩ=eram} grandes.

INF1 Eram enormes esses carros! Azeviche!

INF2 Os nossos carros aqui eram...

INQ2 Cinco metros de comprido?

INF2 Era a freguesia que os carros {PH|'erĩ=eram} mais grandes eram os nossos carros aqui.

INF1 Era.

INF2 A gente {PHI'veĩ=vêem} carros aí nas outras freguesias, que ainda há, mas muito mais pequeninos do que os nossos.

INQ2 *Hum!*

INF2 Mesmo aí nas ilhas para fora, a gente, às vezes, na televisão, {PHI'veĩ=vêem} é como carrinhos {pp} pequeninos, não é?

INQ2 *Pois. É.*

INF2 Os nossos carros {PHI'erĩ=eram} grandes. E então quando {PHIkøri'gavĩ=carregavam} milhos! Porque isso ele eram grandes seves de milho!

INQ2 *Pois.*

INF1 Ele o senhor Anaxarco da Carreira chegou a fazer uma seve.

INF2 Pois. (É, é).

INF1 {fp} O museu é que {PHIi=lhe} falou e diz que essa seve {IPIta=está} no nosso carro.

INQ2 *Ah!*

INF1 Ele {fp} eu ainda não fui lá baixo ver porque papá tinha ali a sua arribana que era de arrumar os {fp} coisas, começou-se ele {fp} a estragar que era de milheiros, de coisas assim e {fp} {pp} pronto!

INF2 Pois. Fica tudo ao ar livre.

INF1 Eu não {PHIi=lhe} dei {CTIpø=para o} museu mais cedo porque o Celso nunca deixou. Mas [AB]quando ele] quando se {PHIpør'tirĩ=partiram} – porque eu é que {fp} arrematei os bens de meu pai todos... Quer dizer, {PHInũ=não} foi só para mim! Mas eu é que avaliei... {fp} Arrematei, eu arrematei. Eu não peguei em tudo para mim porque eu não quis. Dei uma parte a meu irmão e outra parte a Andresa, e a minha irmã Angélica, que o (ele) o Celso não. Recebeu foi dinheiro. E {fp} pronto! Depois que eu {fp} tenho o {fp} carro no meu poder, eu dei- {PHIi=lhe} logo {PHIø=ao} museu. Mandei- {PHIi=lhe} logo dizer para eles {PHI'virĩli=virem-no} buscar. A gente {PHIi=lhe} {PHIfi'zerĩ=fizeram}...

INQ2 *Fez bem.*

INQ3 *Pois.*

INF1 Eu {PHI'puli=pu-lo} lá em baixo. Eu gosto muito de coisas antigas.

INQ2 *Pois. Então e isso aí por cima do senhor é que é o?...*

INF1 É o milho.

INQ2 *Milho quê?*

INF1 É {fp}... Isso é as maçarocas do milho.

INF2 Está ali o milho {fp} vermelho.

INQ2 *Mas que milho? É um milho especial.*

INF1 É o milho do pão.

INQ2 *Mas é um milho vermelho, é especial.*

INF1 Aquilo era antigamente, quando a gente {IP|'tavĩ=estavam} fazendo serões, {pp} que a gente {PH|ɔpɛ'ɲavĩ=apanhavam} uma maçaroca daquelas...

INF2 É isso mesmo. Antigamente.

INQ2 O que é que faziam?

INF1 Oh{fp}! {PH|'ĩi=Iam} dar um beijo...

INF2 Faziam uma festa grande.

INF1 É, é. Ou {fp} acabava o serão {pp} ou faziam os namorados, se tinha namorados...

INF2 Oh, os rapazes, os rapazes {PH|bɔ̃j'ɰavĩ=beijavam} aquelas raparigas, se for rapaz que achava a maçaroca... [AB|Ou uma] Ou uma rapariga é que achava a maçaroca: "Agora tens que dar um beijo nesse pessoal todo que está aqui dentro fazendo o serão".

INF1 E antigamente os noivos não se beijavam à vista das noivas e ali à vista dos pais!

INQ2 E ali podiam?!

INF1 E ali{fp}...

INF2 Esse era obrigado!

INF1 Era obrigado a dar! Ali é que eles{fp} satisfaziam as suas vontades.

INQ2 E chamavam milho quê?

INF2 [AB|A gente] A gente, (ele) primeiro {PH|trɔ'tavĩ=tratavam} isso era o milho-rei. [AB|Era como se]

INF1 Era o milho-rei, era.

INF2 Era o milho-rei. Mas isso pode ter outro nome. [AB|A gente (...)]

INF1 Agora a gente {PH|'fɛmĩ=chamam} é o milho-mulato.

Código de identificação do ficheiro: MIG57-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Felizberto Dias Cassete nº: 08 lado: A min: 57-84	Inquiridor2:
Assunto: O gado ovino	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 23	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ E também havia ele antigamente ovelhas...

INF (Havia). Oh! O meu pai tinha!... A gente tinha muitas. E não era só o meu pai. Havia muitas ovelhas. [AB|Ainda{fp}] E {PH|fɛ'zĩ=faziam} [AB|muitos] muito trabalho com a lã de ovelha.

INQ Sim. E o homem que tomava conta das ovelhas como é que se chamava?

INF O homem era pastor.

INQ Pastor.

INF (Ele era) pastor. [AB|Ele] Isto é: a gente tinha ovelhas mas ninguém tomava conta delas! A gente todos, as nossas ovelhas – porque a gente tinha muitas, também; e não só a gente, aqui mais acima havia outro lavrador que também tinha muitas... Mas a gente {PH|lu'zavĩ=usavam} as ovelhas amarradas!

INQ Sim.

INF Sempre amarradas. Algumas à solta mas a força era {PH|ɛmɛ'rarĩɛf=amarrarem-nas}.

INQ Sim.

INF E a gente todos {PH|kuj'davĩ=cuidavam} nelas, qualquer um ia lá e {PH|mu'davĩɛf=mudavam-nas}.

INQ Ah!

INF Não {PH|ĩ'davĩ=andavam} à solta [AB|como um rancho de] como um rancho de cabras, um rancho de ovelhas. E [AB|a{fp}, a{fp}] a gente não, a gente não; a gente sempre {PH|ti'veĩ=tiveram} ovelhas mas era sem amarrá-las!

INQ Ah, e se fosse, por exemplo, um pastor com?...

INF Ah, o pastor, isso ele cuida nas ovelhas à solta, {CT|ne=não é}? Como um cabreiro...

INQ Quando um cabreiro está ali com, com as ovelhas, o que é que a gente diz que ele está fazendo?

Ele está?... O que é que ele está?... Ele está guardando? Ele está?...

INF {fp} Ele {IP|ta=está} só tomando conta delas. Por exemplo, (pode) por causa dos cães,
{CT|ne=não é}? Porque as ovelhas ou as cabras, quando se ({PH|eʒũ'tarĩ=ajuntarem})
/{PH|eʒũ'tarĩ=ajuntaram}), elas {PH|'parĩ=param} em qualquer parte, quando começarem a comer, elas
{IP|tẽw̃=estão} todas juntas. E o dono está ali só para cuidar delas, [AB|para{fp}] {CT|pɔ}=para os
cães não fazer mal a elas [AB|e essas] e trazê-las à noite {CT|pɔ=para o} curral, [AB|para] para
{PH|lɛz=as} ordenhar {fp}, em certos lugares.

*INQ É isso. E, e quando, por exemplo, as ovelhas ou as cabras estão a comer, estão comendo, o que é
que a gente diz que elas estão a fazendo? O que é que elas estão a fazer? Elas estão?...*

INF Elas estão pastando. {IP|tẽw̃=Estão} comendo.

INQ Estão pastando.

INF Exactamente. {IP|tẽw̃=Estão} pastando.

Código de identificação do ficheiro: MIG58-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Felisberto Dias Cassete nº: 08 lado: A min: 139-196	Inquiridor2:
Assunto: O gado ovino	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 24	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ E ele antigamente onde é que se juntavam as ovelhas para fazer?...

INF Não senhor. O leite... Ah! [AB|pa-] {CT|pa=Para a} tosquia?

INQ Sim. Para a tosquia.

INF {fp} A gente {fp}, o meu pai, e eu, eu sempre me lembra que {fp} os que tinham ovelhas – eu ainda tenho aqui uma tesoura que era para fazer esse [RP|esse]... Se quiser ver, eu posso ir lá mostrar. [AB|Já não é] Já não corta, mas era com aquilo que a gente {PH|kur'tavĩ=cortavam} a lâ da ovelha. O senhor vai-me dar licença que eu vou buscá-la. {pp}

[Corte na gravação]

INF A tesoura que a gente se {PH|tu'kjavĩ=tosquiavam} as ovelhas! A gente trazíamos aqui para baixo, depois a gente peavam-nas, {fp} as mãos e os pés, para elas estarem quietinhas, a gente {PH|pig'avĩli=pegavam-lhe} pela cabeça, {PH|kumi'savĩ=começavam} pela cabeça, e {PH|iĩ=iam}, {PH|iĩ=iam}, {PH|iĩ=iam}, {pp} e {PH|iĩ=iam} cortando em toda a volta, e a lâ ia enrolando de volta do corpo da ovelha... [AB|{fp} A tal, era] Era com essa tesoura que se cortava a lâ da ovelha.

INQ Hoje em dia já ninguém faz isso, não é?

INF Já agora não senhor. Agora têm máquinas preparadas que é como um 'mochim'. [AB|É liga-] É electricidade. {PH|iĩ=iam} aquilo, é diferente. É. Mas no tempo era com isso.

INQ Sim. Sim. Sim. E, portanto, onde, onde é que se se?... Onde é que se juntavam as ovelhas para, para tosquiar?

INF A gente {PH|tre'zĩle}=traziam-nas} para casa.

INQ Sim.

INF [AB|A gente] O meu pai trazia, quando era [AB|lera]... Que a gente tosquiavam as ovelhas [AB|duas] duas vezes no ano – duas ou três vezes, parece-me. {pp} Não tenho bem a certeza, mas duas

[ABLE-, era] era firme. Duas no ano. Porque se não se tosquiava as ovelhas a tempo e a hora, elas ficavam tomadas {pp} e {PH|mu'riĩ=morriam}.

INQ Ah!

INF Ele morriam com a lã de ovelha porque era muito quente nelas. A gente tínhamo-las que tosquiar {fp} nas épocas {pp} próprias [AB|para] para elas não morrerem, {CT|ne=não é}?

INQ Sim. Não se juntava num, num sítio para?...

INF Não senhor. [AB|Traziam] A gente {PH|tre'ziĩ=traziam} as nossas era [AB|para] para casa, [ABLE em c-] e em casa, não era dentro em casa, era num..., atrás, {fp} ou num pátio assim como há aí.

INQ Sim.

INF A gente, por exemplo, se fosse nesse tempo, era aí fora que se tosquiava as ovelhas.

INQ Pois. E não se guardava num curral, não se fazia isso num curral?

INF {fp} Quem tinha, isto é {fp}, curral... {fp} Aqui, em Ponta Garça, eu nunca vi ovelhas acurraladas. (Isso) cabras, sim senhor. Ovelhas, quem {PH|le}=as tinha era amarradas como eu já disse ao senhor.

Era ele nos campos. Ele {PH|ẽ'davĩ=andavam} sempre mais acauteladas, então, mais perto de casa por causa dos cães. Porque os cães {PH|digu'lavĩ=degolavam} muitas ovelhas! {fp}

{PH|ju'pavĩ=Chupavam} o sangue e deixavam-{PH|le}=nas mortas.

INQ Sim. Pronto. Mas usa-se o curral aqui? Há?...

INF (Ah!)/Há. Hoje já não se usa curral; usava-se curral [AB|para] para vacas – {CT|pa}=para as vacas!

INQ Sim.

INF E os cabreiros, {CT|pa}=para as cabras!

INQ Sim.

INF E algum que tinha alguma ovelha, de repente caldeada com a cabra, também vinha {CT|po}=para o curral, {CT|ne=não é}?

INQ Pois.

INF Porque, às vezes, um cabreiro tem uma ovelha ou duas, {CT|ne=não é}, e vão, e vinham caldeadas. Hoje já não há cabreiros aqui também!

INQ Ah! Mas antigamente havia muitos?

INF Havia muitos, muitos cabreiros! [AB|E, e essas que tinham] E essas pessoas que tinham ovelhas, como o meu pai e mais pessoas aí para cima, [AB|não] não {PH|le}=as traziam {CT|po}=para o curral. {fp} {PH|ẽ'davĩ=Andavam} sempre mais perto e {CT|o=ao} jeito da gente, {CT|ne=não é}, {CT|o=ao} de casa, não é, {fp} nesses bocadinhos mais perto de casa, por causa dos cães...

INQ Sim. E... Mas quando se guardavam as ovelhas lá em cima no mato, não se usava um abrigo qualquer para as ovelhas se?...

INF {fp} Isso as ovelhas não {PH|pri'sizẽw=precisam} de abrigo. [AB|Não] Nunca

{PH|prisi'rari=precisaram} muito de abrigo porque {fp} elas por si se {PH|le'brigĩ=abrigam}! A ovelha quando {IP|ta=está} coberta de lã, {pp} ela não acha frio nenhum.

INQ Sim.

INF (Que até o que se) costuma-se a dizer {fp}... A gente aqui {PHI'uzĩ=usam}... Uma pessoa, {pp} às vezes, o tempo {IP|ta=está} norte, {CT|ne=não é}, e o [AB|no-] norte, (ela), de cima, fica abrigada rente a uma barreira, não é verdade? Mas a ovelha, às vezes, procurava contra e a gente {PH|di'zĩi=diziam} assim: "Oh! Tu {IP|ta}=estás} como as ovelhas: tu procuras contra o tempo"! A ovelha no tempo que {IP|'tavẽ=estava} norte e ela aí é que fugia ali para baixo!

INQ Ah! Sim, sim.

INF Não sei se o senhor {IP|ta=está} compreendendo?

INQ Sim, é isso.

INF O norte abriga de cima, {CT|ne=não é}, e elas [AB|não] não se abrigavam. Elas {IP|'tavẽ=estavam} cheias de lã, {CT|ne=não é}, não sentiam frio. Era andar para baixo, contra o tempo!

INQ Sim.

Código de identificação do ficheiro: MIG59-C	
Localidade: Ponta Garça Distrito: Ponta Delgada	Concelho: Vila Franca do Campo Data: 1996
Informante1: Amílcar Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Felizberto Dias Cassete nº: 08 lado: A min: 234-247	Inquiridor2:
Assunto: O leite e o queijo	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 10B faixa: 25	Data da primeira transcrição: Jun.01 Data da revisão final: Out.03

INQ E an-... E antigamente, antes de existir o coalho, usava-se outra coisa para fazer o queijo...

INF Os cabreiros {PHlu'zavĩ=usavam}... Ou quando nascia um cabritinho pequenininho, {PHlti'ravĩ=tiravam} o bucho daquele cabritinho e dali é que faziam o coalho [ABlpara a coa-] para fazer os queijos.

INQ Ah! E dava-se algum nome a isso, a isso?

INF É. Isso tem nome. Eu vou ver se me recorda. {pp} Isto tem nome: [ABlé{fp}] é o bichinho [ABlde co-de{fp}], um bichinho...

INQ É difícil lembrar-se o coiso...

INF Pois, isso tem... [ABIEu{fp}] Eu, se eu penso num... Mas agora não me vem à ideia.

INQ Rhum. Mas não é?... Não se chamava isso, não era o coalho, ou era?

INF Não. Coalho era... Desse bichinho é que se fazia o {fp}... Aquilo é: antes [ABl{PHlɛzũ'tavĩ=ajuntavam}] {PHlti'ravĩ=tiravam} aquele bichinho...

INQ Mas dava-se um nome, um nome...

INF Um nome. Exactamente, dava-se, sim senhor.

INQ Não era a palavra coalheira, não?

INF Ele a gente {PHl'davĩ=davam} outro nome aquilo. Não me {PHlɛri'kɔrdu=recordo}.